



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

PHIAMA GONÇALVES DE LIRA

**PRÁTICAS ALFABETIZADORAS E SABERES DOCENTES EM UMA ESCOLA
COMUNITÁRIA DO BAIRRO DO COROADINHO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

SÃO LUÍS
2023

PHIAMA GONÇALVES DE LIRA

**PRÁTICAS ALFABETIZADORAS E SABERES DOCENTES EM UMA ESCOLA
COMUNITÁRIA DO BAIRRO DO COROADINHO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tamara Fresia Mantovani de Oliveira

SÃO LUÍS

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

GONÇALVES DE LIRA, PHIAMA.

PRÁTICAS ALFABETIZADORAS E SABERES DOCENTES EM UMA
ESCOLA COMUNITÁRIA DO BAIRRO DO COROADINHO : PRIMEIRAS
APROXIMAÇÕES / PHIAMA GONÇALVES DE LIRA. - 2023.

106 p.

Orientador(a): TAMARA FRESIA MANTOVANI DE OLIVEIRA.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, SÃO LUÍS - MA, 2023.

1. Alfabetização. 2. Coroadinho. 3. Escolas
Comunitárias. 4. Saberes da Ação Pedagógica. 5. Saberes
Pedagógicos. I. MANTOVANI DE OLIVEIRA, TAMARA FRESIA. II.
Título.

PHIAMA GONÇALVES DE LIRA

**PRÁTICAS ALFABETIZADORAS E SABERES DOCENTES EM UMA ESCOLA
COMUNITÁRIA DO BAIRRO DO COROADINHO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES**

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Pedagogia da Universidade Federal
do Maranhão – UFMA, como requisito parcial
para obtenção de grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tamara Fresia
Mantovani de Oliveira

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Tamara Fresia Mantovani de Oliveira (Orientadora)

Pós Doutora em Educação - Área: Educação
Universidade Federal do Maranhão

Marise Marçalina de Castro Silva Rosa (2º Examinadora)

Pós - Doutora em Educação - Área: Educação
Universidade Federal do Maranhão

Maria do Socorro Estrela Paixão (3º Examinadora)

Doutora em Educação - Área: Educação
Universidade Federal do Maranhão

A Deus que me deu a dádiva da vida. Aos meus pais, Liduina e Luiz a gratidão eterna. Aos meus irmãos Phelippe, Francisco, Heloísa, Arthur e José. Ao meu grande amor, José.

AGRADECIMENTOS

À Deus que me acompanhou e me deu forças nos momentos de dificuldade e a quem primeiro agradeço sobre tudo que acontece de bom e de ruim na minha vida.

Aos meus pais, Liduina Gonçalves e Luiz Laurentino que são a minha fortaleza, que sempre acreditaram desde o começo da minha jornada e nunca desistiram de mim. Aos meus irmãos, Phelippe, Francisco, Heloísa, Arthur e José com quem não só divido um laço sanguíneo, como sou grata em tê-los como companheiros fraternos. À minha prima Jacyara que para mim, é como uma irmã, que tem um coração lindo e gigante cheio de muito amor. À minha avó Raimunda, minha mãe duas vezes, quem amo demais, damos muitas risadas e tenho um carinho muito grande.

Ao meu amor, José Lopes, que no seu abraço me acolhe e me traz segurança nos momentos de tristeza e desestímulo, me aconselha a seguir melhores caminhos, me incentiva e acredita em mim quando eu mesma não acredito, me inspira a crescer e traz amor e paz para o meu coração.

À Amelia Reis e José Sexto Borges, que são meus segundos pais nessa vida, nunca duvidaram da minha capacidade intelectual, sempre acreditaram em mim, mais do que eu mesma pude. Sempre se disponibilizaram a me ajudar em tudo que eu precisasse.

À minha orientadora, professora doutora Tamara Fresia Mantovani de Oliveira, com quem pude compartilhar conhecimentos, me ajudando a percorrer caminhos da pesquisa dentro do campo educacional, indicando autores e leituras fascinantes, dando autonomia para pesquisar e também orientando caminhos sobre o aprendizado de assuntos de extrema importância para uma educação significativa, de qualidade e emancipatória. Obrigada pelas palavras, pelos conselhos, pela paciência e por ser compreensiva com meus erros e me ajudar a aprender com eles. Não há palavras que possam expressar tudo o que sinto, o quanto sou agradecida, o sentimento de gratidão que permeia em mim por tanto conhecimento adquirido que farão parte da minha prática pedagógica.

À minha grande amiga Larissa Baldez, irmã de coração, colecionamos muitos anos de amizade, muitas histórias de parceria e apoio mútuo. Sempre desejando o melhor uma para a outra, agora parceiras de graduação.

Aos meus amigos, Thaynan Ferreira, Erica Bianca, Matheus Felipe, Laryssa Rabelo, Samires Andrade, Yhago Alexandre, Flávia Larissa, Rayana da Costa, Renata Maranhão, Francisca Viana, Letícia Phaolla e a todos os colegas dentro da graduação que participaram direta e indiretamente para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Às profissionais da docência, da gestora Leal, das coordenadoras Aid, Rosiane e Marcela, das demais profissionais que fazem parte da Escola Irmã Maria do Socorro, que fizeram parte, não só da pesquisa, os relatos das entrevistas e o período que passei na escola, foram de grande importância para a minha construção pedagógica, profissional e humana.

À senhora Nery Mendonça e ao senhor Fernando Mendonça por me ajudarem na pesquisa, fazem um trabalho maravilhoso com o Ecomuseu Sítio do Físico e por serem pessoas maravilhosas. Agradeço também às lideranças do bairro Coroadinho, que fazem um trabalho maravilhoso em prol da comunidade em busca de melhores qualidades de vida.

À minha psicóloga Karleny Fonseca, que me fez enxergar no espelho reconhecendo-me como uma pessoa capaz de conquistar tudo o que posso, sendo merecedora da felicidade, do amor, ajudando-me a reencontrar a confiança em mim mesma.

À Universidade Federal do Maranhão que é minha casa desde 2017.1, lugar em que passei por toda uma jornada pedagógica de descobrimento e construção do meu conhecimento. Também aos professores, dentro e fora da graduação, que marcaram a minha trajetória e me inspiraram positivamente no ensino e que inspirarão a minha prática a partir de agora.

Aos meus familiares que estão ao lado do Pai e que fizeram parte da minha vida e agora restam muitas saudades. Meu primo Marcelo Dantas, meu tio Leutchenberg Sousa, minha madrinha Josefa Hortência e meu padrinho José Ferreira.

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer os saberes pedagógicos que as professoras alfabetizadoras adquirem ao longo da prática, bem como, de que forma utilizam metodologias próprias ou conhecidas para alfabetizar. Além disso, a pesquisa em questão propõe dar visibilidade ao estudo sobre as escolas comunitárias, que não apresentam pesquisas recentemente publicadas acerca da mesma. A partir da proposta apresentada, iremos compreender a origem do bairro Coroadinho, as lutas da comunidade e das lideranças, o Sítio do Físico e a Rede Coroadado de Natal, o histórico e como funciona a Escola Comunitária Irmã Maria do Socorro, bem como, a socialização, a compreensão e a reflexão sobre as práticas alfabetizadoras, saberes docentes e os desafios do ensino das professoras alfabetizadoras nesta. Para alcançar os propósitos da pesquisa, utilizaremos como basilares teóricos autores que debatem sobre os temas a serem estudados Adler (2002), Gauthier (1998), Giovanni, (2009), Libâneo (1994), Magda Soares (1998, 2003, 2005), Marin, (2011), Paulo Freire (1983, 1989, 1996), Pimenta (1997, 1999), Tardiff (2000, 2002). A pesquisa possui abordagem qualitativa do tipo colaborativa, utilizando ainda a observação participante como forma de obtenção de dados. Como técnicas de pesquisa, utilizou-se a leitura dos trabalhos dos autores citados para compreensão dos conceitos; leitura, análise e compreensão dos documentos que regem a escola, aplicação de entrevistas com as professoras, coordenadoras e gestora, bem como a transcrição e análise dos resultados correlacionando os dados das entrevistas com os conceitos estudados. Em conclusão, ressaltam-se três pontos que marcaram esta pesquisa. O primeiro ponto é a riqueza educacional encontrada no bairro Coroadinho. O segundo ponto se refere à falta de pesquisas sobre as escolas comunitárias. O terceiro ponto também está ligado à necessidade de conhecermos e discutirmos as práticas das escolas comunitárias e como essas práticas podem ser favoráveis para a alfabetização das crianças. Com este trabalho, buscamos abrir portas das pesquisas acadêmicas voltadas às escolas comunitárias, bem como, principalmente, aos saberes pedagógicos adquiridos pelas professoras ao longo de suas práticas.

Palavras-chaves: Escolas comunitárias; Alfabetização; Saberes Pedagógicos; Saberes da Ação Pedagógica, Coroadinho.

ABSTRACT

This work aims to know the pedagogical knowledge that literacy teachers acquire throughout their practice, as well as how they use their own or known methodologies to teach literacy. In addition, the research in question proposes to give visibility to the study on community schools, which do not present recently published research about it. From the proposal presented, we will understand the origin of the Coroadinho neighborhood, the struggles of the community and the leaders, the Sítio do Físico and the Rede Coroado de Natal, the history and how the Community School Sister Maria do Socorro works, as well as the socialization, understanding and reflection on literacy practices, teaching knowledge and the challenges of teaching literacy teachers in this area. To achieve the research purposes, we will use as theoretical basis authors who debate on the themes to be studied Adler (2002), Gauthier (1998), Giovanni, (2009), Libâneo (1994), Magda Soares (1998, 2003, 2005) , Marin, (2011), Paulo Freire (1983, 1989, 1996), Pimenta (1997, 1999), Tardiff (2000, 2002). The research has a qualitative collaborative approach, using participant observation as a way of obtaining data. As research techniques, we used the reading of the works of the cited authors to understand the concepts; reading, analysis and understanding of the documents that govern the school, application of interviews with the teachers, coordinators and manager, as well as the transcription and analysis of the results correlating the interview data with the studied concepts. In conclusion, three points stand out that marked this research. The first point is the educational wealth found in the Coroadinho neighborhood. The second point refers to the lack of research on community schools. The third point is also linked to the need to know and discuss the practices of community schools and how these practices can be favorable for children's literacy. With this work, we seek to open doors for academic research aimed at community schools, as well as, mainly, the pedagogical knowledge acquired by teachers throughout their practices.

Keywords: Community Schools; Literacy; Pedagogical Knowledge; Knowledge of Pedagogical Action; Coroadinho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Publicação de jornal da época que noticia a decisão judicial favorável à população do Coroadinho	19
Figura 2 -	Ruínas do Sítio do Físico	26
Figura 3 -	Ruínas do Sítio do Físico	27
Figura 4 -	Fachada da Escola Irmã Maria do Socorro	31
Figura 5 -	Dependências da Escola Irmã Maria do Socorro (Recepção)	32
Figura 6 -	Dependências da Escola Irmã Maria do Socorro	37
Figura 7 -	Dependências da Escola Irmã Maria do Socorro	40
Figura 8 -	Dependências da Escola Irmã Maria do Socorro (Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato)	42
Figura 9 -	Recreio	44
Figura 10 -	Apostila criada pela professora Conceição, chamada Caderno de Leitura	63
Figura 11 -	Livro didático da Pré Escola II	66
Figura 12 -	Exemplo de atividade de sondagem de português proposta pela professora Clarice aos alunos do 2º ano das séries iniciais	78
Figura 13 -	Caderno de planejamento disponibilizado pela Escola Irmã Maria do Socorro às professoras	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Escolas Comunitárias do Polo Coroadinho	24
Tabela 2 -	Horários de entrada e saída dos alunos	44

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CPF	Cadastro de Pessoa Física
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEAC	Instituto Educacional Assistencial do Coroadinho
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PcD	Pessoa com Deficiência
PNE	Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O BAIRRO COROADINHO E AS ESCOLAS COMUNITÁRIAS CONSTRUÍDAS PELA COMUNIDADE	18
3 ESCOLA IRMÃ MARIA DO SOCORRO: UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO	30
3.1 Histórico	30
3.2 A Educação Infantil	35
3.2.1 A Creche	36
3.2.2 A Pré Escola	38
3.3 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental	39
3.4 Auditório	40
3.5 Biblioteca	40
3.6 Recreio	43
3.7 Horários	44
3.8 A organização administrativa da Escola Irmã Maria do Socorro	45
3.8.1 O Diretor	46
3.8.2 O Secretário	47
3.8.3 O coordenador pedagógico	47
3.8.4 O corpo docente	48
3.8.5 Formação continuada	48
3.8.6 O corpo discente	49
3.8.7 Sobre a Avaliação	49
4 PRÁTICAS ALFABETIZADORAS, SABERES DOCENTES E OS DESAFIOS DO ENSINO NA ESCOLA IRMÃ MARIA DO SOCORRO	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA E COORDENADORAS PEDAGÓGICAS	101
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS E DA PRÉ-ESCOLA II	103

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou uma aproximação às práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras de uma escola comunitária do bairro do Coroadinho e teve como principal motivação o entendimento de que é necessário conhecer e dialogar com os desafios cotidianos do ensino nos anos iniciais, especialmente no âmbito da alfabetização escolar. Uma das consequências da Pandemia da COVID-19 foi uma maior aproximação entre a universidade e as escolas comunitárias. Neste contexto, tive a oportunidade de conhecer a Escola Comunitária Irmã Maria do Socorro.

Nas primeiras reuniões de orientação com a professora Tamara Fresia, fui convidada a participar de um projeto de extensão intitulado “Saberes docentes, didáticas de alfabetização e núcleos de formação docente em escolas públicas ludovicenses” que me despertou grande interesse pela temática. Embora o projeto estivesse voltado principalmente para as escolas da rede de ensino municipal, a impossibilidade de adentrar escolas públicas naquele período fez com que a professora Tamara levasse seus estagiários para escolas comunitárias e passasse a considerar a possibilidade de convidar também escolas comunitárias para participar deste projeto, ainda que seu foco fosse a escola pública.

Porém, as dificuldades de aproximação com as escolas públicas permaneceram ainda por um longo período e, por isso, a professora Tamara decidiu adiar o início do projeto de extensão e sugeriu um “desatrelamento” das pesquisas, minha e de sua outra orientanda, em relação ao projeto de extensão, nos incentivando a investigar e construir nosso próprio percurso investigativo, estudando o bairro em que moramos, as escolas comunitárias que nele existem e escolhendo uma entre elas para aprofundar a pesquisa. O projeto de extensão foi então um ponto de partida para nossas pesquisas, mas não o ponto de chegada. No meu caso, orientou que eu realizasse pesquisas em bibliotecas, em sites e páginas de redes sociais sobre a história do bairro do Coroadinho e solicitou à senhora Nery Mendonça, parceira do projeto de extensão e coordenadora do *Instituto Ecomuseu Sítio do Físico*, que me apresentasse para as lideranças do bairro Coroadinho e das escolas comunitárias a fim de que eu iniciasse as minhas pesquisas de campo.

Assim, tomei como ponto de partida as reuniões iniciais sobre o projeto de extensão, mas tive autonomia para construir meu próprio projeto de pesquisa. Em

linhas gerais, o projeto teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras da escola comunitária Irmã Maria do Socorro, buscando compreender como os saberes das professoras alfabetizadoras se manifestam nessas práticas.

Para percorrer os caminhos da pesquisa, busquei como referência a metodologia qualitativa, a qual segundo Flick (2009), esta abordagem se propõe a atender, descrever e/ou explicar os fenômenos por meio da análise de dados coletados. Também utilizando a metodologia colaborativa que, segundo Giovanni (2009), trata não só de associar agentes diretos de uma prática social ao conhecimento teórico sobre essa mesma prática, mas, igualmente, de associar pesquisadores acadêmicos aos saberes elaborados por professores a partir de sua própria experiência prática. De acordo com esta autora, a marca prioritária nesse tipo de pesquisa é o compromisso que se estabelece entre todos os participantes com a mudança da realidade em estudo e não só com a sua interpretação.

Nessa perspectiva, busquei um diálogo com o ponto de vista dos sujeitos da pesquisa, utilizando como principal técnica de pesquisa a realização de entrevistas, mas também consultei documentos produzidos na escola e realizei observação direta durante os dias em que estive de férias do meu trabalho.

Não é possível investigarmos as práticas pedagógicas de escolas comunitárias sem falarmos da história do bairro em que esta escola se situa, das lutas que deram origem a estas escolas.

Foi então que conheci pela primeira vez o Sítio do Físico onde reencontrei o senhor Fernando e a senhora Nery Mendonça¹, que por coincidência eram clientes da clínica em que trabalho e também conheci muitas pessoas que fazem parte direta e indiretamente do Coroadado de Natal, bem como as lideranças do bairro que estão à frente de muitos outros trabalhos em prol da comunidade. Por meio deste encontro pude conhecer e descobrir tanto a história do Coroadinho, como a história do Sítio do Físico e da Rede Coroadado de Natal. De tal forma que também pude conhecer as lideranças e perceber a riqueza de trabalhos já realizados, de compromissos, de histórias de vida que inspiram e o que essas pessoas ainda pretendem fazer em favor da comunidade. Ao entrevistar os moradores do bairro, pude me conectar com

¹ É relevante apontar a importância da participação da senhora Nery Mendonça para a pesquisa, pois, ela ajudou e convidou os moradores do bairro para participarem da pesquisa, bem como indicando a escola campo da pesquisa, a Escola Irmã Maria do Socorro.

sua história e as vivências que o bairro tinha. Percebi que, como moradora do bairro há 20 anos, ainda conhecia pouco o lugar onde vivia, pois apesar de tanto tempo como residente, não participava das atividades da comunidade, fazia o trajeto de casa para o trabalho ou escola/faculdade e assim por diante.

O bairro do Coroadinho abriga muitos moradores e também muitas histórias de vida, de luta e busca por melhor qualidade de vida, dessa forma, surgiram lideranças do bairro com intuito de transformar suas realidades e dos seus vizinhos. As lideranças criaram suas próprias associações, grupos, clubes, centros, voltados para atender a comunidade com serviços básicos voltados à saúde, lazer, cultura e educação em parcerias com outras instituições públicas e privadas.

Também foi muito interessante conhecer de perto as práticas alfabetizadoras da Escola Irmã Maria do Socorro. O contato, ainda que limitado pelo tempo, com o que pensam e fazem estas professoras me fez refletir, em certos momentos, sobre alguns caminhos que podem parecer únicos e indiscutíveis, mas não são quando entramos na escola, e que sabemos estão em construção, como todo o conhecimento científico.

A monografia está organizada em três capítulos e as considerações finais. Além do capítulo da introdução, no segundo capítulo intitulado “O bairro Coroadinho e as escolas comunitárias construídas pela comunidade” apresento um pouco da história do Coroadinho, das lutas desta comunidade que culminaram com muitas vitórias, entre as quais está a criação das escolas comunitárias em uma parte do bairro que não era, e ainda não é, atendida pela rede de escolas públicas e também com a criação da Rede Coroado de Natal, da qual participam o *Instituto Ecomuseu Sítio do Físico* e outras diversas instituições educacionais, familiares, sociais, religiosas e uma rede global de líderes comunitários, amigos e vizinhos.

No terceiro capítulo intitulado “Escola Irmã Maria do Socorro: uma breve caracterização”, considerando o pouco conhecimento que se tem sobre a escola comunitária, elaborei uma descrição da escola Irmã Maria do Socorro, em vários aspectos, tomando como referência as minhas observações de campo na escola e os documentos disponibilizados pela escola: *Estatuto Social do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho (2016)*, *Proposta Pedagógica (2021)* e *Regimento Escolar (2021)*.

No quarto capítulo intitulado “Práticas alfabetizadoras, saberes docentes e os desafios do ensino na Escola Irmã Maria do Socorro” apresento e discuto os relatos

obtidos nas entrevistas realizadas com a gestora, coordenadoras pedagógicas e professoras sobre práticas alfabetizadoras da escola, procurando dialogar com o sentido que estas profissionais atribuem às estas práticas.

Nas considerações finais retomo os pontos que mais marcaram a minha experiência nesta pesquisa e apresento alguns questionamentos a partir do contato com a escola e principalmente do contato com os relatos das professoras entrevistadas.

2 O BAIRRO COROADINHO AS ESCOLAS COMUNITÁRIAS CONSTRUÍDAS PELA COMUNIDADE

Entendo que conhecer os bairros em que as escolas estão situadas tem sempre uma relevância indiscutível para os estudos das práticas escolares e pedagógicas destas instituições e, no caso de escolas comunitárias, este conhecimento é imprescindível, pois estas escolas nascem das lutas e conquistas das comunidades destes bairros.

O Coroadinho é um bairro da cidade de São Luís do estado do Maranhão. Localizado na região central, é um bairro considerado “favela”, ou “aglomerado subnormal”². O Polo Coroadinho é composto pelas comunidades Bom Jesus, Vila Primavera, Vila dos Frades, Vila Conceição, Parque dos Nobres, Sítio do Pica-pau Amarelo, Vila São Sebastião, Alto do São Francisco, Vila Pocinha, Vila Nice Lobão, Vale Verde, Vila Tadeu Palácio, Conjunto Dom Sebastião, Vila Natal, entre outras comunidades. O Coroadinho conta com uma população habitacional de 53.945 pessoas, ocupando assim a 4ª posição no ranking das maiores favelas do Brasil, sendo assim considerada a maior favela do Norte-Nordeste, segundo dados divulgados no último censo pelo IBGE em 2010.

Por ser um bairro tão grande e com tantos habitantes, a história do bairro do Coroadinho em São Luís do Maranhão é oriunda de muita luta, suor e na tentativa de uma melhor qualidade de vida. Com isso, muitas pessoas vieram do interior do Estado do Maranhão e se instalaram na região por ser um ponto estratégico próximo ao centro de São Luís, instalando-se e fixando moradia às beiras do Rio das Bicas. Segundo Mota (1990), os primeiros moradores vindos de outros estados e, na sua maioria, do interior do Estado do Maranhão iniciaram a ocupação na região a partir de 1940. Estes moradores que começaram a viver ali, usavam a terra para pequenas plantações, até aquele momento, essa região era chamada de Sítio Caboclo.

² Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aglomerado subnormal é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação. No Brasil, esses assentamentos irregulares são conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outros.

A influência do espaço urbano nesta área, vindo do centro para a periferia, vai ter início somente em 1960 quando o governo do estado do Maranhão começa a realizar algumas obras nas proximidades desta região. O morador José Nunes Sobrinho conta que nos anos 1990, a prefeita Conceição Andrade solicitou reunião com representantes de bairros, sendo o senhor José Nunes Sobrinho um destes representantes, para apresentar o projeto do dinheiro de fundo perdido para serem construídas 900 casas e projeto de infraestrutura para o bairro. Pessoas de renda de 0 a 3 salários mínimos foram contempladas. Foram feitos também trabalhos educativos com as pessoas sobre o saneamento básico e esgoto.

É somente na década de 1980 que vai ocorrer a ocupação em massa das terras do Coroadinho a partir da migração de moradores que já haviam se instalado anteriormente em outra área, chamada de Coroadó e que fica nas proximidades. (DE JESUS PIO; DE ARAUJO, 2019). Esta ocupação (Coroadó) era chamada assim por causa do nome fictício de uma vila da novela Irmãos Coragem que foi exibida pela Rede Globo no início dos anos 1970. Assim, o nome Coroadinho foi escolhido exatamente pela proximidade territorial das duas ocupações, onde a primeira passou a ser conhecida como "Coroadó Grande" e a mais nova "Coroadinho", nomes que permanecem até os dias atuais (MOTA, 1990).

Figura 1 - Publicação de jornal da época que noticia a decisão judicial favorável à população do Coroadinho



Fonte: <http://coroadinhoemfoco.blogspot.com/2011/02/assim-foi-o-comeco.html>

No início da ocupação, um suposto dono das terras chamado Sandoval Silva Pimenta exibiu documentos que atestavam que as terras eram de sua propriedade

privada, começando a vender lotes, como se fosse legítimo proprietário, sem se preocupar com as pessoas que já haviam fixado moradia ali. A senhora Maria de Nazaré ocupava um dos terrenos que o suposto dono estava vendendo, encadeando assim, uma ação judicial de Maria de Nazaré, representando as 30 mil famílias ocupantes contra Sandoval que durou 5 anos.

No dia 22 de fevereiro de 1984, a Segunda Câmara do Tribunal de Justiça do Maranhão determinou causa ganha pelos moradores confirmando que as documentações apresentadas por Sandoval não tinham valor legal. Nomes fundamentais neste processo foram do advogado Sandes Macedo, que fez um levantamento histórico da área a fim de provar que a documentação apresentada era falsa e dos freis Eurico e José, ligados à paróquia Nossa Senhora da Glória, que deram suporte financeiro para as despesas processuais.

A violência urbana começou a fazer parte do cenário nacional brasileiro e não foi diferente na época da ocupação do bairro. No bairro do Coroadinho os índices foram notáveis, e além do bairro se tornar palco de violência, também passou a ser sinônimo de criminalidade em todo o Estado do Maranhão a partir daquela década até os dias atuais. (DE JESUS PIO; DE ARAUJO, 2019).

Gostava de plantar, viver da roça, trabalhava fora, mas nas horas vagas fazia roça. Aqui era muito bom de viver, não tinha marginalidade, os vizinhos eram bons vizinhos, vivíamos numa comunhão muito boa, mas a tendência do bairro de inchar, porque pra mim não é crescimento, cresce quando tem cultura, mas sem cultura não tem crescimento, tem inchamento e o bairro foi ficando perigoso, parei de pescar e plantar pelo aumento da criminalidade (Marinalva Trindade Meireles - informação verbal³).

O relato da Marinalva Trindade Meireles, moradora da Vila dos Frades, região do pólo Coroadinho, faz alusão à violência que começou a tomar conta do bairro.

A população que ocupou inicialmente as terras do Coroadinho na década de 1980, passaram a ter que conviver com a insegurança, ausência de saúde, lazer, educação, moradias dignas dentre outras condições básicas de sobrevivência por muitos anos, esquecidos pelo estado (elite econômica) e rotulados de “periferia” com sentido pejorativo e tom de segregação até os dias de hoje. (DE JESUS PIO; DE ARAUJO, 2019, p. 44).

³ MEIRELES, Marinalva Trindade. Entrevista. [mai. 2023]. Entrevistador: Phiama Gonçalves de Lira. São Luís, 2023. 1 arquivo. O roteiro da entrevista encontra-se transcrito no Apêndice desta monografia.

O Coroadinho é uma forma de ocupação urbana não planejada por organismos estatais ou empresariais, assim como, boa parte das áreas de ocupação da capital (TEIXEIRA, 2007). Por não haver planejamento, as pessoas se amontoaram e construíram suas casas em espaços pequenos, sem infraestrutura, sem saneamento, sem qualidade de vida. Por serem pessoas de baixa renda, a busca por empregos ser dificultosa e a remuneração ser baixa, a violência tomou de conta deste espaço tornando assim o bairro do Coroadinho com índices altos de violência e mortes.

Porém, o desenvolvimento econômico também chega à periferia. Moradores da região decidem se arriscar como empresários, atendendo ao público com serviços que um morador só teria acesso ao sair do bairro por algum meio de transporte. “O bairro melhorou no quesito de acesso a serviços de supermercado, farmácia, escola em que éramos obrigadas a se deslocar para o centro porque aqui não tinha”, destaca a moradora Mariluce Trindade Meireles, moradora da Vila dos Frades, região do polo Coroadinho.

Em uma pesquisa realizada pela Outdoor Social e divulgada pelo site do G1 - O portal de notícias da Globo em 2020, “o bairro Coroadinho, localizado na periferia de São Luís, está em sexto lugar na lista das dez comunidades que conseguem somar mais de 15 mil empregos registrados”. Os dados da pesquisa demonstram a capacidade e a vontade da população em transformar sua realidade.

Ainda segundo dados da pesquisa da entidade Outdoor Social, “o bairro tem 104 micro e pequenas empresas e 958 microempreendedores individuais. O número de comércios cadastrados é de 1.365.” Ao criar negócios, gerar empregos e renda para as pessoas da própria comunidade, a economia local cresce juntamente com a comunidade, que se desenvolve e prospera.

O comércio dentro do bairro Coroadinho é tão forte que o morador, hoje, não precisa pegar um transporte para sair do bairro para ir ao centro da cidade ou para o bairro do João Paulo, que são grandes centros comerciais da cidade de São Luís, para fazer compras ou adquirir serviços de beleza, saúde, estética, etc. As construções de pontos comerciais e casas esteve sempre a todo vapor. Se visitar o bairro hoje e voltar daqui um ano, verá muitas coisas diferentes, modernas, criativas e de grande variedade. O bairro do Coroadinho se tornou e cresce a cada dia mais como um centro comercial muito forte para a população que busca os serviços e

para a população que oferece esses serviços, sendo assim, uma circulação, fonte de renda e independência financeira para a comunidade.

Conhecemos tradicionalmente dois modelos de ensino no Brasil: público e privado. Uma terceira opção surge como uma opção frente às falhas em ofertas de vagas e qualidade da educação nas instituições públicas e o custo elevado nas instituições particulares de ensino. As escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas fazem parte da educação básica estando compreendida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB — Lei 9.394, de 1996). Como explica Gadotti (2012):

São também chamadas de escolas comunitárias muitas escolas particulares mantidas por congregações religiosas, masculinas e femininas, geralmente em áreas urbanas. Em áreas rurais destaca-se a rede de Escolas Famílias Agrícolas do Brasil e as escolas comunitárias (com características étnico-culturais próprias) criadas pelos imigrantes alemães, italianos, poloneses, japoneses e outros, que se estabeleceram nessas áreas, sobretudo no sul e no sudeste do Brasil. (Gadotti, 2012, p. 14)

As escolas comunitárias têm seu berço dentro da comunidade, geralmente, essas comunidades abrangem pessoas de baixa renda. De acordo com Agência Senado (2023),

as escolas comunitárias funcionam como cooperativas educacionais, com objetivo principal de, por meio da organização de profissionais autônomos e administração representada pela comunidade escolar (pais, alunos e professores), desenvolver serviços de educação com um preço acessível (Agência do Senado, 2023).

Segundo Kreutz (2000), o processo escolar comunitário no Brasil começou a ser estruturado mais a partir do final do século XIX, sendo em grande parte fruto das tensões entre igrejas e lideranças laicas sob o ideário liberal. Tratando-se do Maranhão, o estado vivia uma situação de muita pobreza. Com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 1755, a situação mudou.

O Maranhão, no final do século XIX, possuía uma forte indústria considerada uma das maiores do Brasil naquela época. No entanto, sua produção não foi suficiente para enfrentar a concorrência do sul do país, terminando por entrar num declínio econômico acentuado, ainda na primeira metade do século (ADLER, 2002).

Mediante esses acontecimentos, passou-se a ter um deslocamento significativo de pessoas do campo para a capital em busca de trabalho e de uma vida melhor. O senhor José Nunes Sobrinho, natural de Bom Jardim, é morador do bairro há 42 anos. Conta que latifundiários tomaram conta das terras de agricultores no interior fazendo com que se mudassem para capital e que veio para São Luís em busca de estudo e trabalho. Assim também é a história das irmãs Marinalva e Mariluce Trindade Meireles, moradoras da Vila dos Frades, região do pólo Coroadinho. há 38 anos, moravam no interior de Matinha, sonhavam em dar um futuro melhor para os filhos, um parente veio para a cidade tentar a vida e os chamou para virem também, se instalaram diretamente no bairro Coroadinho.

Os estudos que fiz apontam que, em vários lugares em que verifica a ausência de escolas públicas, as classes populares e trabalhadores se juntam na busca e na construção de meios de educar a si e aos seus filhos e as escolas comunitárias são uma alternativa de escolarização devido a escassa oferta e acesso à educação pelo poder público. Nos estudos de Adler (2002) acerca da escola comunitária, a autora identifica características comuns a essas instituições, tais como:

- Surgem do esforço conjunto das populações pobres de bairros periféricos das cidades. Encontram-se instaladas quase sempre em associações de moradores, centros comunitários, comunidades de base, clube de mães e similares;
- Comumente são criadas onde existe numerosa população infantil sem escola;
- Em geral, entre os seus criadores, incluem-se pais de famílias que desejam evitar que seus filhos menores vivam na rua e fiquem sem escolas;
- É comum serem produto da ação de populações que se encontram organizadas de alguma forma e que exprimem questionamentos a respeito dos seus direitos de cidadania.
- Frequentemente, contam com o apoio de instituições religiosas, principalmente da ação pastoral católica. Também, em geral, lideranças políticas envolvem-se na criação dessas escolas;
- Ofertam, basicamente, ensino pré-escolar e alfabetização para crianças, jovens e adultos. Estes dois últimos, no turno noturno. Isso talvez decorra do fato de que essas séries impliquem em gastos financeiros menores que as séries mais adiantadas;
- Possuem instalações pouco adequadas para a execução de atividades pedagógicas desejáveis. Em geral, dispõem de poucas salas de aula na mesma unidade escolar;
- Na maioria delas, o espaço é destinado a atividades físicas e de lazer é bastante exíguo ou inexistente;
- Apresentam formas de gestão variadas. Em algumas são os líderes locais ou professores os responsáveis pela gestão interna e pelas relações com as agências financeiras. Em menor número, há aquelas que adotam a participação dos pais, alunos e comunidade na sua administração;

- Comumente, a manutenção dessas escolas é assegurada, de modo combinado, pelo trabalho voluntário de pessoas da própria comunidade, por pequenas contribuições da própria clientela, pela captação de recursos financeiros junto a instituições públicas e outras, e também por doações oriundas de instituições religiosas;
- Contam com professorado, em sua grande maioria, proveniente da própria comunidade, possuidor de nível de escolaridade em geral baixo;
- Algumas delas apresentam projetos educacionais pautados no cotidiano que as envolve, enquanto outras procedem de maneira diversa (Adler, 2002, p. 30-31).

As moradoras Marinalva e Mariluce Trindade Meireles ressaltam que:

escolas comunitárias entre aspas porque são todas pagas pelos pais. Porque ao meu entender se é comunitária, ninguém deve pagar. Pagamos um valor de taxa que não é barata, fornecemos tudo quando pedem e precisam. Existem bastantes colégios comunitários que eles dizem ser comunitários mas são particulares (Marinalva e Mariluce Trindade Meireles⁴ - informação verbal).

Segundo Medeiros (2020), as escolas comunitárias são organizações privadas, porém, sem fins lucrativos. Instituídas a partir da Lei 11.183 que considera como tais aquelas criadas por grupos de pessoas físicas, por uma ou mais pessoas jurídicas, incluindo-se aqui cooperativas de pais, professores, e/ou alunos desde que incluam representantes da comunidade em sua entidade mantenedora. Sendo assim, são privadas, não possuem donos, ou repartição de lucros e devem sempre funcionar através de uma gestão participativa.

Tabela 1 - Escolas Comunitárias do Polo Coroadinho

NOME	CRECHE		PRÉ ESCOLA		CONVÊNIO	
	PARCIAL	INTE GRAL	PARCIAL	INTE GRAL	MUNICÍPIO	ESTADO
Centro Educacional e Profissional do Coroadinho – CEPC	X		X		X	
Creche Comunitária Alegria de Viver		X		X	X	

⁴ MEIRELES, Mariluce Trindade. Entrevista. [mai. 2023]. Entrevistador: Phiama Gonçalves de Lira. São Luís, 2023. 1 arquivo. O roteiro da entrevista encontra-se transcrito no Apêndice desta monografia.

Creche Escola Primavera		X	X		X	X
Creche de Jardim de Infância Frei Osvaldo	X		X		X	
Escola Comunitária Pimpolho	X		X		X	
Escola Comunitária São Sebastião III		X	X		X	X
Escola Comunitária Soldadinho de Cristo	X		X		X	
Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco			X		X	X
Escola Irmã Maria do Socorro	X		X		X	
Escola Nossa Senhora da Conceição	X		X		X	
Escola Nossa Senhora da Guia	X		X		X	
Escola Paroquial Frei Alberto	X				X	
Grupo Comunitário Semente da Esperança		X	X		X	
Primeiro Passo			X	X	X	

Fonte: https://www.fnde.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/167_fundeb?download=7731:escolas-conveniadas-conforme-a-portaria-1360-a&start=27

A educação do bairro Coroadinho é uma luta da própria comunidade acionando o poder público, municipal e estadual. Ao chegar no bairro, o morador José Nunes Sobrinho relata que não havia uma escola pública que atendesse ao bairro, foi tudo fruto de reivindicação dos moradores. Perguntados sobre a qualidade da educação do bairro do Coroadinho, as moradoras Marinalva e Mariluce Trindade Meireles relatam:

O ensino das escolas⁵ é muito bom. O que sei é que hoje tem uma escola de ensino médio que não tinha, que é Dorilene e que muitos destes alunos das duas escolas públicas, do Dorilene e Rubem Almeida, hoje já estão devidamente formados e encaminhados. A educação do bairro tem que melhorar no sentido das pessoas serem mais participativas, terem mais interesse (Marinalva e Mariluce Trindade Meireles - informação verbal).

Indo na mesma linha de raciocínio, o morador José Nunes Sobrinho confessa que a educação no bairro melhorou bastante mas, “se não trabalhar a questão da fiscalização do professor, da família e dos alunos, não vamos para frente, precisa haver trabalho educativo com a família dos alunos”. O entrevistado dá ênfase à importância de se ter um acompanhamento familiar à educação das crianças.

Figura 2 - Ruínas do Sítio do Físico



Fonte: a autora

De acordo com os documentos disponibilizados, o Sítio do Físico, antigo Sítio Santo Antônio das Alegrias, é lar das ruínas de um complexo industrial no início do

⁵ O Coroadinho conta com duas escolas de tempo integral do Estado. O Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro e o IEMA inaugurado recentemente. Também conta com uma escola do município, a Unidade de Educação Básica Rubem Almeida, escolas particulares e, na sua maioria, comunitárias.

século XIX, destinado à fabricação de cal, cera, vela, sal, curtume de couro, arroz, etc, onde trabalharam centenas de escravos. O Sítio do Físico foi construído por Antônio José da Silva Pereira, Físico-Mor da Província do Maranhão no período de 1799 a 1817.

A propriedade tombada em 1980 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), foi adquirida entre 2002 e 2003, pela sra. Nery Mendonça e o sr. Fernando Mendonça. O casal, para ter acesso à propriedade, atravessava por dentro das comunidades e assim, pôde perceber as necessidades que surgiam dela. Nery Mendonça afirma que:

O processo museológico do Sítio do Físico é o elo que liga o meio ambiente, o patrimônio e a comunidade. Não feito apenas por mim, mas com a participação da comunidade, fazendo uma diferença que nos leva a discussão do pertencimento, de se apropriar, do despertar de consciência, da união da comunidade. Não apenas a comunidade moradora do bairro, mas a comunidade científica local que tem uma forte participação com vários pesquisadores, sendo possível desenvolver estudos que venham trazer informações úteis e melhorar a vida das pessoas (informação verbal).

Figura 3 - Ruínas do Sítio do Físico



Fonte: a autora

Sempre envolvidos em trabalhos comunitários, Nery e Fernando Mendonça, quando adquiriram a propriedade chamada de “Sítio do Físico”, começaram a se questionar sobre como o Sítio do Físico seria utilizado também pela comunidade, assim surgindo a iniciativa social de criação do Instituto do Ecomuseu Sítio do Físico, em 24 de junho de 2006. O caseiro do sítio, José Pedra, então morador da

Vila dos Frades acabou sendo a ponte entre os proprietários e pessoas da comunidade.

Ainda em 2006, foi marcada uma reunião com os líderes de várias organizações, juntamente com a Nery e o Fernando, dentro da sede do Batalhão de Policiamento Ambiental em que foi feita uma reflexão sobre a relação do bairro com a violência e para discutir melhorias e ações para frear as taxas de criminalidade, que tendiam a crescer mais ainda dentro do pólo. Então, surge a ideia da criação do projeto “Coroado de Natal”, formado por instituições e grupos existentes no bairro. Em dezembro de 2007 foi realizado o primeiro evento do projeto “Coroado de Natal” com danças, jogos, corais, desfile de bandas e fanfarras pelas ruas do bairro, artesanatos, entre outras ações promovidas.

O Coroado de Natal se consolidou na comunidade, sendo ampliado e crescendo a cada ano, com exposições de artesanato, mostra de trabalho de moradores das organizações, além de serviços na área da saúde, atividade física e recreação para pessoas de todas as faixas etárias. O evento é sempre realizado a cada ano na primeira quinzena de dezembro mobilizando a comunidade. Indo em contrapartida do estigma de violência do bairro, o Coroado de Natal coloca em evidência o que há de bom e belo dentro das comunidades que fazem parte do pólo Coroadinho. Ao falar da Rede Coroado de Natal⁶, Nery Mendonça com orgulho relata

Essa caminhada que eles fazem em busca de melhores dias, em busca de conhecimento é a mesma estrada que eu percorro. Fazer parte da Rede Coroado de Natal, para mim, é um sentimento de pertença, de estar junto, compartilhar experiências, possibilidades, sonhos e tentar dentro do possível, melhorar as condições de vida das organizações e das comunidades. É uma grande ferramenta que nos proporciona um grande caminhar junto, uma grande experiência coletiva e sobretudo um aprendizado muito importante. Estou nessa rede de corpo e alma. Ela faz parte de mim como faço parte dela. Meus melhores sonhos passam por essa rede. Espero que juntos possamos promover muitas coisas boas. Como diz o poeta Raul Seixas “sonho que se sonha só é só um sonho que

⁶ Atualmente, a Rede Coroado de Natal é composta pelas instituições: Associação das Donas de Casa da Salina do Sacavém; Associação Núcleo de Educação Comunitária do Coroadinho - NEDUC; Centro Cultural Recreativo e Esportivo Madureira; Centro Educacional Profissional do Coroadinho - CEPEC; Centro de Integração Social de Pessoas Portadores de Deficiências, Idosas e Crianças; Clube de Mães do Bairro do Coroado; Coletivo Comunidade Ativa CCA; Coletivo Cultural Arte é Vida; Conselho Comunitário de Defesa Social do Polo Coroadinho; Creche Alegria de Viver; Dança Portuguesa Majestade de Coimbra; Escola Dorilene Silva Castro; Fraternidade Nossa Senhora dos Capuchinhos OFC; Grupo Beneficente Mães e Amigos da Vila dos Frades; Grupo Lusitano Esplendor de Miranda; Hora de Brincar; Igreja Nossa Sra. Da Conceição Coroadinho; Instituto Coroadinho da Esperança; Instituto Ecomuseu Sítio do Físico; Instituto Educacional Assistencial Coroadinho - INEAC; Instituto Social Familiar Guardiões; Instituto Rei Davi; Rotary Club de São Luís João Paulo, entre outros.

se sonha só, mas um sonho que se sonha junto é realidade” (Nery Mendonça - informação verbal).

A experiência de conhecer as práticas realizadas no bairro do Coroadinho, sobretudo as práticas voltadas à educação escolar, contribuíram muito para a minha formação como pedagoga, já que sabemos que as práticas realizadas dentro das escolas não estão isoladas das outras práticas sociais. Aprendi muito com todas as lutas travadas até o momento e desejo contribuir de algum modo com as lutas que serão travadas de agora em diante.

3 ESCOLA IRMÃ MARIA DO SOCORRO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Ao dar início a pesquisa de campo, as primeiras observações que foram possíveis perceber, foram as percepções físicas da escola. Foi constatado na Escola Irmã Maria do Socorro a organização da estrutura, bem como dos horários, a rotina, a organização dos materiais, dos espaços, dos documentos e das relações amigáveis entre a gestão, os professores e alunos.

Este capítulo irá intercalar descrevendo as características físicas e do funcionamento da escola com fotos tiradas pela autora, relacionando com observações dos estudos sobre os documentos que regem a escola, tais como: *Estatuto Social do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho (2016)*, *Proposta Pedagógica (2021)* e *Regimento Escolar (2021)*. Tudo o que será relatado aqui, faz parte do estudo e da observação da autora.

3.1 Histórico

A história da Escola Comunitária Irmã Maria do Socorro tem início a partir da fundação do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho, em 09 de novembro de 2004, sendo primeiramente denominado como Centro Sócio Educacional e Cultural do Coroadinho, posteriormente denominado como Instituto Educacional Assistencial Coroadinho. Segundo o Regimento Escolar (2021), “o Instituto Educacional Assistencial Coroadinho surgiu a partir da necessidade que a comunidade tinha de termos de demandas escolares para atendimento das famílias carentes desta comunidade.”

Essas pequenas escolas comunitárias criadas nos bairros mais carentes das cidades têm uma história bastante semelhante. Normalmente, elas foram criadas por grupos de moradores que já vinham se organizando no sentido de melhorar as condições de vida em seus bairros, e muitas vezes já se confrontando com os poderes públicos, seja pela legalização da ocupação de terrenos, seja pela conquista do acesso a serviços urbanos como pavimentação, luz, esgoto, transporte, atendimento à saúde, etc. (SPOSITO; RIBEIRO, 1989, p.14).

A Escola Irmã Maria do Socorro fica localizada na Rua da Estrela, número 46, na Vila Conceição, no bairro Coroadinho. Conforme exibido na figura 4, ao chegar, logo se identifica a escola pelo nome estar localizado de forma legível na fachada. Há um corrimão e rampa de acessibilidade que dá acesso ao portão de entrada e

saída da escola. Existe uma pessoa que controla a entrada e saída, porém, não é uma pessoa específica, qualquer funcionário da escola pode desempenhar esse papel. A escola tem dois pavimentos, o térreo e o primeiro andar.

Figura 4 - Fachada da Escola Irmã Maria do Socorro



Fonte: a autora

Localizada na região periférica da cidade, o corpo discente é composto por jovens que enfrentam adversidades socioeconômicas e culturais, provenientes de famílias que lutam para superar as dificuldades do dia a dia. Infelizmente, esses bairros carecem de opções de lazer, cultura e saneamento básico, o que torna ainda mais importante o papel da instituição em oferecer uma educação de qualidade e oportunidades para esses jovens.

É neste contexto surge a Escola Comunitária Irmã Maria do Socorro também iniciando suas atividades educacionais na mesma data da sua mantenedora com as etapas básicas Educação Infantil (Creche /Pré-Escola parcial), e o Ensino Fundamental anos iniciais ministrado por profissionais competentes selecionados com base em seus currículos e experiências e práticas (Regimento Escolar, 2021, p. 5).

A coordenadora Rosiane Cardoso afirma que “antes só funcionava uma escola comunitária, mas para conseguirmos recursos, precisávamos ter um CNPJ e precisávamos ter alguém jurídico por trás da escola que se tornasse mantenedor.

Por essa questão surgiu o instituto”. Os recursos os quais a coordenadora Rosiane Cardoso se refere, são recursos como contratos com outras instituições públicas ou privadas, obtenção de materiais, serviços, palestras, parcerias, etc.

Conforme apresentado na figura 5, na entrada da escola, há uma sala à esquerda onde fica localizado o Instituto Educacional Assistencial do Coroadinho, o INEAC. A secretaria fica ao lado e dentro fica a direção, que é a sala da gestora. Ao adentrar mais à escola, existe uma recepção com algumas cadeiras em que alunos ou visitantes podem se sentar e aguardar a saída ou atendimento. Nesse espaço, conta com uma pintura na parede da irmã Maria do Socorro, que dá nome à escola, também conta com um aparelho de som e microfone⁷.

Figura 5 - Dependências da Escola Irmã Maria do Socorro (Recepção)



Fonte: a autora

De acordo com o Estatuto do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho (2016), o instituto é pessoa jurídica de direito privado, de caráter civil beneficente sem fins lucrativos. A coordenadora Rosiane Cardoso ainda afirma que “O instituto pode trabalhar com várias finalidades, como promover amparo social e

⁷ É utilizado para comunicação por voz conectado com caixas de som instaladas nas salas do andar de cima. No momento da saída dos alunos, a pessoa responsável pelo controle do portão de saída, identifica o responsável que veio buscar a criança e chama o nome pelo microfone. Dessa forma, a criança que foi chamada desce a rampa e se dirige à saída sendo recebida pelos seus respectivos responsáveis.

produtividade, promover educação, assistência social, desenvolver proteção à família e muitas outras coisas.” Como esse trabalho é feito com a comunidade? De acordo com a coordenadora Rosiane, “associamos⁸ os responsáveis que necessitam de uma vaga na escola e também pessoas em vulnerabilidade na nossa comunidade. Precisam de escola ou de algum tipo de assistência. Se não pudermos oferecer, encaminhamos para outro órgão”.

Percebe-se o compromisso em que a Escola Irmã Maria do Socorro não pretende apenas ser uma instituição de ensino que atende crianças de 2 a 12 anos, mas que possa amparar a comunidade moradora da região. Portanto, a escola valoriza a participação de todos os segmentos escolares e, por estar localizada em uma região periférica de São Luís, em um bairro vulnerável socialmente, a instituição atende alunos e moradores de baixo nível social, econômico e cultural, em áreas carentes de opções de lazer, cultura e saneamento básico (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2021). De acordo com o Regimento Escolar (2021), a escola se propõe a promover ações que possibilitem:

- I. dar condições à criança para o desenvolvimento sensório-motor perspectivado adequado, levando o educando a amadurecer de acordo com suas possibilidades e condições físicas, intelectuais e ambientais;
- II. oferecer oportunidades variadas de expressão espontânea, livre, fácil e clara, através da linguagem, da pintura, desenho, atividades normais, música, canto, movimento rítmicos de dança;
- III. rodear a criança a um meio ambiente sadio, no qual ela possa conviver com os seus colegas e com todos os membros do seu grupo;
- IV. preencher as lacunas ou deficiências da educação familiar;
- V. preparar as crianças para realizarem satisfatoriamente a aprendizagem no curso fundamental;
- VI. preparar o adolescente para sua integração no processo socioeconômico cultural, presente na sociedade;
- VII. desenvolver a linguagem como instrumento de comunicação de sociabilidade e enriquecimento cultural;
- VIII. dar educação integral à criança, procurando atendê-la em todos os aspectos de sua personalidade,
- IX. oferecer à sua clientela, corpo docente legalmente autorizado e ambiente escolar adequado;
- X. promover a transição entre a Escola e o mundo do trabalho capacitando os conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividade profissional (REGIMENTO ESCOLAR, 2021, p. 7-8).

⁸ Os sócios do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho (2016), são distribuídos em fundador - o sócio que participou da reunião de fundação da entidade e assinou a ata de fundação; benfeitor - o sócio que presta serviços em favor da Entidade; contribuinte - o sócio que admitido na forma deste Estatuto estiver cumprindo as suas obrigações sociais; e honorário - aquele a quem a entidade pretende homenagear por relevantes serviços prestados à Entidade.

No que pode ser observado no período da pesquisa de campo, é que a escola não apenas oferece uma estrutura física que dê condições ao desenvolvimento cognitivo da aprendizagem da criança, mas que as relações são pautadas no cuidado, respeito e acolhimento. Portanto, a Escola Irmã Maria do Socorro entende a importância de promover um espaço não só de ensino dos conteúdos, mas de também, ser um espaço que promova relações respeitadas, artísticas, culturais que, além disso, são importantes para o crescimento pessoal do aluno para se tornar um cidadão atuante na comunidade.

Segundo o que é visto no Regimento Escolar (2021), a Escola Irmã Maria do Socorro se compromete em seguir rigorosamente as diretrizes estabelecidas pela Lei 9394/96⁹, Decretos, Resoluções, Parâmetros Curriculares Nacionais¹⁰, Base Nacional Comum Curricular - BNCC¹¹, pareceres emitidos pelos Conselhos Nacionais, Estaduais e Municipais de Educação, oferecendo a primeira etapa da educação básica como creche, pré escola e ensino fundamental dos anos iniciais.

Na Proposta Pedagógica (2021), o documento aponta para a Constituição de 1988, que em seu inciso IV do artigo 208, estabeleceu um marco importante para a educação no Brasil: o dever do Estado de garantir atendimento em creche e pré-escola para crianças de zero a seis anos de idade. O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu capítulo IV, Art. 53, inciso IV, reafirma esse direito, garantindo que todas as crianças tenham acesso a esse serviço.

Essa inclusão no capítulo da educação reforça a importância da creche como um ambiente educativo, que também oferece cuidados essenciais para o desenvolvimento infantil. Dessa forma, a escola está alinhada com os principais documentos e leis que norteiam a educação básica brasileira e embasada com o pensamento de teóricos da educação (Freinet, Montessori, Piaget, Vygostky, entre outros). Esses estudiosos abordam questões fundamentais como a concepção da infância, os processos de ensino-aprendizagem, as interações sociais e a relevância do brincar.

A Escola Comunitária Irmã Maria do Socorro tem uma Proposta Pedagógica (2021) que leva em conta as práticas pedagógicas, as competências da BNCC e os

⁹ Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (FEDERAL, 2005);

¹⁰ Referente às quatro primeiras séries da Educação Fundamental. (NACIONAIS, 1997);

¹¹ É um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018).

direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Além disso, a escola promove cuidado, brincadeiras e integração em todos os aspectos físicos, cognitivos, linguísticos, sociais, emocionais e afetivos. Identifica-se na rotina da escola em questão, o comprometimento das profissionais em aplicar as diretrizes da BNCC com as crianças, dentro e fora de sala de aula.

Ainda no que se refere a Proposta Pedagógica (2021), é baseada na abordagem socioconstrutivista¹² da aprendizagem, que visa ampliar as habilidades dos alunos, desenvolver a autonomia e a compreensão da realidade, incentivando a participação e a corresponsabilidade na vida social. O aluno constrói ativamente seu conhecimento por meio da interação com o meio e com a realidade, o que é conhecido como "Abordagem construtivista¹³ do processo ensino-aprendizagem".

Portanto, a Escola Irmã Maria do Socorro oferece a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, destinada a crianças com idades entre dois e cinco anos, atendendo-as nos seguintes níveis:

- I. Creche I para crianças de (2) anos de idade completos ou a completar até 31 de março do ano de ingresso, em regime parcial;
- II. Creche II para crianças de 3 (três) anos de idade completos ou a completar até 31 de março do ano de ingresso, em regime parcial;
- III. Pré-Escola I para crianças de 4 (quatro) anos de idade completos ou a completar até 31 de março do ano de ingresso, em regime parcial;
- IV. Pré-Escola II para crianças de 5 (cinco) anos de idade completos ou a completar até 31 de IV. março do ano de ingresso, em regime parcial. (Regimento Escolar, 2021, p. 6).

3.2 A Educação Infantil

Segundo a Proposta Pedagógica (2021), para orientar a prática pedagógica na educação infantil, temos documentos importantes como o Plano Nacional de Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre outros. No Regimento Escolar (2021), a educação infantil é oferecida seguindo uma metodologia planejada, com o objetivo

¹² O sócio-construtivismo é uma teoria que vem se desenvolvendo, com base nos estudos de Vygotsky e seus seguidores, sobre o efeito da interação social, da linguagem e da cultura na origem e na evolução do psiquismo humano. Segundo este referencial, o conhecimento não é uma representação da realidade, mas um mapeamento das ações e operações conceituais que provaram ser viáveis na experiência do indivíduo. Portanto, a aprendizagem é um resultado adaptativo que tem natureza social, histórica e cultural (BOIKO; ZAMBERLAN, 2001, p. 51).

¹³ De acordo com estudos em Piaget, o construtivismo é uma teoria sobre a origem do conhecimento, que busca caracterizar os estágios mais recentes em função dos estágios anteriores. O construtivismo é, portanto, uma teoria situada dentro do campo da epistemologia genética. (NUNES, 1990).

de promover a socialização, enriquecer a experiência e facilitar o desenvolvimento das crianças. Proporcionando um ambiente seguro e acolhedor, onde a criança possa se sentir satisfeita e adaptada, permitindo que ela desenvolva sua capacidade de raciocínio lógico e pensamento produtivo.

Ainda no que diz o Regimento Escolar (2021), o conteúdo pedagógico da educação infantil é trabalhado de forma contextualizada, respeitando sempre os limites e etapas de desenvolvimento de cada criança, e abrangendo as dimensões cognitivas, afetividade social e formação de hábitos. Seguindo as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação infantil tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Esses documentos são fundamentais para garantir que a educação infantil seja de qualidade e esteja alinhada com as necessidades e demandas da sociedade atual.

3.2.1 A Creche

Segundo o Regimento Escolar (2021), o principal objetivo é cuidar do desenvolvimento físico e mental das crianças, acompanhando atentamente cada fase de sua evolução. Além de incentivar hábitos saudáveis de alimentação e exercícios físicos ao ar livre, bem como a integração social das crianças em grupos e a estimulação de iniciativas autônomas e colaborativas. Oferecendo também atividades relacionadas à música, poesia, canto e dança, para que as crianças possam desenvolver seu gosto pelas expressões artísticas. E, por fim, orientando as famílias no processo educacional, buscando a integração entre a escola e o lar.

A Creche Integral I atende crianças de 2 anos, com uma professora regente. A Creche Integral II atende crianças de 3 anos, com uma professora regente. As duas creches têm uma auxiliar que atende as duas salas. As salas são climatizadas com ar condicionado e dispostas com cadeiras e mesas oitavadas grandes adaptadas para o tamanho das crianças. A escola oferece às crianças 3 refeições: merenda pela manhã, almoço e merenda pela tarde. Há uma nutricionista que

determina o cardápio das refeições das crianças. Antes das refeições, as crianças lavam as mãos no lavabo, conforme mostra a figura 6¹⁴.

Figura 6 - Dependências da escola Irmã Maria do Socorro (Creche I e Creche II, Pré Escola I, Pré Escola II, Sala de Descanso, Cozinha, Banheiros feminino, masculino e de funcionários, lavabo e lavanderia)



Fonte: a autora

Antes do almoço as crianças banham com a ajuda da auxiliar. Tiram a farda da escola e colocam uma roupa extra que trazem de casa na mochila. O banho das crianças é realizado em um local que se assemelha a uma lavanderia, como é demonstrado na figura 6, que conta com duas pias, baldes grandes que depositam água da torneira. A auxiliar leva as crianças para banharem neste local que também conta com muitos materiais de limpeza pessoal próprios para crianças. As toalhas

¹⁴ São eles a Creche I e Creche II, Pré Escola I, Pré Escola II, Sala de Descanso, Cozinha, Banheiros feminino, masculino e de funcionários, lavanderia onde ocorrem os banhos das crianças e salas de almoxarifado. Todas as salas do térreo contam com janelas, em que o campo de visão da janela fica direcionado ao salão da escola. Não existem janelas direcionadas à paisagem ao lado de fora da escola. Os banheiros feminino e masculino contam com dois vasos sanitários, um cesto de lixo, uma pia, um suporte para papel de mão e sabão, cada. Todos os itens descritos nos banheiros feminino e masculino são adaptados ao tamanho infantil das crianças. Do lado de fora dos banheiros tem uma pia externa para as crianças lavarem as mãos antes das refeições ou escovar os dentes após a refeição. O banheiro dos funcionários conta com um vaso sanitário adulto, chuveiro, cesto de lixo, suporte para papel e sabão, como demonstrado na figura 6.

que as crianças se enxugam são trazidas de casa e ficam na escola durante a semana. Na sexta-feira, a toalha é devolvida às crianças.

Após o almoço, as crianças escovam os dentes e vão para a sala de descanso cochilar/dormir, a sala conta com colchões de tamanho infantil, que são distribuídos na sala que é climatizada com ar condicionado. A criança fica à vontade para dormir até às 16h00, porém, se até às 16h30 a criança não acordar, a auxiliar acorda a criança. Se a criança acordar antes, ela volta para a sala de aula e fica fazendo atividades ou brincando até o horário de saída da escola. As professoras e a auxiliar estão disponíveis para a turma de forma integral.

A Creche Parcial I atende crianças de 2 anos, com uma professora regente. A Creche Parcial II atende crianças de 3 anos, com uma professora regente. A turma funciona nos períodos matutino e vespertino, as crianças trazem lanche de casa. As salas são climatizadas com ventiladores de parede espalhados pela sala e dispostas com cadeiras e mesas grandes oitavadas adaptadas para o tamanho das crianças.

Identifica-se na rotina escolar observada no período da pesquisa de campo, que a creche é desenvolvida e assistida por todos os profissionais da escola, a gestora e as coordenadoras participam ativamente do processo e dos cuidados com as crianças, bem como os cuidados e auxílios com higiene, alimentação e na soneca pós almoço. Dando ênfase na metodologia livre, de brincadeiras e da convivência das crianças com livros e letras alfabéticas.

3.2.2 A Pré Escola

O objetivo da pré-escola, de acordo com o Regimento Escolar (2021) é oferecer um ambiente saudável onde as crianças possam interagir com colegas e membros do grupo, desenvolvendo habilidades sociais importantes. Buscando garantir segurança e afeto para que a criança se sinta reconhecida em sua individualidade e como parte do grupo.

A Pré Escola I atende crianças de 4 anos, com uma professora regente. A Pré Escola II atende crianças de 5 anos, com uma professora regente. A gestora Leal afirma que “a Pré Escola I é a ponte entre a creche e a Pré Escola II”, relata também que “na Pré Escola II já sai lendo para o 1º ano do ensino fundamental”, relata a gestora Leal. O que fica entendido por estes relatos da gestora Leal é que a Pré Escola I já traz na sua metodologia de ensino uma pré alfabetização e na Pré Escola

II a alfabetização de fato se inicia. A grade de disciplinas da Pré Escola II são Português, Matemática, Sociedade e Natureza, Religião e Artes. As salas são climatizadas com ventiladores de parede espalhados pela sala e dispostas com cadeiras e mesas individuais adaptadas para o tamanho das crianças.

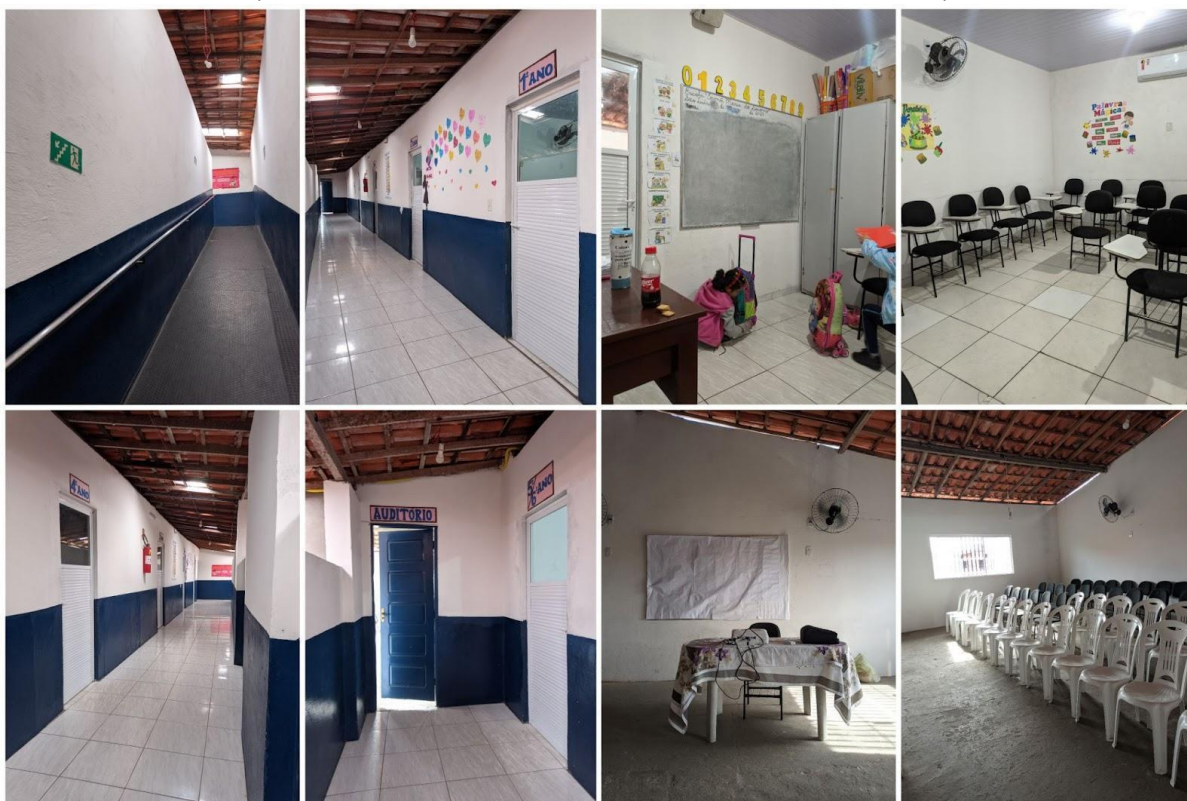
De acordo com o Regimento Escolar (2021) através de atividades pedagógicas que respeitam as experiências, aptidões e valores culturais da criança, ela é incentivada a desenvolver-se física, intelectual, afetiva e socialmente. A formação de hábitos de higiene, disciplina, sociabilidade, ordem, cooperação e respeito também é valorizada pela pré-escola, assim como a promoção de atividades que visem à preservação da saúde.

Na Pré Escola, as crianças começam a se relacionar com o processo de alfabetização ativamente. Seja por uso de livros didáticos, paradidáticos, com atividades de leitura, oralidade, escrita, apostilas, com a decoração da sala que norteia informações sobre o mundo alfabetizado e letrado. O processo de alfabetização também está aliado à aplicação de ludicidades propostas e adaptadas pelas professoras. Também começam a se relacionar com as rotinas entendendo que existem horários determinados para vários processos, com entendimentos de socialização pois aquele espaço é ocupado por ela e por outras crianças. Portanto, a criança é apresentada a vários processos de ensino, conduta, porém, sem abandonar as brincadeiras.

3.3 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental

As salas do primeiro andar compreendem as salas do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental. Porém, o funcionamento das salas é definido pelos turnos. No turno matutino, as aulas do 1º, 2º e 6º ano acontecem neste turno, e no turno vespertino, as aulas do 1ª, 2º, 3º, 4º e 5º ano acontecem neste turno. A gestora relata que não gosta de lotar salas com alunos, no máximo o 4º ano conta com 24 alunos matriculados. Todas as salas são climatizadas com ar condicionado com cadeira escolar estofada com prancheta. A grade de disciplinas do 1º ao 6º ano são Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Inglês, Espanhol, Religião, Artes e Educação Física.

Figura 7 - Dependências da escola Irmã Maria do Socorro (Salas do Ensino Fundamental de 1º ao 6º ano e Auditório)



Fonte: a autora

3.4 Auditório

A sala de auditório é utilizada para reuniões, palestras ou para aulas solicitadas pelas professoras. No dia 16 de maio de 2023, houve uma palestra com alunos do 2º ao 6º ano referente ao dia 18 de maio, que é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. O auditório é uma sala com espaço bem amplo, existe um grande número de cadeiras estofadas para acomodar várias pessoas sentadas, porém tem bastante espaço para que as pessoas fiquem em pé. Também conta com uma mesa para possíveis palestrantes apoiarem seus materiais um espaço em toda a parede que pode ser projetado slides em *datashow*. A climatização da sala é por meio de vários ventiladores espalhados pelo compartimento.

3.5 Biblioteca

A biblioteca fica localizada em um prédio anexo da escola que se chama Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato. A biblioteca surgiu por meio de um convite

da gestora da biblioteca comunitária Portal da Sabedoria, que fica localizada na Cidade Olímpica, fez o convite para a gestora Leal para participar de um projeto que pudesse trazer a literatura para a comunidade escolar e moradores da região. A gestora Leal se interessou e começou a fazer parte das reuniões, palestras e participar do projeto Ilha Literária¹⁵ que faz parte da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias¹⁶.

De acordo com o Regimento Escolar (2021), a escola se compromete a manter sua biblioteca sempre atualizada, por meio de recursos próprios ou doações generosas. O acervo é vasto e variado, incluindo desde livros de literatura infantil, histórias e dicionários até periódicos, enciclopédias, mapas, jornais e revistas. De acordo com a Proposta Pedagógica (2021), é um importante centro de pesquisa para professores e alunos, que contarão com a ajuda de um bibliotecário dedicado à preservação do rico acervo didático.

Os horários de funcionamento da biblioteca são de segunda a sexta pela manhã e tarde, porém, em cada turno existe uma profissional encarregada do

¹⁵ A história da rede Ilha Literária começa com o trabalho de incentivo à leitura de uma instituição apoiada pelo programa Prazer em Ler do Instituto C&A. O trabalho ganhou repercussão e agregou outras instituições com o mesmo objetivo de promover a leitura na região do Coroadinho. Logo depois, foram convidadas a trabalhar juntas para ampliar o atendimento em relação ao fomento à leitura na comunidade e nascia o polo de leitura Ler pra Valer. O marco desta rede foi a criação do Fórum Estadual do Livro e Leitura do estado do Maranhão em 2011. Em outra região da cidade, no eixo Cidade Operária, pessoas e instituições que já desenvolviam trabalhos com leitura, cada uma no seu espaço, se juntaram em 2013 e formaram um outro polo de leitura, chamado Terra das Palmeiras. Esse coletivo também contou com o apoio do Instituto C & A. Os dois grupos de bibliotecas trabalharam juntas no resgate das articulações do Fórum Estadual do livro e Leitura e na luta de incidência em políticas públicas por dois anos. Muita coisa aconteceu nesse período: audiências públicas, abraço literário, assinatura de carta compromisso por vereadores, secretários e prefeito, eleição dos representantes da sociedade civil para composição da comissão de elaboração do PMLLLB, juntamente com o Fórum e demais parceiros. Foi mais do que natural que os dois coletivos se unissem num só, numa dinâmica de debates e conversas que aconteceu a partir de 2016. Desafiados a formar uma única rede, em 2017 surge a Ilha Literária – a Rede de Bibliotecas Comunitária Ilha Literária! (RNBC, 2023)

¹⁶ A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias - RNBC é um movimento pela democratização do acesso ao livro, à leitura, à literatura e às bibliotecas sob a perspectiva da leitura como direito humano, com atuação em diversas cidades do território brasileiro. Teve origem na articulação das redes de Bibliotecas Comunitárias incentivadas pelo Programa Prazer em Ler, ação de apoio e incentivo à leitura criada pelo Instituto C&A em 2006, que mobilizou espaços de leitura mantidos por organizações sociais e culturais da sociedade civil, em comunidades com vulnerabilidade social, atuando na garantia de direitos básicos. A perspectiva da leitura como um direito humano e a importância da biblioteca comunitária como espaço privilegiado de garantia desse direito são a base do trabalho de formação de leitores e de incidência política das redes de bibliotecas comunitárias. A RNBC surgiu, em março de 2015, para dar amplitude nacional a organização das bibliotecas comunitárias em redes locais. Desde então, tem avançado nesse objetivo, contando com o apoio e a colaboração de importantes parcerias, como a formada com o Itaú Social, parceiro institucional que assumiu a gestão do Programa Prazer em Ler a partir de 2018. A RNBC conta atualmente com 11 Redes Locais e 115 Bibliotecas Comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (RNBC, 2023).

funcionamento da mesma. Às terças, quartas e quintas pela manhã, a biblioteca funciona com a presença da bibliotecária chamada Thais. Às segundas e sextas pela tarde, a biblioteca funciona com a presença de uma mediadora, que segundo a gestora Leal, é uma profissional formada em cursos de contação de histórias. A biblioteca não é de uso exclusivo da escola, mas sim, de toda a comunidade moradora do bairro. Os alunos têm a carteira da biblioteca em que essa carteira os identifica e dá direito a eles alugarem livros da biblioteca com um prazo estipulado para a devolução. A biblioteca conta com um sistema digital para controle e registro do acervo, bem como, a emissão de carteiras.

Figura 8 - Dependências da escola Irmã Maria do Socorro (Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato)



Fonte: a autora

Para emitir uma carteira na biblioteca precisa apresentar a carteira de identidade como RG, CPF e comprovante de residência. Se o prazo estipulado para devolução não for cumprido, o aluno recebe uma multa no valor de 50 centavos. A gestora Leal afirma que é apenas uma multa simbólica no intuito de fazer o aluno ter responsabilidade em devolver o livro para o acervo, pois antes, alguns livros não eram devolvidos. O dinheiro arrecadado com as multas é revertido em manutenções

do espaço, como comprar galões de água mineral, papéis higiênicos para os banheiros, itens de limpeza, etc.

O acervo da biblioteca é adquirido por doações de várias fontes, sejam moradores, associações, pais de alunos, os próprios alunos, professores, etc. A biblioteca conta com um espaço amplo com acervo de livros registrado no sistema digital. Os livros têm etiquetas que identificam gênero (literatura estrangeira, nacional, maranhense, crônicas, poemas, terror, suspense, fantasia, romance, novela, conto, etc) e público. A biblioteca conta com um auditório em que são realizados projetos vinculados com a escola, palestras, cursos, formações, cafés literários, arraiais literários, entre vários programas.

O contato com o livro possibilita o desenvolvimento da linguagem, social e cognitivo da criança, portanto, essa relação da criança com o livro ainda na Educação Infantil, possibilita a ela desenvolver muitas habilidades. O espaço da biblioteca pode ser utilizado pela escola, pelos professores, alunos e pela comunidade. Todos são bem-vindos a participar dos projetos, palestras oferecidas, bem como os moradores podem alugar livros.

3.6 Recreio

A escola determina um horário de recreio específico para cada andar. As crianças do térreo têm o recreio de 9h00 às 9h30 da manhã. As crianças do 2º andar tem o horário de recreio de 9h40 às 10h00. As crianças fazem fila para lavar as mãos, mas voltam para a sala de aula para lanchar dentro da sala. A escola tem uma cozinha que funciona em parte como cantina escolar. A coordenadora Aid vende doces e refrigerante nesse local. O lanche das crianças das creches integrais é disponibilizado pela escola, portanto, as crianças de outras turmas e séries trazem o lanche de casa.

A escola não conta com espaço direcionado para recreação escolar, nem com playground ou espaço verde. Apenas o espaço dentro do prédio da escola. Porém, mesmo com a falta de espaço adequado para as brincadeiras, as professoras planejam um recreio dirigido com as crianças dentro da sala de aula com jogos educativos, conforme mostrado na figura 9. É interessante pontuar como as crianças gostam de fazer esse tipo de recreio em sala, pois, elas mesmas pegam os jogos, pegam os pincéis para escrever no quadro ou no jogo, tem criatividade para adaptar

os jogos com a orientação da professora. A gestora Leal relata que as professoras preferem que o recreio das crianças seja dessa forma pois impede que elas corram pela escola e aconteça algum acidente que possa machucar ou ferir algumas crianças.

Figura 9 - Recreio

(Nas imagens ao lado esquerdo, mostra o recreio dirigido das crianças em sala de aula e nas imagens ao lado direito, a cantina escolar)



Fonte: a autora

3.7 Horários

Tabela 2 - Horários de entrada e saída dos alunos

MATUTINO		
	ENTRADA	SAÍDA
Creche Parcial	07:30 até 08:00	11:00

Creche Integral	07:30 até 08:00	17:00
Pré Escola I	07:00 até 07:30	11:00
Pré Escola II	07:00 até 07:15	11:30
1º ao 5º ano	07:00 até 07:15	11:30
6º ano	07:00 até 07:10	11:45
VESPERTINO		
	ENTRADA	SAÍDA
Creche Parcial	13:30 até 14:00	17:00
Pré Escola I	13:00 até 13:30	17:00
Pré Escola II	13:00 até 13:15	17:30
1º ao 5º ano	13:00 até 13:15	17:30

3.8 A organização administrativa da Escola Irmã Maria do Socorro

Mediante o Estatuto Social do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho (2016) Nas disposições de administração, é determinado que o instituto será administrado por Assembleia Geral¹⁷, Diretoria¹⁸ e Conselho Fiscal¹⁹.

¹⁷ É responsável por uma série de decisões importantes para a entidade. Dentre elas, destacam-se: eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal, decidir sobre a alteração do estatuto - inclusive no que se refere à administração, determinar a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais, aprovar o regimento interno e opinar sobre os relatórios de desempenho financeiro e contábil, bem como as operações patrimoniais realizadas. São decisões fundamentais para o bom funcionamento da entidade e para garantir a sua sustentabilidade financeira. É realizada pelo menos uma vez ao ano ou quando convocada pela diretoria, conselho fiscal ou por requerimento de $\frac{1}{5}$ (um quinto) dos sócios quites com suas obrigações sociais.

¹⁸ É responsável por uma série de tarefas cruciais, incluindo a elaboração e execução de programas anuais de atividades, a apresentação do relatório anual à Assembleia Geral, a busca de parcerias com instituições públicas e privadas para colaboração mútua em atividades de interesse comum e a contratação e demissão de funcionários. A diretoria é constituída por um Presidente, um Tesoureiro, um Secretário e um Conselho Fiscal. O mandato da Diretoria será de 04 (quatro) anos, sendo vetada mais de uma reeleição consecutiva. A Diretoria deve se reunir no mínimo uma vez no mês.

¹⁹ É responsável por uma série de tarefas importantes para garantir a transparência e a eficiência da entidade. Entre elas, está a análise minuciosa dos livros de escrituração, bem como do balancete semestral apresentado pelo primeiro Tesoureiro. Além disso, o Conselho deve apresentar relatórios

De acordo com a Proposta Pedagógica (2021), a Gestão Pedagógica e Administrativa é composta por Direção, Secretaria e Coordenação Pedagógica. Dentre eles, estão inseridos a gestora, as coordenadoras pedagógicas, secretária, professoras, operacionais, merendeira, vigilante, porteiro, auxiliares educacionais, técnica de enfermagem. De acordo com o documento “o corpo docente, a equipe de técnicos e os demais funcionários administrativos, todos são indispensáveis, para assegurar a educação de qualidade que continuamos a colocar à disposição dos nossos alunos e familiares.”

Seguindo o que aponta o Regimento Escolar (2021), a composição da cadeia administrativa da escola é organizada em Direção, Secretaria, Coordenação Pedagógica, Corpo Docente e Corpo Discente, seguindo suas descrições e responsabilidades descritas abaixo.

3.8.1 O Diretor

É o responsável por garantir o cumprimento da legislação de ensino, seguindo a hierarquia das autoridades competentes. Além disso, de acordo com o Regimento Escolar (2021), é sua atribuição supervisionar todos os atos escolares relacionados à administração e aos componentes curriculares. Representa oficialmente o estabelecimento perante as autoridades, recebe e despacha petições e documentos, além de rubricar todos os documentos relativos à escola. Deve assinar todos os livros de escrituração escolar, visar o ponto do pessoal e da folha de pagamento, e aplicar penalidades disciplinares aos alunos, professores e funcionários, de acordo com a legislação vigente e as disposições do Regimento Escolar. Além disso, ele é responsável por organizar o calendário escolar, presidir reuniões com o corpo docente e administrativo, e manter um entrosamento permanente com o Diretor Pedagógico. Por fim, cabe ao Diretor participar da elaboração, execução, avaliação e acompanhamento da Proposta Pedagógica, bem como comunicar ao órgão competente todas as alterações que ocorram no Regimento Escolar, incluindo as substituições docentes (REGIMENTO ESCOLAR, 2021).

de receitas e despesas sempre que solicitado, requisitar documentações comprobatórias das operações econômico-financeiras realizadas pela Entidade e apresentar à Assembleia Geral as prestações de contas, bem como à Diretoria quando necessário. O Conselho Fiscal também é responsável por opinar sobre aquisição e alienação de bens, bem como apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório da Diretoria.

3.8.2 O Secretário

É responsável por uma série de tarefas importantes no estabelecimento de ensino. De acordo com o Regimento Escolar (2021), ele deve manter atualizados diversos registros, como o fichário, registros de matrícula, controle de frequência e aproveitamento dos alunos, correspondência e toda a escrituração escolar. Também distribui as tarefas de escrituração escolar com seu auxiliar, fiscalizando o andamento dos trabalhos, expede certificados, diplomas, transferências, históricos escolares e declarações, sempre observando as assinaturas do diretor e do próprio secretário e atendendo com segurança às solicitações dos interessados. Deve organizar e manter arquivadas Leis, Regulamentos, Resoluções, Ordens de Serviços e outros documentos relativos à vida do estabelecimento, além de organizar o arquivo escolar, compondo a pasta individual de cada aluno com os documentos necessários. Também devendo zelar pela exatidão e autenticidade dos documentos escolares, arquivados ou expedidos pelo estabelecimento, e formar pasta individual de cada professor, contendo ficha com dados pessoais e diploma de habilitação. Por fim, anualmente, ele deve preparar as atas de resultados finais dos alunos (REGIMENTO ESCOLAR, 2021).

3.8.3 O coordenador pedagógico

É o profissional responsável por coordenar todas as etapas do processo educacional, desde a elaboração até a avaliação da Proposta Pedagógica da escola. Segundo o Regimento Escolar (2021), também é responsável por elaborar projetos e planos específicos de trabalho, garantindo a participação da escola, família e comunidade. Participa das reuniões de pais e da equipe, promovendo o aperfeiçoamento profissional de todos os envolvidos no processo educacional.

A avaliação geral do trabalho realizado na instituição também é de responsabilidade do coordenador pedagógico, que deve participar da organização do Calendário Escolar e solicitar avaliações de profissionais habilitados, caso necessário. Para promover a integração entre professores, funcionários e direção, o coordenador pedagógico deve propor aprimoramentos através de cursos e seminários, coordenando-os quando aprovados. Também é responsável por acompanhar o processo de avaliação do desenvolvimento da criança, participar do Conselho de Classe e manter contato estreito com a coordenação administrativa.

Em caso de impedimento do diretor, o coordenador pedagógico deve substituí-lo, garantindo a continuidade do processo educacional (REGIMENTO ESCOLAR, 2021).

3.8.4 O corpo docente

O papel do corpo docente é fundamental para o sucesso de uma escola, e mediante o Regimento Escolar (2021), as atribuições do professor são diversas e importantes. Além de participar da elaboração do currículo e do planejamento das atividades, o professor deve zelar pela aprendizagem dos alunos, estabelecendo estratégias de recuperação para aqueles que apresentam menor rendimento. É também responsabilidade do professor ministrar as aulas dentro dos dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar ativamente do planejamento, avaliação e desenvolvimento profissional. Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade, assim como tratar todos os alunos com respeito e justiça, sem distinção de raça, religião, cor, etc.

Além disso, o corpo docente deve requisitar o material didático adequado para as aulas, emitir parecer sobre o programa e sua execução, plano de curso, técnicas e métodos utilizados, e adoção de livros. É importante que os professores exijam tratamento e respeito compatíveis com sua missão de educador, e sejam comunicados previamente de quaisquer decisões a serem tomadas concernentes a sua pessoa e/ou atividade. O professor tem o direito de gozar dos benefícios estabelecidos pela legislação trabalhista, como participar de cursos, seminários, reuniões pedagógicas e outros eventos promovidos pela escola. Em resumo, o corpo docente deve ser profissional e comprometido com a qualidade do ensino, buscando sempre aprimorar suas habilidades e conhecimentos para contribuir positivamente para a formação dos alunos (REGIMENTO ESCOLAR, 2021).

3.8.5 Formação continuada

No que se refere a Proposta Pedagógica (2021), a escola se compromete com a formação continuada de seus docentes, oferecendo desde reuniões de reflexão pedagógica até programas acadêmicos de pós-graduação. Além disso, os professores participam de cursos livres e encontros em outras instituições de ensino,

e desenvolvem mini projetos interdisciplinares e culturais para enriquecer a aprendizagem dos alunos.

As professoras também possuem liberdade para buscar suas próprias formações continuadas em outras fontes fora do que a escola propõe, também dando oportunidade para as professoras sugerirem temáticas para as formações dentro da escola. Com essas propostas, a escola se mantém atualizada e profissional, garantindo uma educação de qualidade para seus alunos.

3.8.6 O corpo discente

Os alunos possuem direitos fundamentais no ambiente escolar e, de acordo com o Regimento Escolar (2021), tais como participar de uma educação baseada na liberdade e solidariedade humana, buscar orientação com as autoridades escolares, utilizar as instalações da escola seguindo as normas estabelecidas pela administração, receber orientação educacional e assistência social-escolar, além de serem informados regularmente sobre seu desempenho e frequência. Além disso, têm o direito de serem tratados com respeito, igualdade e responsabilidade, bem como participar das atividades de recuperação quando necessário e buscar ajuda para superar suas dificuldades de aprendizagem.

É importante destacar que nenhum aluno deve ser discriminado por sua cor, raça, religião, condição econômica, ideologia ou status social. Por outro lado, é dever dos alunos seguir as diretrizes da escola, comparecer às aulas e atividades pontualmente, informar seus pais ou responsáveis sobre as comunicações escolares, acatar as determinações dos professores, devolver o boletim assinado dentro do prazo estabelecido, manter um bom comportamento e participar ativamente do processo de ensino e aprendizagem, além de apresentar justificativas para suas faltas. É essencial que tanto os direitos quanto os deveres dos alunos sejam respeitados e cumpridos, garantindo um ambiente escolar saudável e propício para o desenvolvimento educacional e pessoal dos estudantes (REGIMENTO ESCOLAR, 2021).

3.8.7 Sobre a Avaliação

Segundo a Proposta Pedagógica (2021), a escola tem como prática a avaliação periódica das atividades programadas, envolvendo professores,

especialistas e alunos, sob supervisão da direção, com o objetivo de apurar a eficácia do ensino ministrado. A avaliação é realizada bimestralmente, acompanhando a criança e registrando seus conceitos e aspectos de desenvolvimento em relatórios profissionais (E= Excelente; B= Bom; ED= Em desenvolvimento).

Ainda no que diz a Proposta Pedagógica (2021), no caso da educação especial, a avaliação do processo de aprendizagem contempla os objetivos educacionais desenvolvidos, visando orientar as ações pedagógicas e adaptar o currículo conforme a necessidade. O professor responsável pelo atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais registra a evolução do aluno bimestralmente em relatórios individuais.

A escola dá liberdade para as professoras aplicarem suas próprias atividades avaliativas de diagnóstico para a avaliação do desenvolvimento. Podendo também ser feita por meio da observação contínua e a escola trabalha em conjunto com a comunidade para garantir o compromisso na formação das crianças.

Nessas primeiras aproximações pude perceber que a estrutura física que a escola apresenta é muito boa, a escola se preocupa em oferecer um ambiente físico apto para que o ensino das crianças seja efetivado ao oferecer salas com mesas e cadeiras adaptadas ao tamanho das crianças, salas climatizadas para que o clima tropical da cidade não seja um empecilho, a disposição das paredes das salas decoradas com figuras e cartazes que fazem relação com o que as crianças estão aprendendo, dos armários que organizam os materiais e utensílios utilizados para as práticas, entre outros. Ou seja, a prática pedagógica, a metodologia de ensino é importante para que o ensino seja desenvolvido, porém, a estruturação física da escola e como são dispostos, auxilia que o processo de ensino aprendizagem seja concluído.

Nos documentos apresentados, identificam-se os valores que permeiam a comunidade escolar, a visão de futuro, a missão, os objetivos institucionais, os atos legais, a identidade da escola, os valores e objetivos gerais, além dos aspectos administrativos e pedagógicos voltados para uma política de inclusão e convivência democrática. A escola dá muita importância ao crescimento intelectual, cognitivo, motor, emocional e as habilidades que essa criança tem potencial de conquistar. Também dando importância às formações continuadas de professores para que a prática pedagógica dos mesmos, seja atualizada, humanizada e de qualidade. A

escola busca manter a parceria ativa entre gestão, coordenação, professores, alunos e todo o corpo de funcionários que fazem parte da escola.

O que a Escola Comunitária Irmã Maria do Socorro busca construir, “permite também a renovação de valores, de certezas, de construções acabadas, para atingirmos mais plenamente os objetivos essenciais da educação conhecer e transformar-se para colaborar na transformação da sociedade” (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2021).

4 PRÁTICAS ALFABETIZADORAS, SABERES DOCENTES E OS DESAFIOS DO ENSINO NA ESCOLA IRMÃ MARIA DO SOCORRO

Neste capítulo apresento e discuto os relatos obtidos nas entrevistas realizadas com as professoras entrevistadas sobre as práticas alfabetizadoras realizadas nesta escola. Tive autonomia para utilizar não somente os referências teóricos indicados pela minha orientadora, mas também referências estudadas no decorrer da minha trajetória como aluna do curso de Pedagogia, desde que estes referenciais contribuíssem para as minhas reflexões sobre as questões investigadas. Não separei em itens para evitar o risco de fragmentar a apresentação dos dados, porque os temas relacionados às práticas alfabetizadoras e aos saberes docentes são abordados de forma relacional nos relatos das professoras entrevistadas.

Bourdieu (1997) afirma que a entrevista pode ser considerada como uma forma de exercício espiritual, visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. Foi assim que me senti, na experiência de entrevistar as professoras foi um exercício de esquecimento das expectativas e certezas que eu já possuía para mergulhar nos sentidos que as elas atribuíam às suas práticas, o que não representou a anulação das minhas convicções e valores.

Embora inicialmente eu tenha planejado entrevistar somente as professoras e coordenadoras pedagógicas dos primeiros anos do Ensino Fundamental, como soube que na escola a alfabetização tem início na Pré-Escola II ampliei o meu grupo de profissionais entrevistados.

Além das professoras alfabetizadoras, colaboraram com a pesquisa a senhora Leal, gestora da escola e as coordenadoras pedagógicas Marcela e Rosiane. A senhora Leal é pedagoga, com formação em pós-graduação em Gestão e atua há mais de 20 anos e também as coordenadoras senhora Marcela é coordenadora dos anos iniciais e pedagoga. Também tem formação em Comunicação, produção de áudio/vídeo: É o meu primeiro ano como coordenadora, como professora já atuo há cinco anos. Como coordenadora é o meu primeiro ano de experiência (informação verbal).

A senhora Rosiane é coordenadora da pré-escola, é pedagoga, com formação em psicopedagogia e atualmente estudante de neuropsicopedagogia. Também fez o antigo Magistério: Já caminho para o meu quarto ano na coordenação. Dentro da

escola já tenho doze anos de atuação. Comecei como professora, primeiramente fui professora dos anos iniciais, mas também já atuei na educação infantil (informação verbal).

Embora a gestora e as coordenadoras pedagógicas tenham concordado em explicitar seus verdadeiros nomes, no caso das professoras entrevistadas, para guardar a identidade das professoras alfabetizadoras, seus nomes reais foram substituídos por nomes de autoras da literatura brasileira em forma de homenagem-las. São as autoras brasileiras em ordem alfabética homenageadas: Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Maria Firmina dos Reis²⁰. As mesmas serão identificadas como:

- Firmina é professora da Pré-Escola II. Está no quinto período de Pedagogia. Optou pelo curso “por conta da minha filha que nasceu em meio à pandemia, para entender um pouco melhor sobre esse mundo, o que seria bom para ela, os processos de desenvolvimento e acabei me apaixonando” (informação verbal);
- Conceição é professora da Pré Escola II. “Comecei a dar aula de reforço em casa e eu me identifiquei com a profissão” (informação verbal). Depois cursou o magistério na época e continuou dando aula de reforço. Posteriormente cursou pedagogia, “que é a área que eu gosto e me identifico” (informação verbal). Leciona há dez anos;
- Djamila é professora do 1º ano dos anos iniciais. Atuou em uma escola comunitária Graduou-se primeiramente no magistério e posteriormente em pedagogia. Leciona há quatorze anos;
- Cecília é professora do 1º ano dos anos iniciais. Atua há quinze anos. Se formou no magistério e começou a trabalhar em uma escola comunitária. Posteriormente se graduou em Pedagogia e já fez curso de pós graduação;
- Clarice é professora do 2º ano dos anos iniciais. Atua há um ano e tem pós graduação em psicopedagogia. Estagiou em uma escola

²⁰ Entrevista. [mai. 2023]. Entrevistador: Phiama Gonçalves de Lira. São Luís, 2023. 1 arquivo. O roteiro da entrevista encontra-se transcrito no Apêndice desta monografia.

comunitária na educação infantil. Adquiriu experiência nos anos iniciais ao participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID);

- Carolina é professora do 2º ano dos anos iniciais e também do 6º ano dos anos finais. É professora formada em Filosofia e já atua há dez anos como docente.

Ao longo da graduação, em algum momento o acadêmico de pedagogia se pergunta: O que é ensinar? O que é preciso para saber ensinar? Quais são os saberes necessários ao ensino? Essas perguntas não são exclusivas dos acadêmicos da área, mas também de muitos professores e estudiosos. Talvez essas perguntas à primeira vista sejam simples de se responder, pois cada pessoa terá uma resposta para elencar, porém, ao analisar a ciência do ensino, vemos que é mais complexo do que se imagina. De acordo com Libâneo (1994),

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação - ou seja, a prática educativa - é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades (LIBÂNEO, 1994, p. 16-17).

O ensino é um ofício feito de muitos saberes. Saberes estes que ao longo da vida, o professor foi adquirindo, pois antes mesmo de ser professor, ele já foi aluno. Uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos (TARDIF & RAYMOND, 2000). Ao serem questionadas sobre a história de vida como alunas e o que trazem para a sua prática pedagógica, as professoras responderam:

A minha fase de estudante foi muito difícil. A minha mãe não sabia ler, não sabia escrever e eu tinha muita dificuldade para ter alguém para me ensinar em casa, não tinha condição de pagar ensino particular. Éramos dez irmãos, eu fazia parte dos mais novos. Meus irmãos mais velhos trabalhavam, passavam o dia fora e chegavam apenas à noite, então, não tinham tempo para me ajudar com as tarefas. Me esforçava e eu mesma procurava estudar. Então, foi na base do meu esforço, pois eu queria um dia me formar e sonhava desde criança com isso. Sou natural do interior, quando cheguei na cidade, percebi que meu ensino era necessitado. Não fiz a educação infantil no interior, quando cheguei à cidade, fui matriculada direto no primeiro ano. Então, tive muita dificuldade. Apesar dessa experiência negativa, tento não trazer nada disso para os meus alunos. Por isso criei a apostila, por isso ensino da maneira em que eu coloco a criança para fazer o trabalho e apresentar, ter autonomia, dessa forma vou tirando delas essa frustração que eu tive na minha infância. Procuo trazer para os meus

alunos, a educação da melhor maneira possível (Professora Conceição - informação verbal).

Durante a minha infância, lembro que tinha muita decoreba, os questionários, se você não acertasse, não ganhava ponto, era muita apreensão. Era o tempo da tabuada, que eu ficava nervosa, porque eu não sabia. Não tinha didática, não tinha jogos, era um mais um, dois mais dois e era na palmatória. Então, isso eu não quero na minha vivência escolar com os meus alunos (Professora Cecília - informação verbal).

Destaca-se que nos relatos das professoras Conceição e Cecília, as experiências negativas pelas que vivenciaram na infância como discentes não foram trazidas para suas práticas como docentes. As duas decidiram quebrar o ciclo de uma pedagogia tradicionalista e uma didática sem significado para os seus alunos, escolhendo em sua didática valorizar os alunos e seus saberes.

No quarto ano tive uma professora que tinha uma forma de nos cativar, ela nos tratava de forma tão encantadora mas também nos tratava de maneira séria. Lembro que ela fazia conosco atividades diferenciadas, nos convidou uma vez para a casa dela para produzirmos alguns trabalhos. Além dessa experiência com essa professora, tive uma outra, no terceiro ano. Lembro que ela me pedia para sentar com os colegas para ajudá-los e eu tenho uma lembrança na minha mente de um colega que estava no terceiro ano e não sabia ler. Depois que comecei a estudar com ele, lembro do processo de aprendizagem da leitura e para mim foi esquisito ver alguém que sentava do meu lado que não lia e lá no final do ano, já conseguia ler. Então, hoje como professora, entendo que aquele processo de alfabetização se deu naquela série, que aquilo me encantou de uma certa forma. Até falo que não fui eu que escolhi a pedagogia, pois desde sempre me vi gostando de ensinar, de brincar, de escolinha ou quando adolescente tendo particular aqui e ali. Essa trajetória que eu trago para mim são experiências com professores que foram humanos, que foram pacientes. Claro que existem professores que não são assim e esses a gente coloca na cabeça e fala "não quero ser desse jeito", "eu não quero me aproximar daquela experiência (Professora Clarice - informação verbal).

Na verdade, nem imaginava que me tornaria professora, devido ao que passei na minha infância. Questões de diferença, a maneira que o professor trata um aluno com mais carinho e outro com menos carinho. Tinha 9 anos, estava na terceira série e a minha professora me maltratava muito. Depois fui entender que a questão era a minha cor (negra). Depois de um tempo, me mudei do interior para a capital atrás de oportunidades de emprego, no interior não tinha essa ideia de dar continuidade aos estudos. Então, vim para São Luís, a qual eu tive a inspiração de uma professora para terminar o segundo grau aqui. Nunca esqueci essa professora de história, Lígia Maria, que veio fazer todo esse trabalho comigo e me explicar que aquela professora estava errada. Ela apresentou a disciplina que ela dava aula, de história e filosofia, me apaixonei e me apeguei de tal forma que me tornei uma grande leitora. Posteriormente, trabalhei na casa de uma educadora, uma professora. A filha dela era da minha idade. Todos me tratavam de forma carinhosa e até me apelidaram carinhosamente de "Di". A avó me disse: "vou falar uma coisa para ti, sai da cozinha, você é muito nova, vai estudar" mas eu ficava pensando "o que tem para estudar?" A minha mãe

disse "tu vai fazer faculdade", fiz e hoje estou aqui (Professora Carolina - informação verbal)

É possível perceber através do relato das professoras Clarice e Caroline que as memórias as inspiraram para seguir com o trabalho docente e que também as inspiram suas próprias atuações em sala de aula (MARIN, 2011).

Também é possível perceber que o repertório de conhecimento sobre os saberes docentes já estavam sendo construídos ainda enquanto discentes. Em relação a isso, Pimenta (1997) afirma que:

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já têm saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos, que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana (PIMENTA, 1997, p. 7).

Também se observa que os relatos apontam para as dificuldades enfrentadas na ótica das professoras entrevistadas quando foram discentes. A metodologia de ensino tradicional, transmissora, pode ocasionar em uma educação mecanizada ou uma educação bancária, como sendo a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (FREIRE, 1996).

Na faculdade, a professora sempre falava "não vão ser professores tradicionais, pois não vão conseguir muita coisa, vocês não vão conseguir nada para falar a verdade. Então, é necessário que vocês sejam professores flexíveis, amigos dos alunos de vocês, vocês vão amar" Sinto isso até hoje juntando tudo aquilo o que eu passei que eu não quero que nenhuma criança passe (Professora Carolina - informação verbal).

Entendo que ao falar que "não vão conseguir muita coisa" ao se utilizar a metodologia de ensino tradicional, a professora Carolina se refere a dizer que os alunos não terão êxito ou terão dificuldade no processo de ensino aprendizagem se o processo for mediante uma metodologia de ensino que desanima e silencia os alunos. O ensino tradicional se relaciona com a ideia de que o professor é o falante transmissor de ideias e o aluno apenas ouve e memoriza as informações. Sobre essa ótica, a professora Cecília confessa:

No início (da prática docente) eu era muito tradicionalista. A graduação (em pedagogia) abriu mais o meu leque sobre os conhecimentos de metodologia, abordagens com os alunos e percebi que o que eu fazia não estava certo, então, comecei a mudar minha metodologia, as minhas

práticas pedagógicas e hoje eu não aplico tanto essas essas práticas como antes. Agora eu renovo mais e até mesmo os livros. Os livros didáticos são livros para refletir, para conversar, para questionar. Não são como os livros de antigamente, que eram decoreba. Tem uns livros que nos ajudam, que trazem coisas novas, que as crianças questionam, tirando essas ideias, para ver o conhecimento prévio do aluno, o que ele aprendeu, o que ele sabe das suas vivências (Professora Cecília - informação verbal).

Através do relato da professora Cecília, podemos observar que a mudança de metodologia de ensino utilizada por ela em sala de aula com seus alunos, se deu a partir da formação inicial em pedagogia. Como resultado, ela pôde perceber e refletir sobre a sua própria prática e decidir mudar. A formação de professores reflexivos compreende um projeto humano emancipatório (PIMENTA, 1997).

O processo de formação inicial do pedagogo passa pelos estudos de várias áreas do conhecimento e todos esses estudos trazem uma bagagem de conhecimento teórico que são de extrema importância para que os saberes dessa formação sejam construídos com qualidade, mas não são suficientes.

Ao nos questionarmos sobre quais saberes pedagógicos são necessários para ensinar, mergulharemos nos estudos de Tardif, Lessard e Lahaye (1991), Saviani (1996), Pimenta (1997) e Gauthier (1998).

Nos estudos de Tardif, Lessard e Lahaye (1991), os autores identificam e definem os diferentes saberes que intervêm na prática docente. São eles os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes profissionais e os saberes da experiência. Os *saberes das disciplinas* correspondem aos diversos campos de conhecimento de disciplinas específicas, como matemática, história, etc. Os *saberes curriculares* remetem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos. Os *saberes profissionais* se referem ao conjunto dos saberes transmitidos pelas instituições de formação dos professores, são saberes destinados à formação científica. Os *saberes das experiências* são saberes específicos fundados na prática da profissão, no trabalho cotidiano sendo incorporado à vivência individual e coletiva.

Pimenta (1997) expõe em seus estudos os saberes necessários para ensinar divididos em três categorias: *os saberes da experiência*, que se refere a construção do saber docente a partir do olhar da discência e também os saberes produzidos através das experiências possibilitando a reflexão do professor sobre sua prática. Os *saberes do conhecimento*, que estão relacionados aos conhecimentos da formação específica. Neste ponto, a autora discute que conhecimento não se reduz à

informação e que não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção do conhecimento. Os *saberes pedagógicos*, que entende-se como o ato de saber ensinar relacionado à didática, porém, como afirma a autora, não bastam a experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos.

Gauthier (1998), apresenta os saberes necessários ao professor, que chama de “Reservatório de Saberes”: os saberes disciplinares, os saberes curriculares, os saberes das ciências da educação, os saberes da tradição pedagógica, os saberes experienciais e os saberes da ação pedagógica. O *saber disciplinar* se refere aos saberes produzidos pelos pesquisadores e cientistas nas diversas disciplinas científicas. O autor fala que o professor não produz o saber disciplinar, mas, para ensinar, extrai o saber produzido por esses pesquisadores. Ou seja, o professor precisa ter domínio do conteúdo a ser ensinado. O *saber curricular* se caracteriza como o saber sobre os programas de ensino escolar transformados em manuais ou cadernos de exercícios. O programa esse que serve como guia para planejar, avaliar. O *saber das ciências da educação* é um saber profissional relativo à noções do sistema escolar, como conselho escolar, sindicato, carga horária, etc. O *saber da tradição pedagógica* refere-se às representações que o professor detém a respeito da escola, do processo de ensino, do corpo docente e discente. O *saber experiencial* trata dos saberes produzidos através da própria prática cotidiana do professor em relação ao ensino e que possa aprender e criar novas práticas a partir dos resultados experienciados. O *saber da ação pedagógica* tem como fonte o saber experiencial que são investigados por pesquisadores ou que o próprio professor decide pesquisar, compartilhar e divulgar, tornando possível que seus colegas de profissão coloquem seus métodos em prática. Porém, o autor afirma que “Os saberes da ação pedagógica legitimados pelas pesquisas são atualmente o tipo de saber menos desenvolvido no reservatório de saberes do professor, e também, paradoxalmente, o mais necessário à profissionalização do ensino” (GAUTHIER, 1988, p. 34).

Ao sair da graduação, as professoras entrevistadas tiveram pouca dificuldade ao adentrar em sala de aula como docentes, pois, uma parte delas já havia passado por experiências antes mesmo de entrar na graduação e outras fizeram estágio ou já exercem a profissão na escola durante o período de graduação. O conhecimento adquirido por meio da experiência é uma valiosa ferramenta para a profissão

docente. Ao vivenciar situações cotidianas, elas procuraram aprender com os desafios e criar novas estratégias pedagógicas. Esses relatos se relacionam com os saberes da experiência que os autores Tardif, Lessard e Lahaye (1991), Gauthier (1998) e Pimenta (1997) evidenciaram.

Colocar os professores, suas práticas docentes, o cotidiano escolar em evidência na investigação é ter noção da relevância dos saberes e fazeres dos sujeitos da ação pedagógica para buscarmos caminhos para os problemas que a educação escolar enfrenta. Fazer análises de suas práticas, entender seus limites e possibilidades, discutirmos nossas práticas também como pesquisadores é um desafio necessário para a construção e melhoria das práticas e dos saberes docentes.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque estão pautadas em saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. (PIMENTA, 1997, p. 7)

Sobre os saberes que as professoras adquiriram na formação inicial ou em cursos formações continuadas, elas afirmam que:

Durante a minha graduação, o que eu trago para sala de aula é a metodologia Pikler, que é trabalhar a autonomia deles em sala de aula. Também aplico a metodologia de Vygotsky, porque são através de jogos, brincadeiras, salas de aula invertida, faço adequações. Dependendo das turmas, dos recursos que nos são disponibilizados, vamos adequando para sala de aula o que temos. São teóricos que a gente traz para o nosso dia a dia porque são de suma importância (Professora Firmina- informação verbal).

Faço formações continuadas e também sou uma pessoa que gosta de pesquisar, ainda mais se vejo que meu aluno está com dificuldade, pesquiso ferramentas que possam me ajudá-lo (Professora Djamilia - informação verbal).

O professor tem o papel de investigação, de descobrimento e a partir dessa reflexão pode transformar a sua prática. A ótica do ensino, do ensinar e ser ensinado propõe que o ciclo da educação permaneça constante.

Quando me deparo com alguma dificuldade, volto aos livros e as cópias de textos da graduação. De vez em quando eu volto para ler. Vamos lá de novo nesse texto? Como no caso da minha aluna que tem uma deficiência em outra escola, tive que voltar muito na questão da educação especial e eu me perguntei “Como vou fazer?” E a questão da adaptação curricular. Então, estudei sobre isso porque ela precisa ter o mesmo conteúdo que os meus outros alunos têm. E essa parte difícil pra mim. Porque alguns assuntos eu tenho muita dificuldade ainda. Então, tudo é um processo. No início eu me sentia muito cobrada, ninguém me cobrou nesse sentido, mas por mim mesma “tenho que conseguir”, “tenho que fazer”, “como eu vou fazer”, então eu digo: “não, espera aí, calma” e aí vem a questão da faculdade, voltar naqueles textos, voltar nos livros que a gente tem, nos livros online, estudei também pela minha pós graduação, então eu sempre tento voltar. Sempre tento alinhar, então sempre tiro meu tempo de estudo mesmo não fazendo mais a pós que já concluí (Professora Clarice - informação verbal).

O relato da professora Clarice demonstra que as práticas pedagógicas estão em constante construção. Apesar de a graduação já ter sido finalizada, nada impede o retorno aos textos estudados durante a graduação e que dão a oportunidade de se reconectar com os conceitos já estudados, lembrando e renovando para uma melhor qualidade das práticas. Esse relato se relaciona com o que afirma Pimenta (1997) a formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares.

Não basta ao pedagogo conhecer teorias, perspectivas e resultados de investigação como fins em si mesmos – ele deve ser capaz de construir, a partir da relação intrínseca existente entre prática e teoria, soluções apropriadas para os diversos aspectos de sua ação profissional, o que requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações concretas, saberes que devem ser desenvolvidos progressivamente durante a etapa da formação inicial e ao longo da carreira profissional. O pedagogo não é simples transmissor de conhecimento, ele é um profissional que tem de ser capaz de identificar os problemas que surgem em sua atividade de construir soluções adequadas. Para tanto, necessita desenvolver capacidades e atitudes de análise crítica, de inovação e de investigação pedagógica (PRADO, 2012, p. 49-50).

A professora Cecília afirma que além da formação continuada, também busca cursos e minicursos disponíveis na internet no intuito de enriquecer seus

conhecimentos. “Sabemos que a cada dia o conhecimento vai se renovando, então eu busco também para não ficar só na mesmice” finaliza.

A formação de professores na tendência reflexiva, se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação como contínua dos professores, no local de trabalho, em redes de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação. Isto porque trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade multimídia, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles, em constante processo de transformação cultural, de valores, de interesses e necessidades, requer permanente formação, entendida como re-significação identitária dos professores (PIMENTA, 1997, p. 13).

Sobre a formação continuada, todas as professoras entrevistadas relataram experiências positivas e de como os conhecimentos contribuem, renovam e norteiam suas práticas. De acordo com a professora Djamila: “a formação continuada é muito boa porque ela veio nos nortear, nos orientar com a nossa prática em sala de aula. É como um complemento para nossa sala de aula”

A Escola Irmã Maria do Socorro oferece ao seu corpo docente formações continuadas, segundo as coordenadoras, Rosiane e Marcela: “as formações acontecem uma vez no mês e no início do ano temos uma semana de formação, tanto com as professoras antigas como as novas que estão chegando na escola”. Os dias e horários das formações são definidos na semana pedagógica no começo do ano e a temática é definida no decorrer do ano. “Fazemos uma formação em um mês e já planejamos a temática da próxima para termos conteúdo ou conosco ou com alguém que vem de fora para ministrar a formação”. Ao ser perguntada sobre como o planejamento escolar acontece, a coordenadora Marcela responde:

No começo do ano, temos uma semana em que a gestão, coordenação e professoras se reúnem para o planejamento escolar do ano. Discutimos sobre abordagens, formações, trabalhos com as crianças em datas comemorativas, avaliações, horários, ações, eventos, organização escolar, etc. (Coordenadora Marcela - informação verbal).

A coordenadora Rosiane também contribui afirmando que “na semana pedagógica fazemos o plano de curso. Colocamos ali tudo que vamos trabalhar durante o ano todo e mensalmente o professor prepara o plano dele, não é a coordenação”. A gestora Leal finaliza afirmando que na semana pedagógica “as professoras participam do planejamento, plano de trabalho e plano de curso. É

imprescindível que as professoras participem.” É importante o papel que a escola se propõe a auxiliar o professor no seu trabalho e oferecer formações pedagógicas, pois dessa forma, o ensino e aprendizagem de qualidade podem ser adquiridos.

Sobre essa perspectiva, podemos perceber que a gestão e coordenação da Escola Irmã Maria do Socorro estão alinhadas com os preceitos de uma gestão democrática e participativa que está associada ao compartilhamento de responsabilidades no processo de tomada de decisão entre os diversos níveis e segmentos de autoridade do sistema educacional (DE OLIVEIRA BRITO; CARNIELI, 2011).

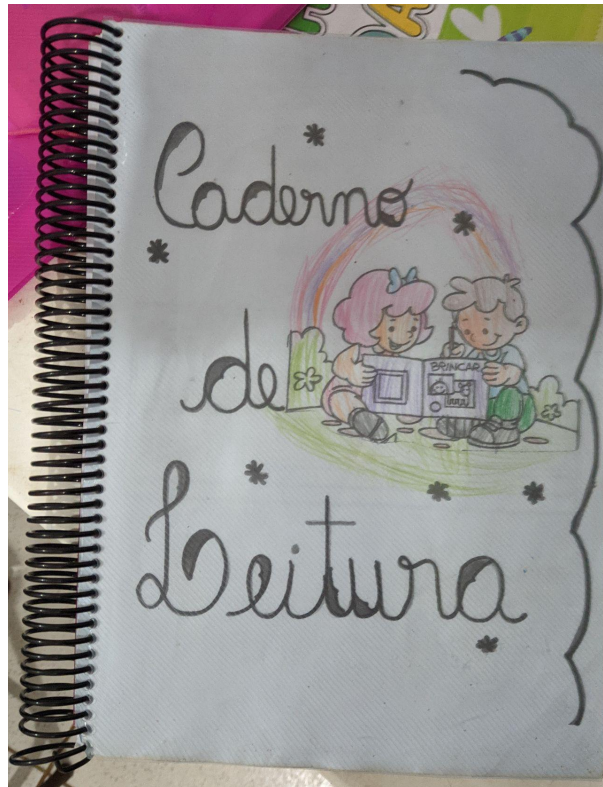
Marin (2011) afirma que por mais que os procedimentos possam ser os mesmos, os conteúdos também, na mesma escola, cada professor tem o seu jeito de trabalhar. Portanto, a autonomia do professor é essencial. A escola preza pela autonomia do professor em sala de aula e também dá abertura para que o professor procure a direção da escola quando sente dificuldade, precisa de ajuda ou quando precisa solicitar algum recurso que viabilize a sua prática educacional. A coordenação se coloca à frente nessa responsabilidade, é o que afirma a coordenadora Marcela.

A escola tem uma direção, tem uma maneira de trabalhar, estabelece um plano e vai dando indicadores para a professora de como ela quer, mas aqui na escola tem muito dessa autonomia que o professor tem. Claro que de buscar aprender, a educação está se atualizando o tempo inteiro e estamos sempre nos adaptando às novas modalidades que surgem, então, a escola viabiliza os recursos necessários no que diz respeito a material, a uma xerox, a uma pesquisa, a um suporte na presença da coordenadora. Mas a professora também tem essa autonomia de “eu sinto a minha turma dessa forma, vou mudar um pouquinho o trajeto, sem sair do que a escola propõe, a escola quer dessa forma, a gente age dessa forma” Então a gente dá a indicação, diz como quer mas dá a liberdade também do professor dando o suporte que ele precisa de material, recurso, temos uma biblioteca, temos um auditório que a qualquer momento qualquer professora pode fazer uso. Por exemplo, se a professora pensa em fazer uma vídeo aula, temos o projetor que a professora pode se disponibilizar para fazer. Então, o que a escola pode enquanto recurso estrutural e físico, a escola dá o suporte. Vai da professora buscar os meios e direcionar a turma para o que ela quer (Coordenadora Marcela - informação verbal).

A escola disponibiliza recursos para viabilizar o trabalho pedagógico das professoras alfabetizadoras, porém, as professoras precisam de mais materiais além do que a coordenação pode disponibilizar, portanto, as professoras produzem materiais e/ou adquirem materiais do próprio bolso para ter o seu trabalho concretizado, um exemplo é a apostila criada pela professora Conceição.

Eu criei uma apostila para alfabetizar os meus alunos, fui montando, cortando papel, colando. Todo ano renovo, tiro umas coisas, boto outras, vou adaptando a apostila nesse mesmo formato. Trago vários recursos que possam auxiliar na produção do aprendizado dessas crianças. Recursos como cartazes, jogos, recursos produzidos por mim ou os que o próprio livro pede dependendo da atividade (Professora Conceição - informação verbal).

Figura 10 - Apostila criada pela professora Conceição chamada Caderno de Leitura



Fonte: a autora

A apostila criada pela professora Conceição contém muitas atividades comuns à conhecida cartilha, como lições para cada letra do alfabeto, de sílabas, fonemas e conseqüentemente a formação de palavras. Segundo Mortatti (2000), “as primeiras cartilhas brasileiras, produzidas pelas professoras [...] através de sua experiência didática, baseavam-se nos métodos de marcha sintética (processos de soletração e silabação)”.

Através das experiências em sala de aula com os seus alunos, a professora Conceição sentiu a necessidade de usar um material além do material do livro didático. Dessa forma, ela começou a montar esse material de várias fontes, fazendo recortes em outros livros, outros cadernos de atividade, da internet, etc. Após isso, ela faz a junção de tudo e faz várias cópias do material para trabalhar com os alunos. A professora Conceição ainda relata que o investimento do material

da apostila que ela produz sai do próprio bolso, alguns pais contribuem com um valor, porém, nem todos tem condições.

Os pais dão uma ajuda, mas a ajuda que falo é no sentido da xerox do material, mas a maior parte sou eu mesma quem banco pois nem todos podem ajudar ou não querem contribuir. Eu conto com a ajuda dos pais, mas se for esperar por eles, demora e pela necessidade do material, acabo pagando do meu bolso e depois vão me ressarcir (Professora Conceição - informação verbal).

Veremos a seguir que a professora Cecília, como a professora Conceição, também faz uso do método da cartilha, porém, atualmente a cartilha ganhou um novo nome: ficha de leitura.

Eu uso muita ficha ilustrada que chamo de ficha de leitura. Coloco a imagem, por exemplo, a bola, eu corto e coloco em sílaba para formar a palavra ou senão eu boto a ficha ilustrada e eu pergunto “Qual a palavra? Como começa? E termina como?” Sempre trabalho muito as rimas com eles e eu percebi que eles aprenderam muito com rimas. Cantigas, contar lendas, coisas que são da vivência deles para fazer a produção textual. Sempre trabalho muito em grupo com eles, eles gostam, eu sempre coloco um que sabe menos com o que tá alfabetizado para que possam ajudar um ao outro. É muito bom ter esse sentimento de grupo mesmo, eles estarem se ajudando. É uma coisa que eu percebi também. Teve uma coleguinha que não levou o lanche, mas o outro assim, “olha, tá aqui pra ti, eu divido o meu lanche contigo”. Ele se oferece. “Ah, professora eu estou com dificuldade de fazer isso aqui” e às vezes a professora está dando atenção para outra ele vai lá e dá tenta ajudar (Professora Cecilia - informação verbal).

De acordo o relato, a cartilha e a ficha de leitura têm metodologias iguais, mas, de acordo com Santos (2016), o que diferencia os termos são os contextos históricos, as cartilhas geralmente distanciavam o público leitor dos termos que estavam inscritos nelas, já as fichas de leitura fazem a tentativa de aproximação com termos do dia a dia da criança.

Dentro da prática alfabetizadora, a maioria dos meus materiais são materiais impressos. Então os jogos de alfabetização tenho aquelas plaquinhas de alfabetização que inclusive, tenho que atualizar com minha colega, porque eram só de sílabas simples, eles olham a figura e escrevem do lado nome e agora eles já sabem sílabas complexas. Então eles já estão fadados, estou começando a perceber que eles já estão fazendo muito rápido, eu tenho que verificar e já estou buscando, como vou fazer com outras e também vou começar algumas com frases para também incentivá-los porque era usado mais no início. Eles entram no segundo ano sabendo. Boa parte dos meus alunos já sabiam decodificar, tenho dois alunos alfabetizados, lendo, escrevendo, produzindo texto. A maioria eram silábicos com valor sonoro. Então, aquela atividade que eu usava no começo já não está fazendo mais tanto sentido agora, então eu já vou começar a trocar inclusive. Eu tenho as letras móveis, o dominó das rimas, as leiturinhas, que são textos mais curtos dentro de sala de aula, tenho os

livros que eu utilizo dentro de sala de aula com eles, livros paradidáticos. Mas tem as outras letrinhas que eles vão formando também, eu não lembro o nome do material, mas vou sempre tentando trazer outros materiais fora o material da escola, do livro didático. Assim também como matemática, eles têm os numerozinhos. Na hora do intervalo eles brincam muito com isso, porque eles ficam dentro da sala de aula. E para não correr, para não ter essa bagunça de não se machucar porque eu tenho um medo mesmo que eles se machuquem, eles utilizam muito. Inclusive até meu pincel na hora do intervalo, brincar de forca. Mas é uma forma que eles estão fazendo. No início, essa forca, eles ficavam perguntando quantas letras tinham? Porque eles erravam a escrita outros adivinharam, mas hoje em dia eu percebo esse amadurecimento deles, de conseguir, praticamente não estão mais errando as palavrinhas então é bem tranquilo, eles já estão sentindo até mais seguros pra não ficar me perguntando mais quantas letras tem em cada palavra, acho engraçado. Tento trazer muito também textos ou vivências do dia a dia para dentro de sala de aula. Então um exemplo, eu estou trabalhando sobre cartaz. Então eu trago o cartaz. Trabalhando anúncio, trabalhando dinheiro. Trouxemos revistas para trabalhar, trouxemos o dinheiro, as notinhas. Então sempre tentamos trazer o dia a dia para isso. A outra coisa também que eu utilizo são materiais como letras móveis, jogos como dominó de rimas, trabalhando rimas que é um assunto que tem ali, trabalhamos por meio do dominó das rimas, dos jogos também. Usamos o material para além do material deles (Professora Clarice - informação verbal).

Através do relato da professora Clarice, podemos perceber a variedade de materiais próprios que ela disponibiliza para os seus alunos, além de ter uma parceria com a professora do mesmo ano, porém do turno contrário, em que elas fazem uma troca de materiais em que as crianças do mesmo ano, mas de turnos diferentes possam utilizar.

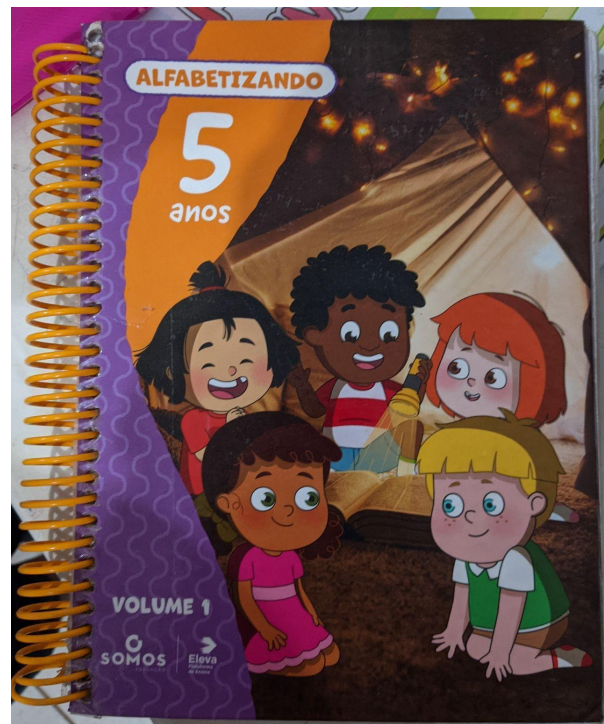
A seleção desses materiais para a alfabetização se dá através de observação que as professoras fazem para compreender as necessidades que essa criança demanda dentro do processo de alfabetização, como revela a professora Cecília.

Eu separo por exemplo um tema. A partir desse tema, de acordo com o desenvolvimento dessa criança, se eu percebo que todo mundo já assimilou, passo para outro. Mas enquanto tiver dois ou três ainda, deixo para fazer reforço com eles. Quando percebo que a turma todo mundo já realmente assimilou, todo mundo já tá conseguindo responder sozinho esse tema, essas questões desse tema, senão eu reviso, faço reforço com a criança que ainda tá aqui com dificuldade (Professora Cecília - informação verbal).

As professoras utilizam materiais próprios, porém, também utilizam o livro didático como recurso principal de trabalho e utilizam materiais seja de produção própria ou adquiridos como suporte, como exemplifica a professora Djamilia

Nós temos que trabalhar o livro didático por bimestre e lá temos que selecionar os conteúdos do bimestre através do livro. É assim o modo que eu seleciono, através dos conteúdos. E esses conteúdos que eu trago através de jogos, quando a escola disponibiliza o retroprojetor, eu faço uso. Então, trabalho através de vários recursos que a escola pode disponibilizar, mas os principais são os recursos que são confeccionados por mim. Que são cartazes, jogos e assim por diante (Professora Djamila - informação verbal).

Figura 11 - Livro didático da Pré-Escola II



Fonte: a autora

O livro didático utilizado pela escola está adequado às orientações da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Tem o intuito de proporcionar uma formação englobando aspectos acadêmicos, cidadãos e socioemocionais, habilidades de leitura e escrita, fluência em raciocínio lógico, apreensão de capital cultural, desenvolvimento da autonomia e aprimoramento da socialização. O livro também conta com textos motivadores para debate e indicação de atividades e materiais a serem utilizados pelas professoras.

Porém, nem todos os pais ou responsáveis das crianças têm condições financeiras de adquirir o livro didático, é o que relatam as professoras.

Tenho doze crianças na minha sala, dessas doze só duas tem o livro didático. Mas toda sexta-feira, eu gosto de mandar o livro paradidático com uma fichinha, ela vai reler o livro, quem já sabe lê sozinho, quem não sabe, lê com os pais, ali ele vai preencher qual a parte que ele mais gostou, já

trabalhei a capa do livro, o autor, o ilustrador e eu sempre vou mandando dia de sexta-feira para estimular a leitura com ele, a oralidade, a escrita. Está com duas semanas, as crianças já até me cobraram que eu não mandei ainda (Professora Cecília - informação verbal).

Livros didáticos só tem contato quem tem o livro que são três crianças. Em alguns momentos, sento com eles quando é aula mais por exemplo leitura, história, ou tem muita imagem e eu não trouxe o notebook porque o datashow fica na escola, eu faço em rodinha, eu consigo sentar todo mundo em rodinha na cadeira ou às vezes no chão mas geralmente quando é pra copiar é na cadeira porque é mais confortável. E eles têm esse contato com o livro do colega (Professora Clarice - informação verbal).

A professora Clarice ainda completa falando sobre como a maioria das crianças da sala não terem o livro didático, demonstram uma dificuldade e uma complexidade maior para que todas as crianças possam participar e que as crianças que tem o livro a disposição, não fique sem utilizá-lo:

Tenho três alunos com livro e cinco sem, então é praticamente um horário de aula para escrever o dever para casa e também cansa muito eles, porque querendo ou não eles tem que fazer a execução de atividade escrita. Por exemplo, hoje eu trabalhei em cartaz e o livro traz uma atividade proposta. Quem está com o livro vai fazer mais rápido. Quem não está às vezes eu trago só a imagem e eles tem que copiar as perguntas. Tento adaptar, tento verificar a forma que eles consigam escrever para não alcançar tanto. Mas é uma dificuldade porque demanda muito tempo, demanda mais atenção deles, cansa mais eles e também reduz tempo de aula. Então o tempo que eu estou explicando poderia estar explicando ou fazendo uma outra atividade no sentido de até mesmo uma parte mais lúdica ou uma leitura, algo do tipo, e eles tão copiando (Professora Clarice - informação verbal).

Através dos relatos, podemos enxergar como a utilização do livro didático não atende a todas as crianças. As professoras utilizam estratégias para que todas possam ser contempladas com os conteúdos, seja o colega compartilhando o próprio livro com as outras crianças, ou com a utilização de outros livros, como o paradidático.

Eles têm livre acesso ao livro paradidático, aqui na sala acho que eu devo ter deixado mais uns dois que aí eu vou trocando e vou trazendo e vou trocando. Eles podem pegar na hora do intervalo, eles podem pegar na hora da saída, se precisar durante alguma aula ou na hora da rodinha da leitura, eu vou passando o livro. Mas como é que é feita essa atividade com o livro? Eles já sabem agora. Quando eu estou lendo não é pra ficar tipo em cima tentando pegar porque atrapalha. Então a gente trabalhou isso com eles "olha tem um momento, você vai esperar, você vai aguardar". Então eles já conseguem hoje lidar muito bem com a questão de esperar o seu momento de pegar o livro. Se for livro de Artes, o meu livro por exemplo, tem muita imagem também, eu passo para os cinco que não tem então o colega que está em dupla olha, mas eu passo o meu livro na mão, eles não tem mais aquela pressa de ficar pegando, puxando, correndo até o risco de rasgar o

material. Eles esperam, eles aguardam se algum aluno não aguarda eles falam “ei, não está na sua vez”. Então eles aguardam, sabe? Eles respeitam, isso é muito importante não só pra questão do livro mas pra questão deles terem empatia, deles terem respeito e levar isso pra vida toda deles, né? Porque a escola não só escolariza nesse sentido, mas tem essa questão também de viver em sociedade (Professora Clarice - informação verbal).

A escola é um espaço de cultura e práticas educativas, sendo também um espaço de socialização da criança em que ela entra em contato com outras crianças, professores e outras pessoas que não sejam da família dela. Neste espaço de socialização, a criança conhece e se relaciona com todas as pessoas que dele fazem parte. Não só se relaciona com as pessoas, mas começa a se relacionar com o mundo da leitura e escrita, o processo de alfabetização. O processo de alfabetização passa pelo domínio da leitura, escrita e oralidade. Em outras palavras:

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (SOARES & BATISTA, 2005, p. 24).

A entrada da criança no mundo alfabetizado não se dá apenas quando ela é matriculada na escola e começa a comparecer às aulas, desde que, em seu meio, ela entra em contato com a linguagem escrita, começa seu processo de aprendizado (SOARES & BATISTA, 2005).

O processo de aquisição da linguagem escrita se dá através de muitas descobertas. Primeiramente, a criança com um lápis e uma folha, criará rabiscos, desenhos. Posteriormente, ela irá entender que escrever não é desenhar e a nossa língua é representada pela escrita alfabético-ortográfica (as letras e grafemas) (SOARES & BATISTA, 2005). As diferenciações entre letras e números, entre quantidade de letras, entre sílabas, etc, farão parte desse processo.

Alfabetização não é apenas um termo que designa a aquisição da leitura e da escrita no modo técnico do aprendizado, mas na aquisição do entendimento social desse conhecimento, como afirma Soares (1998):

Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo - criança ou adulto - tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita,

mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena (SOARES, 1998, p. 33).

Nessa direção, Paulo Freire (1983) afirma que o ato de “alfabetizar-se é adquirir uma língua escrita através de um processo de construção do conhecimento com uma visão crítica da realidade”. Ao obter acesso a leitura e escrita, o indivíduo adentra o mundo social exercendo sua cidadania como ser crítico e consciente dos seus direitos e deveres. Para o autor, o conceito de alfabetização vai além do domínio da leitura e escrita, ou seja, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989). Paulo Freire em seus estudos já falava sobre o que entendemos hoje como letramento. Porém, o que significa letramento?

De acordo com Soares (2005), letramento é o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita, ou seja, uma pessoa letrada é uma pessoa que entende as funções da linguagem e as utiliza ao produzir e contar histórias, é capaz de interpretar um texto lido e produzir uma retórica, mesmo que não seja alfabetizado. Soares & Batista (2005) afirmam que é necessário que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas e ainda fazem uma observação em torno da existência de pessoas com níveis de alfabetização e letramento, há alfabetizados não letrados e também é possível haver analfabetos com um certo nível de letramento.

Apesar de processos diferentes, a alfabetização e o letramento são processos complementares, como afirma Soares & Batista (2005).

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES & BATISTA, 2005, p. 54)

Ao serem perguntadas sobre como costumam propor as práticas alfabetizadoras com seus alunos, as professoras responderam:

A questão, por exemplo, das cartas, do bilhete, trabalhar o bilhete. Nós fizemos a escrita do bilhete, mas pensei “vamos dar uma função a esse

bilhete” exemplo: dia das mães. Vamos fazer um bilhete para as mães. Trabalhamos no livro, trabalhamos essa produção do bilhete no outro papel, fora dali, enfeitamos, levamos. Então, eles gostaram, eles gostaram de escrever, depois queriam escrever outro bilhete para todo mundo. Então estamos sempre tentando estar trazendo, incentivando, instigando eles para que eles consigam ver sentido naquilo e que eles tenham prazer também em fazer. Ainda mais uma atividade de alfabetização que demanda um pouquinho mais do que as outras. Eu também trago muitas histórias nesse sentido da empatia, do respeito. O que que eu faço? Eu faço um momento de leitura com eles. Então, tem o momento que eles lêem pra mim também, mas tem um momento que eu mesma leio, faço a rodinha no chão mesmo. Então a gente senta na rodinha no chão e começamos a fazer a leitura. Eu faço a leitura para eles e vamos conversando. Por exemplo, tem a história do Itaú que é da Pipa e da bicicleta, que a bicicleta estava triste porque ela queria ver as coisas no céu como a pipa e a pipa teve uma ideia de fazer ela voar e etc e a gente começa a conversar, por exemplo “Gente, que legal, né? Essa questão da atitude da pipa. E aí, o que você faria? E se a pipa não tivesse ajudado?” Então eles depois vão se percebendo em alguns momentos em sala de aula, “tia, ‘não sei quem’ fez igual a pipa, ajudou ‘não sei quem’ a fazer ‘não sei o que’”. Aí eu já percebo que eles vão captando as mensagens de certa forma, eles começam a perceber (Professora Clarice - informação verbal).

Outro relato importante da professora Clarice é sobre levar em consideração a bagagem de conhecimento prévio que os alunos já possuem para relacionar com o planejamento das atividades que serão desenvolvidas e a probabilidade de a criança se identificar e conquistar uma ótima relação com o ensino aprendizagem.

Eu sempre tento trazer algo a partir do que ela já sabe. A gente começa um assunto novo a partir daquilo que a criança já tem como o conhecimento adquirido. Por exemplo, se eu vou trabalhar hoje sobre formas geométricas, eu trago ali pra ela a imagem de objetos que ela já conhece no dia a dia, naquele outro dia vou trabalhar com sólidos geométricos que são formados com figuras planas. Então sempre tento trazer essa aprendizagem a partir do que eles já conhecem e tem mais facilidade, para que eles não tenham tanta dificuldade dentro de sala de aula (Professora Clarice - informação verbal).

O processo de alfabetização não se dá apenas no ato de ler e escrever, mas de todo o uso dos mecanismos para o processo de aquisição, bem como habilidades motoras e cognitivas como dominar os instrumentos de escrita (lápiz, caneta, régua, borracha, corretivo, etc) seguindo as normas ortográficas, organização e manipulação dos objetos de leitura (jornais, livros, revistas, etc)

As atividades de leitura que eu proponho com eles, já engloba a oralidade e escrita, é uma coisa só que faço. Quando estamos fazendo uma atividade do livro, eu solicito que cada um faça uma sequência de leitura coletiva. Um começa pelo primeiro parágrafo, depois o outro já inicia e, assim sucessivamente. Então aí eu já estou trabalhando o quê? A leitura, o desenvolvimento da oralidade e a escrita são eles respondendo após cada passo da leitura. Trabalho com eles em todas as disciplinas assim. Às vezes

explico a aula e eu digo “leia a primeira questão fulano de tal” para que eles possam desenvolver essa questão da oralidade, da leitura e vamos responder e é escrito (Professora Djamilia - informação verbal).

A variedade de propostas de atividades trabalhando a interdisciplinaridade faz com que o processo de alfabetização não seja mecanizado e seja interessante para a criança que está passando por esse processo.

Gosto de fazer texto fatiado, por exemplo, uma musiquinha, uma parlenda, eu gosto de fatiar o texto, cada um vai em grupo para montar uma musiquinha. Eu monto uma palavrinha, eu já vou esquematizar quantas sílabas tem, com contagem de sílabas, de letras. Com uma palavra chave do textinho, eu posso explorar várias coisas (Professora Cecília - informação verbal).

O professor é protagonista do seu trabalho, de seu planejamento e de sua prática. A coordenação da escola entende a importância da atuação da professora alfabetização, mediante essa percepção, relatam as coordenadoras Marcela e Rosiane.

Nós não estamos mais na educação tradicional em que éramos considerados detentores do conhecimento, mas somos mediadores. É por meio da professora alfabetizadora que o aluno vai encontrar pela primeira vez, é por meio da professora alfabetizadora que ele vai se encantar com uma leitura, com o livro, com a escrita, é tão bom quando a criança quer, aquilo que eu falei anteriormente, que ela descobre algo e ela vem contente de falar e conseguir formar a palavrinha, então, ela faz essa mediação, no sentido de direcionar (Coordenadora Marcela - informação verbal).

A criança já traz alguma coisa, ela já traz alguma vivência que ela teve com um coleguinha e a professora vai construir junto com ele esse conhecimento. Então é fundamental (Coordenadora Rosiane - informação verbal).

Ao compreender que o processo de alfabetização e letramento são complementares, o professor alfabetizador precisa ouvir as necessidades das crianças e entender como os processos ocorrerão para cada uma, desenvolvendo a metodologia de ensino com a criança e para a criança.

Eu vou de acordo com o conhecimento de cada um porque nenhuma criança vai aprender do mesmo jeito, então, eu vejo a forma que cada um aprende e apresentando sempre as inúmeras formas deles aprenderem, por quê? Porque para você ter êxito na alfabetização, eles têm que saber a diferenciação entre letras e números, é crucial para eles. Ele sabendo essa diferenciação, então vamos trabalhar a fonética, vamos trabalhando que cada letra tem um nome, cada letra tem um som. A partir desse conhecimento, que não é só memorização, porque eu tenho muitos alunos aqui que memorizam. Se eu disser o alfabeto de A a Z eles sabem me dizer,

mas se eu mudar uma letra, não sabem, então eles não conhecem. Então vou tirando esse processo de memorização para que eles aprendam de forma concreta com receitas, com brincadeiras, com aquilo que eles têm na vida diária deles. Como trabalhamos também com uma embalagem, com o rótulo, com aquilo que eles veem todo dia, com notícias que eles trazem, muitas vezes eles têm muito acesso a jogos, a vídeos, internet. Sobre a internet, dá para trabalhar e conciliar aquilo que eles aprendem no YouTube, nós podemos trazer para a sala de aula a partir de personagens, a partir do próprio nome deles, que às vezes eles vêm de séries iniciais sabendo só a primeira letra e quando chega aqui, tem que aprender o nome completo deles. E assim, vamos trabalhando esse processo dia após dia e obtendo êxito depois que eles já estão reconhecendo o nome deles, no nome dos amigos, escrevendo, fazendo uma letra. Às vezes os pais querem muito que eles escrevam com letra cursiva, nós apresentamos todas formas de letras, mas se eu sei que aquele meu aluno que escreve com letra bastão, porém, não consegue fazer a letra cursiva, mas reconhece ela, eu sei que ele aprendeu e não é proveitoso para mim impor para ele um tipo de letra ou um tipo de conhecimento que ele sabe mas não consegue aplicar ainda. Vamos trabalhando e ele vai fazendo essa diferenciação das letras. Não só a letra como em outros conteúdos também (Professora Firmina - informação verbal).

A professora Firmina menciona o uso de métodos de alfabetização. Os métodos de alfabetização, mediante os estudos de Frade (2005) se dividem entre métodos sintéticos e analíticos. Os métodos sintéticos (da parte para o todo) são: método alfabético que consiste em decorar o alfabeto para juntar as letras que formariam sílabas ou palavras; método fônico, em que a análise das palavras é feita através do som, relacionando sons e letras para formar as palavras e o método que consiste no estudo da palavra através da sílaba. Os métodos analíticos (do todo para as partes) são o método de palavração em que os alunos desenvolvem a habilidade de reconhecer a palavra por meio da associação com a figura e a representação gráfica das letras; o método da sentencição, em que o destaque é a sentença, visto como uma unidade completa que, uma vez entendida em sua totalidade, pode ser separada em palavras e em sílabas e o método global, que tem como premissa a ideia de que a leitura é uma descoberta. É necessário decompor as histórias em partes cada vez menores, de modo que a criança possa compreender e assimilar o conteúdo de forma efetiva.

Através do relato da professora Conceição, podemos perceber que ela faz uso dos métodos sintéticos de alfabetização no trabalho pedagógico com seus alunos.

Hoje a palavra-chave, vamos supor que seja “vaca”. Eu vou trabalhar cada letrinha e o som. A primeira parte e a segunda parte da palavra “vaca”. Fazemos a associação e vão surgindo outras palavras-chave. Vamos trabalhando e buscando as possibilidades. Por exemplo, o ‘VA’ é da família

do V. O 'CA' que é da família do C, juntou-se formando a palavra VACA. Então temos várias possibilidades para trabalharmos e que o aluno consiga aprender. Quando eles passeiam na rua, olham placas, outdoors, coisas escritas nas paredes, quando chegam na escola, dizem "ah, tia, eu vi assim tal letra escrita na parede ali onde eu passei, tal coisa assim". Quando a gente sabe que eles tão aprendendo, eles ficam eufóricos para aprender tudo e estou aqui fazendo um caderno, os que já estão sabendo ler, eles vem para perto e pergunta "tia, o que a senhora tá fazendo aí?". Ele já sabe. "Você está botando a letra A, você está botando a letra B, então esse ano, o livro disponibilizou não o alfabeto de forma corrida. Começamos a trabalhar da letra V, depois a gente vai passar para a letra D, depois vamos passar pela letra L, depois a letra M, trabalhando de uma forma desmistificadora, porque o aluno, como ela falou, se o aluno ler o alfabeto corrido, ele diz tudo e depressa. Mas quando você aponta o dedo e pergunta "que letra é essa?" o aluno não sabe dizer que letra é aquela porque ele gravou o alfabeto daquele jeito e da mesma forma são com os números. Tem que ter maneira, trazemos fichas, alfabeto móvel, vídeo educativo com alfabeto e vamos colocando do jeito que dá para trabalharmos aqui. Quando trabalho sílabas com meus alunos, falo para eles "quantas vezes você abre a boca para falar uma palavra? A quantidade de vezes que você abre a boca é a quantidade de sílabas que a palavra tem". Por exemplo, a palavra sol, digo à eles "abram a boca para falar a palavra sol. Quantas vezes você abriu?" Eles falam "Uma vez, tia". Então, já sabemos que essa palavra tem uma sílaba. "Quantas vezes você abre a boca pra falar o nome dado?", a criança faz DA-DO. Então, ele vai saber que aquela palavra tem duas sílabas. É uma das formas em que trabalhamos sílabas, o conteúdo e você já vai especificando ali. Meus alunos já sabem palavras que tem quatro sílabas porque eu já disse de acordo com que você abre a boca, o som que vai saindo da sua boca é a quantidade de sílabas que a palavra tem. Então tudo tem que ter uma maneira. Nós vemos que vai se tornando uma coisa fácil alfabetizar porque, surgem mil maneiras, ideias na nossa cabeça que quando vamos para a sala de aula, temos várias formas de fazer a criança aprender. Porque você fala para a criança juntar o B e o A, vai formar o que? Ou então, se você juntar o B de bola e o A de aranha, vai formar o que? A criança vai responder "BA". Eu trabalho dessa forma e vejo que meus alunos conseguem aprender dessa forma (Professora Conceição - informação verbal).

De acordo com Frade (2005), os métodos que seguem a marcha sintética (...) e que demonstram rigidez no controle das aprendizagens tendem a priorizar apenas a decodificação, ou seja, a análise fonológica com pouca ênfase no sentido dos textos e no uso social da escrita. Já o método analítico (...) procura romper radicalmente com o princípio da decifração, ou seja, o objetivo é aprimorar a abordagem pedagógica, reconhecendo que o ensino da escrita deve considerar a visão ampla da criança sobre a linguagem e seus elementos. Assim, busca-se promover uma compreensão mais profunda e consciente do fenômeno linguístico, respeitando a individualidade de cada aluno.

Ainda no que a professora Conceição relata, ela faz uma crítica sobre os métodos atuais de alfabetização e os materiais didáticos:

Acho o método tradicional a maneira mais fácil de alfabetização, é o método que dá mais êxito que são as famosas cartilhas. Hoje em dia, fazem um livro que não tem quase nenhum conteúdo. A professora tem que se virar, trazer igual produzi a minha apostila, trazer essa atividade de folha para poder dar reforço para o livro que não tem, vem tudo minuciosamente, veio só um pedacinho, uma coisinha de nada, você passa aquele dia e ele faz, pronto, acabou esse assunto. Se você não trouxe material de casa, não pesquisar e além do livro, não trazer recursos, fica muito vago (Professora Conceição - informação verbal).

Sobre o que a professora Conceição relata, pode ser uma opinião polêmica, porém, Magda Soares no texto *A Reinvenção da Alfabetização* (2003), nos traz uma reflexão importante sobre dar ênfase a um método e excluir os outros. Ninguém podia mais falar em método fônico, método silábico, método global, pois todos eles caíram no purgatório, se não no inferno (SOARES, 2003). Ou seja, nesta perspectiva a professora não deve obrigatoriamente utilizar apenas um método de alfabetização e colocá-lo acima de todos os outros, pois, pode trabalhar a ideia da diversidade metodológica, o que considera melhor de cada método pode ser utilizado por ela em conjunto.

A professora pode recorrer a métodos tradicionais de ensino, mas não métodos tradicionais para tratar as crianças, para exemplificar, ela utiliza a cartilha, mas não utiliza a palmatória. Ou seja, ela utiliza o que considera melhor de todos os métodos que têm êxito na alfabetização das crianças. As crianças fazem parte do processo de alfabetização, não só como a pessoa a ser alfabetizada, que vai receber o conhecimento, mas como pessoa que também detém um nível de conhecimento prévio, uma bagagem intelectual. Sobre os conhecimentos que as professoras elencam como indispensáveis para que a criança seja alfabetizada, como relata a professora Cecília:

Acho que são as vivências da criança, a prática da criança, porque a escola está aqui não para somente alfabetizar, ele tem que trazer uma bagagem de casa até mesmo conhecimento prévio. Você percebe logo quando a criança gosta de ler, porque os pais também estão lendo, quando a criança tem uma variedade boa. Eu acho que tudo um pouco de casa é necessário (Professora Cecília - informação verbal).

Que o aluno esteja aberto, que seja estimulado pela família, pois, quando a mãe ou pai acompanham em casa, o aluno sai lendo da pré escola dois (Professora Firmina - informação verbal).

É que o aluno esteja com a mente mais aberta para aprender. Se você conseguir dosar, trazer o material, trabalhar a ludicidade, trabalhar material como esse que tenho, trabalhar leitura, trabalhar texto, trabalhar essas

coisas o aluno sairá bem encaminhado (Professora Conceição - informação verbal).

De acordo com o relato das professoras Firmina e Conceição, é imprescindível que a criança esteja pronta para absorver o processo de alfabetização, além de ser encorajada pelos educadores. É fundamental que haja uma interação entre a escola e a família para que o aprendizado seja efetivo e significativo. A coordenadora Marcela menciona um conjunto de conhecimentos que são válidos elencar.

Acho que no que diz respeito ao professor, o conhecimento teórico sim. Ele é fundamental porque quando você sabe o que trabalhar, por exemplo, nós temos uma Base Comum Curricular e, claro que nós não temos como decorar, não temos como saber tudo, ela tá sendo construída, está sendo adaptada a tudo. Então você precisa conhecer os parâmetros que você trabalha, quais são os documentos que regem aquilo que você trabalha e o que precisa ser desenvolvido com aquela criança daquela idade que você trabalha. Então o que se espera, é de fato a expectativa versus realidade. O que se espera e aquilo que você pode adaptar para sua realidade. Então se espera isso, que tenha didática em sala de aula, para justamente trazer a expectativa para dentro da realidade e desenvolver aquilo. No que diz respeito às crianças, a gente sempre prima para que elas consigam assimilar. Assimilar como? Às vezes a criança, dependendo da fase dela, vamos falar ali no começo, ela vai desenvolver primeiro a oralidade. Tem crianças que desenvolvem a escrita com muita facilidade e crianças que demoram um pouquinho mais, mas desde que ela tenha o conhecimento prévio, que ela consiga assimilar. Então as professoras com a questão do visual. Então elas têm ali um alfabeto. Às vezes a criança não sabe escrever o B mas ela sabe o que ali é o B e ela sabe o que é B de boneca, aquilo foi desenvolvido com ela. Então esse conhecimento dela conseguiu assimilar “eu vejo e eu sei”. Posterior a isso a gente vai trabalhando o que é a escrita de forma gradual, tranquila para que não seja uma coisa forçada com a criança. Então ela vai aprendendo com as coisas básicas. Cores, pintura, coordenação motora, que é a motricidade. Vai desenvolvendo essas pequenas habilidades que elas muitas vezes chegam aqui sem ter, são crianças muito pequenas, então não sabem as vezes pegar no lápis, nesse primeiro momento ela vai desenvolver isso, vai saber obedecer as regras de convivência. Então mais do que a criança saber e sair daqui alfabetizada, porque existe uma ansia da sociedade e dos pais de que a criança, por estar na escola, precisa saber do A até o Z logo no primeiro dia e precisa conhecer todas as coisas... não existe isso porque na prática é gradativo a aprendizagem, então essa criança vai aprender as regrinhas de convivência na sala. É a primeira lição dela porque é o primeiro contato dela com o exterior, então não é a casa dela que ela faz da maneira como ela quer, ela tem que respeitar uma voz de um estranho, ela tem que respeitar o coleguinha que ela nunca viu na vida, então ela vai aprender a conviver ali. E ali é o quê? Sociedade. Me entendendo como indivíduo e entendendo que “agora faço parte de um outro ambiente que não é a minha família, é a escola”. E ela vai se entender ali. Depois disso, vamos entrar nesses que são os o currículo. O conhecimento de letra, de números, mas eu acho que o principal... se eu pudesse te dizer seria a formação de cidadão, indivíduo, conceito de que é respeito, palavrinhas mágicas que ainda hoje tem em todas as salas porque é algo que tem se perdido, as pessoas não querem mais dizer um “boa tarde”, “bom dia”, “com licença”, “desculpa” então a

gente ainda trabalha a formação do cidadão e depois a gente vem com o currículo complementando isso (Coordenadora Marcela - informação verbal).

Identifica-se no relato da coordenadora Marcela uma reflexão sobre como a escola é a primeira entrada da criança no mundo alfabetizado com conceitos e ferramentas de leitura e escrita, mas também no entendimento do que é viver em sociedade. Sendo o papel do docente transformar o aluno de hoje no cidadão de amanhã, consciente de sua herança, colocando-o em contato com a obra humana passada e com as culturas de outros lugares, com o desenvolvimento das letras, das artes, da história, das ciências e das tecnologias (GAUTHIER & MELLOUKI, 2004).

auxiliando o aluno a situar os conhecimentos, objetos culturais e modos de vida em seu contexto social e histórico que o mestre contribui para a formação cultural do aluno e para ajudá-lo a tomar consciência dos pontos de junção e de ruptura que marcam a história humana (GAUTHIER & MELLOUKI, 2004, p. 557).

Além de destacar a importância de avaliar o desempenho dos estudantes é importante compreender que esse processo não deve ser utilizado como uma ferramenta para reprovar ou excluir os alunos. Pelo contrário, a avaliação deve ser vista como uma ferramenta de análise e que os docentes possam se basear nos resultados para melhor compreender o nível que seus alunos se encontram, podendo assim, com os resultados, adaptar e aprimorar suas metodologias e práticas pedagógicas.

Ao entender a importância da avaliação da aprendizagem, as professoras relatam como fazem e aplicam os diagnósticos de sondagem ou avaliação com seus alunos para verificar a evolução dos mesmos.

A forma de avaliação deles é diária, contínua. Então em sala de aula a gente trabalha o conteúdo, no outro dia eles já trazem para a sala de aula. Por exemplo, peço para eles “digam uma música que tenha o número cinco”, eles já vão buscando e conseguem apresentar para nós. “Digam a música que tenha tal palavra ou tal letra”. Eles conseguem trazer. Dessa forma, vamos ver que o nosso trabalho está sendo efetivado na mente deles (Professora Firmina - informação verbal).

Coloco eles pra ler, quando passo atividade, faço a explicação e vejo se eles assimilam e fico observando. Nessa semana, chegou uma aluna novata. Quando ela chegou, pedi pra ela tirar o cabeçalho do quadro para que eu pudesse ver o nível de escrita dela. Então é assim que eu faço todos os dias. Memorizo tudo para fazer todo dia um diagnóstico e no final do bimestre, faço a digitação, deixo armazenado comigo as aprendizagens. No dia a dia, quando vejo aquela dificuldade, anoto no meu caderno o nome do aluno e faço as anotações de “falta isso”, “ainda não identificou aquilo”, etc.

Mas basicamente é durante o dia a dia que eu desenvolvo esse diagnóstico com eles com pequenos diagnósticos de observação (Professora Djamila - informação verbal).

Eu faço grupos, os três grupos são os que estão no alfabético, os que já estão alfabetizados e os que estão no pré ainda. Para o grupo que já está alfabetizado, passo uma atividade mais complexa. Faço três grupos, aí eu vejo quem já vai passar para o outro grupo e vou diversificando atividades. Para ver se esse aluno conseguiu, ele vai para o outro grupo. Também faço as minhas anotações, minhas fichinhas, faço ditado, coloco as palavrinhas para ver qual o nível que ele ainda está se encontrando para poder observar e comparar o que eu já fiz no mês passado para identificar qual foi a evolução dele (Professora Cecília - informação verbal).

Sim, eu faço sondagens, eu fiz a primeira sondagem esse ano, mas eu não entreguei aos pais. Nessa primeira entrega de avaliação bimestral, entregamos para os pais, não vai só na bolsa. Eu voltei com essas sondagens e mostrei para os pais. Eu abri e eu disse, “pode observar a prova dessa pessoa agora e observa a sondagem”. Tinha pai que nem conseguia entender direito o que estava escrito naquela sondagem no início do ano, então ali eu sempre vou guardando e vou apresentando para que a gente consiga perceber o quanto mudou, o quanto a criança conseguiu desenvolver. Então como é que eu percebo? Através das atividades que estão sendo feitas, então eu observo caderno de vez em quando, vou voltando, vendo as atividades de sondagem que eu também já fiz durante o começo do ano, tem umas que eu não entreguei, então tem uma específica que eu não entreguei pros pais e não vou entregar, só no final do ano, porque eu preciso daquilo como o meu ponto de início, para eu entender e perceber o quanto ela mudou. Por que o que acontece? Porque às vezes eu não consigo perceber o quanto a criança evoluiu, porque é natural, eu estou todo dia com aquela criança. Mas aí eu percebo uma letrinha melhorando, conseguiu ler aquele parágrafo melhor, conseguiu fazer a leitura daquela parte do livro bem mais rápido. Antes levava cinco minutos para ler uma frase e agora o meu aluno está ali no parágrafo e agora está conseguindo me explicar o que leu. Ali eu consigo perceber. Então eu consigo perceber. Quando eu percebo a organização da questão da escrita também, a leitura e a produção de texto dentro da sala de aula, nas atividades que são propostas (Professora Clarice - informação verbal).

De acordo com a figura 12 disponibilizada pela professora Clarice, podemos perceber que a metodologia utilizada compreende questões de interpretação textual, domínio do alfabeto relacionando com imagens e domínio da diferenciação do som de letras. Assim, ela pode arquivar essa atividade e posteriormente, com outras atividades que ela irá propor, poderá avaliar a evolução e o desempenho dos seus alunos e/ou propor novas atividades.

Figura 12 - Exemplo de atividade de sondagem de português proposta pela professora Clarice a alunos do 2º ano das séries iniciais

Left Worksheet (Rogério):

NOME: _____ DATA: 02/02/2023

1) DE ACORDO COM O TEXTO, RESPONDA:
 A) A HISTÓRIA ACONTECE EM UM:
 PARQUE DE DIVERSÕES
 CIRCO
 ZOOLOGICO

B) QUAIS SÃO OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA? PINTE.
 MAMÃE VOVÓ **ROGÉRIO** PAPAI GIOVANA

C) POR QUE O ZOOLOGICO ESTAVA EM FESTA?
 acabou de nascer Rogério e Giovana

D) POR QUE É MUITO BOM A GIRAFA TER SEIS METROS DE ALTURA?
 cor-de-rosa e amarelo

2. QUAL É A LETRA INICIAL DAS IMAGENS A SEGUIR? ESCREVA NOS QUADRINHOS.

 [Sun] [Tree] [Pencil] [Shoes]

A) SE ORGANIZARMOS AS PALAVRAS DE ACORDO COM A ORDEM DO ALFABETO, QUAL SERÁ A PRIMEIRA PALAVRA?
 avela

3. LEIA AS PALAVRAS E RESPONDA AOS ITENS.
 SELVA LEÃO FILHOTINHO

A) NA PALAVRA "SELVA", A LETRA L TEM SOM DE
 U O E

Right Worksheet (Giovana):

NOME: _____ DATA: 02/02/2023

1) DE ACORDO COM O TEXTO, RESPONDA:
 A) A HISTÓRIA ACONTECE EM UM:
 PARQUE DE DIVERSÕES
 CIRCO
 ZOOLOGICO

B) QUAIS SÃO OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA? PINTE.
 MAMÃE VOVÓ **ROGÉRIO** PAPAI GIOVANA

C) POR QUE O ZOOLOGICO ESTAVA EM FESTA?
 o filhote da girafa

D) POR QUE É MUITO BOM A GIRAFA TER SEIS METROS DE ALTURA?
 localizar facilmente um leão

2. QUAL É A LETRA INICIAL DAS IMAGENS A SEGUIR? ESCREVA NOS QUADRINHOS.

 [Sun] [Tree] [Pencil] [Shoes]

A) SE ORGANIZARMOS AS PALAVRAS DE ACORDO COM A ORDEM DO ALFABETO, QUAL SERÁ A PRIMEIRA PALAVRA?

3. LEIA AS PALAVRAS E RESPONDA AOS ITENS.
 SELVA LEÃO FILHOTINHO

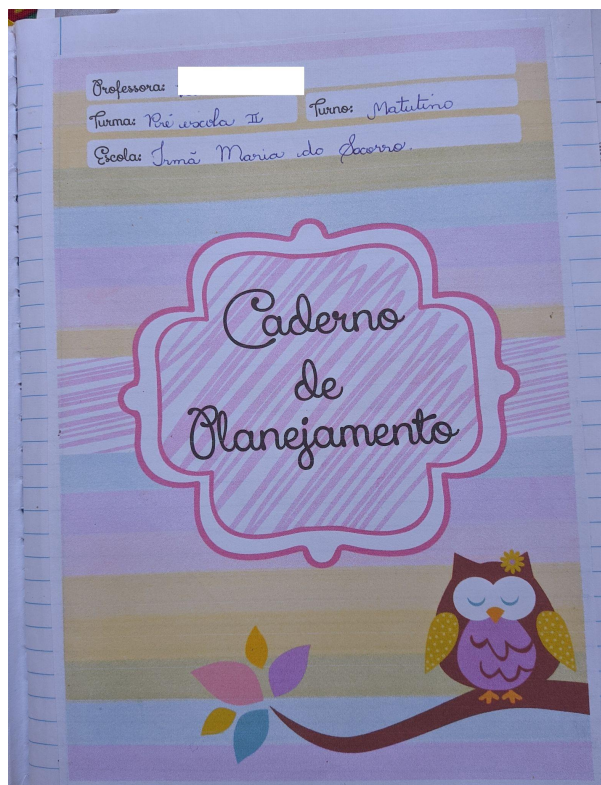
A) NA PALAVRA "SELVA", A LETRA L TEM SOM DE
 U O E

Fonte: a autora

A coordenação pedagógica da escola também disponibiliza um caderno chamado Caderno de Planejamento, que pode incluir variadas anotações das professoras, incluindo anotações de diagnóstico dos alunos. De acordo com a gestora Leal, “a escola disponibiliza uma agenda para as professoras escreverem seus relatos de tudo o que acontece em sala de aula, quem participa ou não, de quem os pais participam ou não, etc. No dia da reunião, é feita uma leitura do relatório de cada aluno para os pais”.

O professor faz todas as atividades com ele e no final do bimestre, realizamos uma atividade avaliativa com cada aluno. Desde os dois anos até cinco anos. Para saber o nível de desenvolvimento que ele está no momento. Como ele entrou, por isso o professor vem fazendo todas as atividades do dia a dia, e no final do processo ele faz uma avaliação geral pra saber onde é que ele já desenvolveu e onde ele falta desenvolver. Inclusive na semana pedagógica, disponibilizamos ao professor uma agenda para que possam fazer os relatórios diários dos seus alunos. Nessa bolsa também disponibilizamos alguns materiais que o professor vai utilizar durante o ano como caneta, pincel, grampeador, grampo, borracha, lápis, etc. (Coordenadora Rosiane - informação verbal).

Figura 13 - Caderno de Planejamento disponibilizado pela Escola Irmã Maria do Socorro às professoras



Fonte: a autora

A alfabetização e letramento também são processos de construção cultural do indivíduo. É importante que o ensino tenha um significado para as crianças e que elas possam ter uma estimulação para sempre buscar e aprender. Todas as atividades que as professoras propõem, são bem recebidas pelos alunos, a relação das crianças com o ensino aprendizagem é satisfatória, de acordo com as professoras entrevistadas, como relatam:

É muito boa pois as crianças estão muito abertas a aprender e elas se sentem cada vez mais estimuladas quando elas fazem atividades que são prazerosas, em que elas possam brincar e aprender com os jogos educativos. Quando proponho atividades, elas buscam, trazem, observam na rua, compartilham comigo e com os colegas. Tanto que, aquilo que a gente trabalha que é feito e construído por eles, eles dão mais valor tanto em sala de aula quanto em casa e eles falam em casa que eles aprendem (Professora Firmina - informação verbal).

Eles estão tão desenvolvidos que quando eu cheguei na sala, coloquei eles para copiarem, pois para mim a escrita é o principal. A coordenadora até orientou “coloca uma questõezinha, duas questõezinhas”, mas eu não sou professora de uma e nem duas questões. Eu sou professora que eu coloco para desenvolver mesmo na criança e hoje eles já escrevem mais rápido.

Eles pedem “tia, coloca a quinta, a sexta, a sétima, a oitava questão” e seu eu colocar, eles fazem. Gosto de desenvolver e eles estão abertos. Por isso que eu gosto de chegar e inserir logo eles no mundo da escrita e da leitura, estimular o quanto antes (Professora Djamila - informação verbal).

De acordo com os relatos das professoras Conceição e Djamila abaixo, elas relacionam que, para que as crianças tenham uma boa relação com o ensino aprendizagem, elas precisam ser estimuladas pelos pais ou responsáveis.

A criança precisa da estimulação para ter uma boa relação com o ensino aprendizagem. Principalmente quando esse estímulo vem por parte dos pais, pois, a criança vem para escola e fica aqui um turno do dia. E nos outros turnos? Quando ela vai para casa, ela tem vontade de pegar a atividade para fazer, o livro para ler? E se os pais perguntam, olham, ajudam? Se não tiver, não vai para frente (Professora Conceição - informação verbal).

Para mim até agora é satisfatório. Tem alguns que tem aquela dificuldade de ficar buscando, mas para mim até hoje está sendo satisfatório. Mas também depende muito daquela questão família e escola. Tem uns que se sobressai mais. Por quê? Porque são mais acompanhados pelos pais. Mas tem aqueles que já são mais vagarosos por conta de que não é só a escola, tem que ter o acompanhamento da família. Então, quando não há esse acompanhamento, é um pouco difícil. Mas vamos tentando para que pelo menos ele alcance algo (Professora Djamila - informação verbal).

As dificuldades de aprendizagem são um tema muito presente no ambiente escolar e têm sido objeto de debates entre professores e acadêmicos. As professoras elencam abaixo as dificuldades que enfrentam para alfabetizar seus alunos.

Acompanhamento dos pais. Nem toda criança é igual, isso é lógico, nem todo mundo é igual. Então, às vezes, ela não é alcançada apenas com aquilo que tá dentro de sala de aula. Claro que eu não vou responsabilizar tudo para a família, lógico que não, meu trabalho é dentro de sala de aula e ensinar elas, mas tem que ter um trabalho alinhado de escola e família até porque se aquela criança ela não está bem por uma questão emocional naquele dia ela não vai aprender, não adianta (Professora Firmina - informação verbal).

Às vezes os pais não ajudam, mando a atividade para casa e volta do mesmo jeito, ou seja, os pais não acompanham o filho nas atividades, não cobra. Antes da prova passada, mandei a revisão para ser feita em casa e do mesmo jeito que eu mandei, veio e sem a mãe nem ter olhado (Professora Conceição - informação verbal).

Muitas dificuldades são do apoio familiar. Porque aqui na escola, eles passam um curto espaço de tempo e passam mais tempo com a família. Então a dificuldade é o apoio familiar. Porque se não tiver o apoio familiar, não tem andamento. Por exemplo, a aluna nova que chegou essa semana, passei a atividade, orientei ela e ela começou a escrever, mas ela não conseguiu terminar e mandei que a atividade fosse concluída em casa. Quando fui observar o caderno, identifiquei que a letra não era dela,

entendeu? Perguntei a ela: “quem fez isso aqui?”, ela respondeu: “Foi eu tia, foi eu”. Perguntei novamente: “Mas pegaram na tua mão?” Ela respondeu: “A minha avó pegou na minha mão”. Como que essa criança vai ser alfabetizada? Se aqui ela tem uma rotina diferente e em casa ela tem outra. Então, essa alfabetização é atrapalhada com essa rotina porque se a rotina desse continuidade a rotina da escola com a de casa, seria muito mais rápido. Na época da pandemia, onde eu trabalhava, meus alunos estavam passando um processo do infantil para fundamental, no caso, o primeiro ano. Ainda não estavam todos alfabetizados. Ele já vem com conhecimento das sílabas mas eu tive alunos que já conseguiam ler, porquê? Por conta da família que ajudou, mesmo fazendo aula on-line. Eu busquei identificar que ele se desenvolveu porque a família apoiou. Mas tem aqueles casos que a família não apoia. Então fica difícil. Você trabalha, trabalha, tudo que você vai fazer você fica triste. Eu já me senti triste. Porque você sente que é praticamente em vão enquanto a família não está apoiando (Professora Djamila - informação verbal).

Às vezes é a família, não quer que você mande uma atividade. Quando é mãe solteira, não tem tempo, deixa com vizinho, deixa com parente, ainda rasga a ficha, não traz, não traz o caderno, é complicado. Nesse momento, a gente chama para conversar, mas às vezes eu posso fazer mais em sala de aula, porque eu principalmente, se eu percebo que o pai não dá o acompanhamento, não tem tempo. Aí eu já reforço em sala de aula. As minhas fichas de leitura, as minhas práticas de leitura com esse aluno. O professor está todo tempo ali de olho em tudo que está acontecendo (Professora Cecília - informação verbal).

É importante que o processo de alfabetização não seja apenas de interesse de profissionais da área da educação, mas a família assuma um papel que é primordial para que essa educação se consolide com qualidade, pois, é no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprende os primeiros valores e hábitos (STIMIESKI, 2010).

É preciso reconhecer a complexidade do assunto e buscar soluções efetivas para ajudar os estudantes a superar essas barreiras. Sabemos que o processo de alfabetização, é um percurso que demanda de muitos fatores, dentre eles inclui-se o tempo, as individualidades de cada criança em relação ao processo de ensino aprendizagem, mas também necessita primordialmente do acompanhamento dos pais nesse processo. Pois, se a criança enxerga que os pais não dão valor à educação, porque ela dará?

Quando questionadas a respeito de como é a relação dos pais ou responsáveis com a escola, elas enfatizaram a importância da presença dos pais em vários aspectos da educação dos filhos, seja nas reuniões, seja no acompanhamento das atividades que as crianças produzem conhecimento.

Nunca tive problema algum com os alunos e nem com os pais/responsáveis dos alunos, porque eu sempre tive essa relação de respeito e clareza. Sempre os deixei muito à vontade para me procurarem, questionamentos, o que eles acham, o que eles esperam. Todos sempre me procuraram de forma respeitosa, porque por mais que eles me vejam “ah, é jovenzinha, etc” nunca houve nenhuma relação desrespeitosa. Mas eu sempre me impus. “Olha, eu sou a professora, trabalho dessa maneira e aquilo que tiver que ser resolvido, primeiro venham falar comigo caso não possa ser resolvido, vocês passam pela coordenação”. Se há algum problema, eles vêm, trazem para mim, a gente senta, conversa, procuro sempre disponibilizar algum tempo para qualquer questão que esteja com eles. Desde que entrei aqui, tiveram mães que me relataram, “olha minha filha veio já de uma escola e era tratada assim, assim, assim e você trabalha de forma diferente”. Houve um caso no ano passado que a mãe disse que a filha dela estudou apenas dois meses na escola porque a professora gritava. Então, quando a criança ouvia gritos, ela não queria mais comparecer à escola. Então tive que trabalhar o tempo todo com a mãe em cima de mim porque a filha dela já vinha com problema em outra escola e eu tive que trabalhar aqui. Durante esses anos, não houve nenhum e se tornou uma relação boa tanto com pai, avô, mães, quanto qualquer um dos responsáveis que a criança tenha na escola (Professora Firmina - informação verbal).

O relato da professora Firmina aponta para uma relação de respeito que ela construiu com os pais ou responsáveis dos seus alunos, para que quando haja algum problema, qualquer que seja, ela deixa claro que há um espaço de escuta e acolhimento para a resolução e comunicação.

Eu nunca tive problema com os pais durante o período em que leciono aqui. Porque se a mãe manda um recado atrevido, eu não retruco, não mando outro recado atrevido. Espero dar um momento e mando um recado bem carinhoso na agenda: “Mãe, eu preciso que você compareça à escola que eu preciso falar com você”, acho melhor você trabalhar essa questão dessa forma. Principalmente no bairro que a escola se localiza, que é um bairro entre aspas periférico que tem muita marginalização e mãe solteira. Temos casos e casos. Já houve um caso aqui nessa escola que o professor saiu corrido daqui. Então, eu procuro não retrucar. Se eu vejo que a mãe não está agindo corretamente, acabo tendo que ficar na minha. Espero as reuniões com os pais/responsáveis para poder falar. Nós temos uma primeira reunião quando começa o ano letivo, depois de uma semana ou duas semanas de adaptação. Na reunião, falo sobre minha meta de trabalho para todos os pais, isso quando todos os pais/responsáveis comparecem. Em relação a minha meta de trabalho, o que falo é sobre o meu método de trabalho, o modo como eu gosto de trabalhar, como eu gosto que os pais entrem em contato comigo. Qualquer coisa relacionada a sala de aula, que os pais venham resolver comigo. Se for um caso de coordenação, resolva com a coordenação. Se não for um caso de coordenação, a gente resolve em sala de aula. Porque às vezes acontece, um coleguinha quebrar um copo, um coleguinha fazer alguma coisa e o pai vem de casa pronto para a briga. Mas tentamos resolver da melhor maneira possível para não ter conflito entre os pais. Digo que a professora e os pais devem se dar muito bem por um bem maior que é a criança. Quando você se dá bem com os pais da criança, esse aluno só tem a crescer e a ser um bom aluno. Quando você entra em conflito com os pais, você se sente retraído para falar alguma coisa para essa criança. Então nós não devemos agir desse jeito por causa disso, porque quando você entra em conflito com o pai e com o aluno, é complicado trabalhar, é igual brigar com o vizinho. O vizinho faz tudo quanto

é jeito de te detonar. Atuo há onze anos nessa escola. Então eu procuro me dar bem com todos os pais, conversar, dialogar, gosto de manter esse diálogo e conversar com eles. Não mando recado na agenda da criança do tipo: “olha, seu filho fez isso ou fez aquilo”, a mãe não gosta de receber reclamações do seu filho todos os dias. Então, você espera a reunião para poder falar sobre a criança. Acho que é a melhor maneira de trabalharmos sempre. Então nunca tive problemas com os pais/responsáveis dos alunos (Professora Conceição - informação verbal).

O relato da professora Conceição abrange mais assuntos pois, primeiramente ela já tem um período de atuação mais longo dentro da escola e possui uma experiência no campo da relação com os pais e responsáveis das crianças. É importante perceber o quão ela valoriza essa relação e age de forma que essa relação se mantenha saudável, como ela disse, “por um bem maior que é a criança”.

Também é bem tranquila. Aqui a minha turma só tem oito alunos, conheço todos os pais, eles são presentes dentro de sala de aula, nesse sentido de o que eu precisar de reunião, eles estão aqui então é bem tranquilo. Mas tem casos de pais que não acompanham no sentido de estar presente com a criança, então, são as crianças que às vezes tendem a ter mais dificuldade, a gente chama, aguarda atendimento, alguns vêm, alguns não vem, então a coordenação vai dando esse suporte para podermos ver como conseguiremos executar o trabalho. Então, ter os pais comigo é algo essencial, necessário. Às vezes eu mando meu recadinho. “Olha, tal, tal, tal, organizar isso aqui”, “Vamos organizar o trabalho”, “Vamos organizar a agenda?”, “Percebi que as atividades não estão sendo feitas”. Então, temos sempre esse contato com eles porque é preciso. Eu deixei isso muito claro ainda mais na etapa de alfabetização. Porque muitas vezes meus alunos falam: “eu prefiro matemática a português”. Claro, porque aprender a ler e escrever é uma tarefa difícil, não é simples. E imagina você estar o tempo todo ali desde criancinha e não conseguir decodificar aquilo que está ali, você decodifica mas não lê porque você sabe decodificar, você não está conseguindo ler, você não está entendendo o que está escrito para ela passar por esse processo ainda de letramento, de conseguir entender o que está sendo escrito. Então, é um processo que pode frustrar, que pode desmotivar. Por isso, é preciso que eles tenham acompanhamento também em casa até mesmo para questão de apoiar ele, incentivá-los também. E fazer com que eles consigam completar esse processo de alfabetização dentro do ciclo de alfabetização, é necessário para que ele não tenha dificuldades ali na frente, que não vá para o quarto ano, por exemplo, não sabendo interpretar um texto minimamente. Porque assim, eu acredito que ler por ler, por exemplo “aula de matemática”, a criança não vai conseguir compreender aquilo, eu quero que ela saia desse ciclo de alfabetização conseguindo ler, entender, produzindo textos. É necessário porque a alfabetização, o letramento ali, ele é utilizado no dia a dia da gente quando adulto também. Temos que perceber, entender e expor ao mundo que não é simplesmente decodificar o que está ali. Então, temos que buscar, incentivar e também o que puder tirar proveito daquilo, o que puder puxar das crianças, digamos assim, explorar o máximo o que der delas, pois, elas têm potencial para isso e quando a família ajuda... Nossa Senhora... a gente consegue ir além de uma forma maravilhosa (Professora Clarice - informação verbal).

O relato da professora Clarice direciona o entendimento de que o papel dos pais ou responsáveis no ensino aprendizagem da alfabetização, é de extrema importância. Em casos de crianças em que os pais ou responsáveis não acompanham, as crianças possuem mais dificuldade de aprendizagem. Então, é imprescindível que tenha o acompanhamento dos pais nesse processo.

O assunto sobre a importância do acompanhamento da família no processo de ensino aprendizagem das crianças foi resposta unânime quando as professoras foram perguntadas se elas consideravam que só o trabalho do professor seria suficiente para alfabetizar os alunos.

A ajuda da família é essencial. Tenho muitos casos de alunos que quando a família não acompanha, geralmente têm mais dificuldade e quando tem dificuldade e a família acompanha, é mais simples porque nós buscamos estratégias juntos. Por exemplo: “Ah, então vou buscar um particular”, “ah então eu vou começar a acompanhar mais”, enfim, “então eu vou começar a acompanhar as atividades que estão indo pra casa que não estão sendo feitas (Professora Firmina - informação verbal).

Porque muitas vezes a criança, por exemplo, faz (a atividade) sozinha e vem errado, porque não tem explicação. Claro que tem autonomia da criança fazer sozinho, oriento que faça sozinho, mas que verifique com o pai ou a mãe se está certo, para ter aquele suporte. Então, ele cria autonomia de fazer sozinho e busca alguém porque fazer por fazer sem ter o acompanhamento... são crianças de cinco anos de idade. Então, transferir a responsabilidade de uma atividade que faz parte do processo de alfabetização dela, não só da alfabetização, mas, de toda a questão da escolarização dela, só nela, é complicado demais. Os pais têm responsabilidades, então, eles têm que cumprir com o papel deles como responsáveis, entendeu? (Professora Conceição - informação verbal).

Observa-se a ideia que as professoras possuem para tratar sobre a importância do auxílio da família no processo de alfabetização das crianças, através do que elas percebem e presenciam no cotidiano escolar. Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão, mas um dever, até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles, afirma Paulo Freire (1996).

É todo um segmento, mas no total, a família, a comunidade a que ela pertence, então não é só o professor. E tem que trazer uma bagagem já de casa, é com essa bagagem que a gente vai desenvolver com a criança. Porque eu não acredito que em casa um pai não lê um livro, não ensina, não orienta, então, isso está faltando. Porque às vezes eles querem jogar a responsabilidade “Professor meu filho ainda não sabe ler?” Alfabetizar tem as suas fases. As fases de alfabetização é pré silábico, silábico, são as fases que a criança passa que às vezes o pai não sabe e diz “É só besteira”. Ele já quer que a criança aprenda a ler de um dia pra noite, não é assim. Tem que esperar o tempo da criança, as fases que ela vai passar.

Tem criança que consegue, mas tem criança que não consegue. Todas elas vão conseguir chegar na linha de chegada, só que umas vão demorar mais do que as outras. Um aprende de um jeito, outro aprende de outro e o professor tem que ver como que essa criança aprende. Eu tenho um aluno que eu estou observando, ele não sabe tirar do quadro, mas ele já começou a ler, tudo que eu escrevo ele pergunta “tia, aquela palavra é assim?”, então ele gosta de ler, mas percebi que ele não gosta de escrever. Então, já é uma habilidade que ele já está conseguindo desenvolver, mas tem que desenvolver também essa vida de escrever, porque ele já vai só ler na escola, né? Mas é assim, né? Uma hora eles conseguem (Professora Cecília - informação verbal).

Identifica-se no relato da professora Cecília que existe uma cobrança por parte dos pais ou responsáveis das crianças em relação a aquisição imediata da alfabetização delas, porém a aquisição do domínio da linguagem e escrita é um processo que pode ter uma durabilidade de acordo com cada criança. Para Ferreiro (1996) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente, portanto, apressar esse processo significa pular etapas e conseqüentemente, esse processo não será concretizado com qualidade.

É necessário que tenha um trabalho família/escola. A escola sozinha não dá conta de tudo. Por quê? Porque aqui é uma parte do dia das crianças. É claro que a gente não vai transferir nossa responsabilidade enquanto escola. Eu como professora eu não posso deixar tudo na mão dos pais. Eu que sou formada. Eu que estudei e continuo estudando para atuar dentro da minha sala de aula, porque é preciso. “Ah, tu só tem oito alunos”, “Ah, é uma escola de bairro”, não importa. São crianças que estão ali sendo alfabetizadas. Eu levo muito a sério o meu trabalho nesse sentido. Mas não é o suficiente e eu deixo isso muito claro na reunião com os pais. E inclusive para os pais eu conversei bem abertamente, pedia e dizia, “olha se precisar de ajuda, alguma atividade”, tem pai que já me perguntou “tia, como é que eu faço pra tal pessoa ler melhor?” “Tia, isso aqui eu mando então?”, “Olha, você pode fazer isso”, às vezes a gente recorre também “Ah, uma leiturinha, tu pode verificar na internet alguma coisa”, “ah vou pedir para uma pessoa da lan house imprimir”. Aí para gente como estudante de pedagogia sabe que às vezes alguns textos são só para decorar, mas para o pai que tá dentro de casa com aquela criança, desde que ela trabalha aquele fonema, desde que ela trabalha aquela escrita, desde que ela faça as atividades de sala de aula, já é um auxílio. Porque o aluno ele já vem com aquela continuidade do que foi dado em sala, ele tem em casa, ele continua em sala, então não tem aquela queda. É diferente de um aluno que falta muito. Exemplo, aluno que falta na semana duas vezes e na outra ele não vem um dia. Na outra semana ele não vem um dia e ninguém avisa, os pais não avisam. Como que vai acontecer com aquela criança? E ela vai sentir ainda quando ela chega em sala desmotivada, desvalorizada, ela vem sem a rotina, não é acompanhada, então isso é muito complicado, entende? É necessário que a escola e os pais tenham um trabalho em conjunto. Eu sozinha não faço nada, as coordenadoras não fazem nada sozinha. A gestora não faz nada sozinha, a gente não faz nada sozinha. Então é preciso que os pais estejam presentes durante a trajetória escolar do aluno, a trajetória escolar, não só alfabetização, né? Mas principalmente nessas etapas (Professora Clarice - informação verbal).

Podemos perceber através dos relatos das professoras o quão importante é para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança ter o acompanhamento dos pais, responsáveis ou da família. Portanto, a família exerce muita influência sobre o comportamento infantil, expresso nos valores pessoais, nas atitudes sociais e na conduta da criança (STIMIESKI, 2010).

Quando a criança se sente acolhida, compreendida, apreciada e respeitada, suas chances de sucesso acadêmico aumentam consideravelmente. A participação da família na vida escolar dos filhos é uma das chaves para o sucesso acadêmico e pessoal das crianças. A coordenação da escola entende isso, portanto, a coordenação tenta manter contato constante com os pais para que essa parceria entre família e escola seja consistente. Porém, nem sempre o chamado é atendido, como revela a coordenadora Rosiane.

Nós organizamos todo um calendário com as reuniões dos pais/responsáveis ano passado, ficou super organizado. Chamávamos, mas esse auditório não ficava cheio. Com todos os pais/responsáveis de todas as crianças que eram solicitados, pouquíssimos vinham. Acaba que ficamos desestimulados. Esse ano, ainda não fizemos a nossa reunião dessa forma, fizemos cada um de forma individual. Mas como esperávamos que acontecesse sempre, nós não fizemos mais. Acho que criou um desânimo que nem nós mesmos não conseguimos perceber (Coordenadora Rosiane - informação verbal).

Esse é o maior desafio da escola hoje. A família entender a parcela de contribuição que ela tem. Então sempre são as mesmas falas: “eu não tenho tempo”, “eu trabalho o dia inteiro”, “não sou eu quem tomo de conta”, “eu não tenho paciência”, “ele tem aula de reforço”, mas não há um monitoramento nesse reforço, por exemplo. É um reforço escolar, o que essa criança tá fazendo lá? Tá fazendo o dever? É aí quando nós contestamos na escola e sempre há a resposta: “não, mas eu pago o reforço, pago material, ele tem livro, não estuda porque não quer”, mas não existe um monitoramento dos pais muito assertivo. Sempre com essa fala de não ter tempo, não ter paciência e trabalhar o dia inteiro (Coordenadora Marcela - informação verbal).

Apesar de se sentirem desestimuladas mediante a falta de retorno dos pais, as coordenadoras entendem que precisam persistir para que a família faça parte da escola. É pertinente compreender também sobre a realidade que as famílias estão inseridas, sendo famílias que estão em vulnerabilidade social, econômica e emocional, problemas que acabam causando o afastamento da família perante a escola. Infelizmente, essa lacuna entre família e escola ainda é uma realidade preocupante, pois, a relação entre família e escola não deve estar desarticulada.

Durante a fase escolar as avaliações dos professores, coordenadores pedagógicos, colegas e pais influenciam na percepção que a criança tem de si mesma. Infelizmente, situações de baixo rendimento, reprovação e evasão podem causar danos à autoestima da criança. Esses sentimentos negativos podem persistir por anos e até mesmo desencadear outras dificuldades. Quando a criança não consegue se alfabetizar, quais são as estratégias utilizadas pelas professoras?

Na minha sala no ano passado, dos doze alunos, apenas quatro saíram sem ficar alfabetizados. Mas saíram lendo, fazendo texto. Desses quatro alunos, foram alunos que faltaram muito e percebi a falta de acompanhamento dos pais em casa. Então também tem essa questão. A prova disso é que estou aqui há dez anos e todo ano, os meus alunos saem lendo para o primeiro ano. As professoras do andar de cima (andar que possui salas de aula do primeiro ao sexto ano) disseram “os alunos daqui da casa não tem trabalho nenhum”, respondi “beleza, eu fiz todo um trabalho aqui embaixo” (andar que possui salas da educação infantil). Então, se você tiver seu método de ensinar, que tenha recurso, pois você tem que trazer bastante recurso e como a escola não disponibiliza, temos que trazer (Professora Conceição - informação verbal).

Na Escola Irmã Maria do Socorro, a Pré-Escola II é onde o ciclo de alfabetização começa, as crianças são apresentadas e inseridas no mundo da alfabetização. O ciclo de alfabetização irá se consolidar no final do segundo ano dos Anos Iniciais, mas, podemos perceber através do relato da professora Conceição, que ela sendo professora da Pré-Escola II, consegue formar crianças alfabetizadas nesse ciclo e que a parcela de crianças que não sai alfabetizada, vai para o ano seguinte com uma base de conhecimento para que a alfabetização se consolide.

Quando a criança vem de um maternal tendo todo o conteúdo, que são os mesmos, o que diferencia são as séries por ano, as etapas que vai passando e o grau de dificuldade. E quando a criança do maternal começa a vir com esse conteúdo, identificando, se familiarizando, quando já tem um conhecimento do conteúdo, é uma base que só vamos aprimorando. Então dá sim para alfabetizar. Mas o importante também é a família. A família tem que estar junto nesse processo de alfabetização porque nós não trabalhamos sozinhas e nós temos que ter o apoio e quando nós temos esse apoio, conseguimos alfabetizar (Professora Djamilia - informação verbal).

De acordo com o relato da professora Djamilia, mais uma vez, podemos perceber como o acompanhamento dos pais ou responsáveis com o ensino aprendizagem das crianças é importante para que o ciclo de alfabetização se consolide.

É minha missão, mas pelo processo que eu percebo, eles vão conseguir. Então eu tenho uma aluna aqui que eu percebo que ela não tem muito esse acompanhamento, quando ela entrou, não conhecia o alfabeto, não conseguia tirar a atividade do quadro, hoje ela já consegue, conhece o alfabeto, já conhece de zero a dez, de zero a nove, ela não conhecia os números naturais, ela já está dominando. Como ela veio de outra escola e teve o período de isolamento da pandemia, as aulas online, não estudou, os problemas pessoais da criança também... Mas assim eu percebo que vão conseguir. Já tem uns alunos que já estão lendo agora. Agora quando terminar o primeiro semestre e eles voltarem já estão calibrados (Professora Cecília - informação verbal).

Nos relatos das professoras Cecília e Clarice, podemos identificar que elas entendem alfabetização como um processo de construção:

Eu nunca finalizei a turma de alfabetização, então não tenho experiência de o aluno não sair alfabetizado. Sobre isso eu não posso te responder ainda. Se tu perguntares para mim se tem algum aluno que desde o início do ano até esse momento não teve melhora alguma, eu digo que não existe. Porque todos eles melhoraram. Tem aluno que saiu do silábico sem valor sonoro está na fase de valor sonoro. Outros que estão silábico valor sonoro, estão quase alfabetizados. Tem uns que já estavam ali no silábico com valor sonoro, que era a maioria da turma, já veio decodificando boa parte da turma e agora já estão alfabetizados. São alunos que já conseguem fazer a leitura dos textos que o próprio livro já traz, são alunos que conseguem fazer a produção textual melhor do que antes. E a gente vai trabalhando essa questão dos erros ortográficos que acontecem também durante o ciclo de alfabetização (Professora Clarice - informação verbal).

As coordenadoras têm uma visão diferenciada sobre a obrigatoriedade do processo de alfabetização se consolidar em um período determinado.

Eu acho que é uma falácia. Primeiro que a gente não é batalhão, exército e nem os meninos são iguais. A gente vai conseguir atingir um objetivo. Mas alfabetizar, não, vai estar todo mundo no segundo ano alfabetizado? Não. Vai chegar no terceiro e ainda vai estar terminando algumas coisinhas. E a gente passa a vida toda aprendendo o que é gradativo mesmo. Você aprende um pouco aqui, repete no outro ano e aprende algo novo, repete no outro ano e aprende algo novo. Então é uma ilusão dizer que a gente vai alfabetizar todo mundo ao mesmo tempo (Coordenadora Marcela - informação verbal).

Podemos compreender que o processo de alfabetização pode ultrapassar o período determinado pelos órgãos reguladores da educação brasileira, porém, é também compreensível que essas crianças possam ter dificuldades durante o processo que acarrete na não conclusão da alfabetização no período determinado. As professoras trabalham, planejam, se esforçam, criam ou compram materiais, jogos educativos às vezes do próprio bolso, elas se empenham para que aquela

criança seja alfabetizada. Mas como essas professoras lidam quando essa criança não se alfabetiza?

Quando não consigo alfabetizar um aluno eu fico decepcionada porque não consegui. Mas quando ele sai da pré escola, ele sai com bastante conhecimento. Uma bagagem muito grande. Eles também trazem conhecimento, um conhecimento empírico de casa (Professora Conceição - informação verbal).

Olha, antes quando eu não tinha entendimento, quando não tinha a formação em pedagogia, eu me culpava muito, mas hoje eu sei que não é assim. Tem outros problemas que levam a criança a não ser alfabetizada como, problemas emocionais, déficit de atenção, dislexia, hiperatividade, e às vezes tem que procurar um especialista, e nós não vamos dar diagnóstico, não somos especialistas. A gente percebe que essa criança vai dar dificuldade. Até o segundo ano ainda é para alfabetizar. Não estala aqui no primeiro, mas quando chegar no segundo, ela consegue. E também tem que ser uma aula prazerosa, porque se tu fizer forçado, ele não vai aprender. Ele vai aprender aquilo como uma coisa forçada, ele não vai gostar de ler porque foi forçado a ter que ler. Então isso tem que ser algo prazeroso com a criança (Professora Cecília - informação verbal).

Quando o aluno apresenta dificuldade porque existe, eu tento adaptar alguma estratégia para que ele consiga, seja por exemplo, ter que grampear alguma coisinha a mais, ou um recurso extra ou sentar com ele no outro momento mesmo e tentar resolver ou se vai para casa uma atividade e não consegue ser resolvido, é sinalizado, tento explicar então, eu tento sempre trazer esses conteúdos, essas coisas que são dadas dentro de sala de aula para que ele consiga aprender da melhor forma. E buscando estratégias para que ela seja resolvida, mesmo que não seja da forma que foi dada para todo mundo, digamos assim. Sempre me adapto. Eu ainda não finalizei esse processo de alfabetização com eles aqui. Então eu percebo melhoras, mas eu acho que se o aluno não fosse daquele jeito, ele poderia tá bem mais à frente. É nesse sentido (Professora Clarice - informação verbal).

De acordo com os relatos das professoras observa-se que, em um cenário marcado por desigualdades sociais, a educação é entendida como um instrumento de transformação, capaz de influenciar de forma significativa e até mesmo contraditória a realidade que nos cerca. A educação liga o professor ao aluno e o compromisso à educação não necessita ser meramente profissional, mas ali, cria-se um laço afetivo entre docente e discente.

A minha relação com os meus alunos, creio que seja a mais tranquila possível, porque eles têm um respeito por mim, eles me reconhecem como autoridade maior em sala de aula, porém eles não têm medo de mim, eles têm respeito. O que eles fazem perguntam antes, porque trabalhamos dessa forma. Sem grito, sem estar oprimindo o aluno. Trabalhamos a autonomia deles porque eles têm essa autonomia em sala de aula. E esse companheirismo que eles veem em mim é crucial. Porque eles vão desenvolver todo o processo deles em cima desse companheirismo que eles têm comigo. Tanto que eles me respeitam, não gritam, nunca tiveram nenhuma desavença comigo, procuram sim conversar comigo e entre eles para resolver esses problemas em sala de aula (Professora Firmina - informação verbal).

Percebe-se que a relação respeitosa entre professor e aluno, não é uma relação que se cria do dia para a noite, mas uma relação que se constrói e as crianças podem enxergar o professor, não só como mediador do conhecimento, mas também uma pessoa em que elas podem confiar e contar quando errarem.

Costumo dizer que na minha prática eu prefiro que eles gostem de mim do que os próprios pais, porque eles gostando de mim é mais fácil chegar aos pais. Por exemplo, se uma criança não estiver empática por você, acabou, até em casa ela vai falar mal de você e os pais vão acabar não gostando de você antes mesmo de te conhecer. Então, eu costumo dizer que eu gosto de conquistar meus alunos. À tarde eu trabalho em outra escola, são alunos do quarto ano. São crianças que quase os pais não estão podendo acompanhar, alguns trabalham, têm problemas e cada um com seus problemas, né? Então, eu percebi que a turma não tinha aquela questão de educação em si, de agradecer, obrigado. Fui dizendo, conversando, aí eu vim com aquela “muito obrigada”, tudo que eu pedia pra eles eu já usava aquelas palavrinhas mágicas. Teve um aluno que veio para mim e disse: “a senhora é muito educada”. E eles começaram também a agradecer, a tudo dizer obrigado. É o tratar. Eu gosto dessa minha relação com eles, é muito boa, eu gosto de conquistar (Professora Djamila - informação verbal).

Podemos perceber pelo relato da professora Djamila, que ela leva muito em consideração a importância de tratar bem os seus alunos, e ser da mesma forma, tratada bem. É um sentimento de parceria e cumplicidade que se cria e, portanto, a relação das crianças com o ensino se dará de forma saudável, pois serão estimulados pela professora e assim se sentirão confiantes nesse processo. O processo de ensino-aprendizagem é uma atividade conjunta entre professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções (LIBÂNEO, 1994).

É muito boa. Eu gosto muito. Eu estive doente semana passada e eu lembro que eu ficava em casa chorando agoniada, parece até besteira. Eles são acolhedores, tanto aqui como na outra escola, eles se preocupam, sabe? Tem dia que teu dia está uma tristeza, aí tu chega, parece que eles adivinham e é um dia que tu recebe algo deles, uma cartinha, uma mensagem, então assim, eu gosto muito de trabalhar com as crianças. Também tem o caso daquelas crianças que a gente sabe que passa por situações diversas, não só aqui como também em outra escola. Então, às vezes, a gente se apega no nível que, "Meu Deus, o que posso fazer por aquela criança?" Tem que se tomar cuidado para ter um filtro, porque senão toma conta da gente. Situações complicadas, então, eu sempre tive muito esse apego com as crianças, é de forma bem natural que acontece, mas hoje em dia eu tento manter, eu tenho esse apego, gosto muito, mas tento sempre manter um pouquinho desse filtro para que eu consiga trabalhar bem e que eu não deixe me consumir por tantas situações que podem acontecer porque se eu não estiver bem, eu não consigo trabalhar com elas

de uma forma bem saudável. E também não consigo seguir minha vida de preocupação por algumas situações. Então é sempre bem tranquila a minha vivência com eles (informação verbal).

As crianças respondem aos estímulos amorosos das professoras de forma positiva. As professoras relatam que as crianças são atenciosas e cuidadosas, creio que tudo isso se dá à também dedicação das professoras em tratar as crianças com respeito e dignidade. Paulo Freire (1996), afirma que é preciso estar aberto ao gosto de querer bem [...] aos educandos e à própria prática educativa de que participo.

A escola tem adaptação para receber crianças PcD com dificuldade de mobilidade, porém, não há matrículas de crianças nessas condições. Há registro de duas crianças autistas que estão matriculadas na escola. O diagnóstico de autismo é relatado no ato da matrícula pelos pais/responsáveis. Não há uma formação específica já realizada com as professoras para o atendimento com as crianças autistas e nem um profissional especializado para o atendimento. As professoras produzem o próprio plano de aula de modo que incluam essas crianças na mesma sala de aula com crianças sem o espectro. A gestora Leal afirma que o trabalho da professora com essas crianças está dando resultado positivo no aprendizado das mesmas. De acordo com a professora Firmina:

O trabalho de inclusão não é só colocá-los juntos, temos que adaptar as atividades sem mudar o contexto delas. Eu tenho dois alunos atípicos. Eles têm autismo e hiperatividade. Um é verbal e o outro não. Tenho que apresentar o conteúdo de forma que eles acompanhem, só que mudo o nível de dificuldade delas mas sem sair. Então sempre penso em atividades coletivas e atividades individuais para que eles possam estar sempre inseridos no contexto de sala de aula. Tenho um aluno que o hiperfoco dele é em letras e números, e principalmente, o reforçador dele são carrinhos. Então, pra que eu tenha o êxito do que trabalho com ele eu sempre trago carrinhos, letras e números que envolvam essa possibilidade dele aprender aquele conteúdo dentro daquela atividade. O outro aluno que não é verbal, gosta muito de Legos, então eu sempre procuro botar letras principalmente o nome dele e aqueles rolinhos de fita que ele ama. Então vou sempre envolvendo os conteúdos com os reforçadores dele para que ele vá reconhecendo (Professora Firmina - informação verbal).

A escola é o ambiente onde esse projeto é concebido e executado, exigindo uma organização cuidadosa do trabalho, a prioridade é selecionar conteúdos relevantes que estejam diretamente relacionados ao ambiente em que os alunos estão inseridos. O processo de ensino e aprendizagem é construído com base na cooperação, com decisões coletivas que garantem uma experiência democrática e

socialmente responsável. Nesse modelo teórico, o aluno é o agente principal de sua própria aprendizagem, interagindo com o grupo e com o ambiente para produzir algo significativo e útil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos limites de tempo, considero que a experiência de pesquisar o bairro do Coroadinho, de conhecer a escola comunitária como uma alternativa que foi criada por moradores do bairro para dar conta de uma demanda que historicamente não vem sendo atendida pelo poder público e de conhecer especialmente a Escola Irmã Maria do Socorro foi uma oportunidade de ampliar os meus saberes, meus horizontes e ampliar, como dizia Paulo Freire, a minha leitura de mundo.

Embora esta experiência tenha sido muito importante em vários sentidos, quero ressaltar três pontos que mais me marcaram nesta pesquisa.

O primeiro ponto é a riqueza que encontrei no bairro em que moro, que antes eu via como um bairro carente, com problemas de violência e sem atrativos. Como o meu bairro, há muitos bairros com a mesma realidade. São conhecidos por serem perigosos, serem lugares onde falta tudo como se estes problemas fossem naturais dos bairros e não consequências da falta de políticas públicas. Então, fazendo esta pesquisa, eu me perguntava sempre: por que os meios de comunicação que noticiam sempre os problemas e dificuldades que existem nesses bairros também não divulgam suas lutas e as variadas experiências positivas que foram construídas pela comunidade?

O segundo ponto que quero ressaltar é a falta de pesquisas sobre as escolas comunitárias e a pouca divulgação de suas práticas nos meios de comunicação. Se parte significativa da população maranhense é atendida pelas escolas comunitárias, por que estas escolas são tão pouco conhecidas? Não quero defender a escola comunitária seja modelo ou melhor do que outras escolas, mas a pesquisa que fiz me mostrou que não é insignificante, que há professoras com compromisso e competência, que têm muito a aprender, como todos nós, mas que também têm saberes e práticas que podem e devem ser conhecidas e discutidas.

O terceiro ponto também está ligado à necessidade de conhecermos e discutirmos as práticas das escolas comunitárias, independente de concordarmos ou não com elas. Nesse ponto vou me fixar em uma questão específica, que é a visão que a escola tem da relação entre a educação infantil e os anos iniciais.

Quando cheguei a escola, não esperava entrevistar professoras da educação infantil, mas precisei reorganizar meu planejamento quando a diretora da escola me

disse que nesta escola as crianças são apresentadas ao mundo alfabético ainda na Educação Infantil, mais precisamente na Pré Escola II.

Como procurei deixar claro no terceiro capítulo, para a Escola Irmã Maria do Socorro a introdução das crianças no mundo alfabético na Pré Escola II não impede as crianças de brincar, pois além das outras brincadeiras que continuam fazendo, elas também brincam e aprendem com as letras, brincam e aprendem com os livros, brincam e aprendem com jogos alfabetizadores. Pois é necessário, pelos relatos das professoras, que as crianças sejam apresentadas ao mundo letrado sem excluir as brincadeiras, utilizando várias metodologias para a educação das crianças.

Essa experiência me fez refletir sobre a necessidade de não decidirmos por um único método de alfabetização, desconsiderando todos os outros e de não criarmos uma relação de exclusão entre procedimentos técnicos da alfabetização e brincadeira ou vice-versa. Se a criança é só uma, por que precisa parar de brincar quando começa a ser alfabetizada? A escola pode impedir as crianças de adquirir conhecimentos prévios que serão esperados pelas professoras dos anos iniciais como conhecer o caderno, segurar o lápis, etc, sabendo que pode colocar esses alunos em desvantagem frente aos alunos de escolas particulares e de alunos que vêm famílias familiarizadas com a cultura escrita e que já chegam nos anos iniciais com esses conhecimentos prévios?

Ao ouvir e entender o sentido que as professoras atribuem à suas práticas, pude refletir que elas não querem privar os alunos da ludicidade. Para elas, o ensino do procedimento técnico da alfabetização não exclui a ludicidade, bem como, na educação infantil, não necessariamente a criança deve apenas brincar. O ensino do conhecimento da alfabetização não precisa ser apenas técnico, bem como a educação infantil não precisa ser apenas brincadeiras. Visto que, dentro dos resultados da pesquisa, percebemos que o processo de alfabetização não tem uma receita pronta, da aplicação de uma metodologia que dará sempre certo. Ficou entendido através dos relatos das professoras alfabetizadoras, que elas buscam formas de trabalhar com o conteúdo de forma lúdica e que conseqüentemente, seja atraente para aquela criança, pois elas sabem como o processo de alfabetização pode ser desafiador e difícil para a criança e elas não querem afastá-las de forma alguma desse processo. Para elas, o processo de alfabetização não precisa ser violento. Precisa fazer sentido, precisa de confiança, precisa de respeito com a aprendizagem da criança pois, dentro do percurso, ela vai errar e estará tudo bem,

faz parte do processo. Quando as crianças menos perceberem, como mostra o relato da professora Conceição, as crianças já estarão aprendendo. Quando passeiam na rua e conseguem ler alguma informação em letreiros, relatam animadas para as professoras que conseguiram ler, ou seja, elas se sentem alegres e estimuladas para aprenderem mais.

Pelos relatos das professoras, as crianças abraçam tudo o que as mesmas querem apresentar, trabalhar e brincar com elas. São muito receptivas ao ensino, tanto que, se sentem muito estimuladas quando recebem reforços positivos das professoras, quando as professoras propõem atividades diferentes que desafiem elas a terem habilidades em outras áreas, como pesquisar algo em um jornal ou até mesmo na internet, trazer a letra de uma música ou a característica de um objeto específico. Não é só as professoras que percebem a evolução das crianças no aprendizado, as crianças também, pois quando elas percebem que estão obtendo êxito nas atividades, leituras, provas ou apresentação de trabalhos que a professora propõe, as crianças se sentem muito estimuladas e querem aprender mais e mais.

As professoras, antes de serem docentes, eram alunas. Elas vivenciaram situações dentro de uma pedagogia excludente, que não levava em consideração seus saberes e não ouvia o que tinham a dizer. Elas não querem que seus alunos vivenciem os mesmos problemas que viveram. A experiência que tiveram como discentes contribuiu para que, quando estavam na posição de docentes, procurassem desenvolver uma pedagogia que acolhesse e escutasse seus alunos. Portanto, é possível perceber nas ações docentes a preocupação com a aprendizagem das crianças, de valorização dos saberes para aquelas crianças.

Levando em consideração as práticas que as professoras alfabetizadoras relataram, as brincadeiras e a alfabetização são processos importantes na formação cognitiva da criança e não se excluem. Do meu ponto de vista, precisamos refletir com mais cuidado sobre o significado destes processos e da aliança entre eles, como mostram as professoras entrevistadas. Além de ouvir a insistência na aliança entre estes processos tive a oportunidade de ver, mesmo que durante pouco tempo, a alegria que as crianças sentiam ao aprender brincando e brincar aprendendo.

REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy Aragão. **ALFABETIZAÇÃO E POBREZA**: a escola comunitária e suas implicações. São Luís: Estação Produções LTDA, 2002.

Bairro da periferia de São Luís está entre as dez que mais geram empregos no Brasil. **G1 - O portal de notícias da Globo**. 2020. <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/12/03/bairro-da-periferia-de-sao-luis-esta-entre-as-dez-que-mais-geram-empregos-no-brasil.ghtml>> Acesso em 20 de maio de 2022

BOIKO, Vanessa Alessandra Thomaz; ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. A perspectiva sócio-construtivista na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola. **Psicologia em estudo**, v. 6, p. 51-58, 2001

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In. BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Comissão de Educação aprova marco para instituições comunitárias de educação básica. **AGÊNCIA SENADO**. 2022. <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/02/17/comissao-de-educacao-a-prova-marco-para-instituicoes-comunitarias-de-educacao-basica>> Acesso em 19 de setembro de 2022

DE ARAÚJO, Alexandra Maria et al. PEDAGOGIZAR: O EDUCAR E BRINCAR SOB A ABORDAGEM DE EMMI PIKLER. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**-ISSN 2675-6218, v. 3, n. 1, p. e311059-e311059, 2022.

DE JESUS PIO, Marco Aurélio; DE ARAUJO, Celio Roberto Pinto. OCUPAÇÃO, CRESCIMENTO URBANO DESORDENADO E CRIMINALIDADE: A LUTA POR MORADIA NO BAIRRO DO COROADINHO. **Revista de Movimentos Sociais e Conflitos**, v. 5, n. 2, p. 32-50, 2019.

DE OLIVEIRA BRITO, Renato; CARNIELI, Beatrice Laura. Gestão participativa: uma matriz de interações entre a escola e a comunidade escolar. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 5, n. 2, p. 26-41, 2011.

Escola Irmã Maria do Socorro. **Estatuto do Instituto Educacional Assistencial Coroadinho**. São Luís, 2016.

Escola Irmã Maria do Socorro. **Proposta Pedagógica**. São Luís, 2021.

Escola Irmã Maria do Socorro. **Regimento Escolar**. São Luís, 2021.

FEDERAL, Senado. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2005.

Disponível em:

<<http://200-98-146-54.clouduol.com.br/bitstream/123456789/3212/1/LDBE.pdf>>

Acesso em: 7 de julho de 2023

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**, Porto Alegre: Artmed 2009

FRADE, ICAS. **Métodos de alfabetização: princípios e transformações**. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer do professor: caderno do professor formador. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, p. 21-43, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez editora, 1989.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE e Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - **Fundeb**, 2012.

<<https://www.fnde.gov.br/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/167-fundeb?download=7731:escolas-conveniadas-conforme-a-portaria-1360-a&start=27>> Acesso em 21 de setembro de 2022

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da Pedagogia**. Ijuí: Unijuí, 1998.

GAUTHIER, Clermont; MELLOUKI, M'Hammed. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação & Sociedade**, Campinas v. 25, nº 87, p. 537-571, Maio/Agosto 2004.

GIOVANNI, L. M. Indagação e reflexão como marcas da profissão docente. In: GUARNIERI, M. R. (Org.) **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 45-59.

GIOVANNI, Luciana Maria. O papel dos professores e dos pesquisadores: um desafio no processo de pesquisa colaborativa. IN: MARIN, AJ; GIOVANNI, LM; GUARNIERI, MR (Orgs.). **Pesquisa com professores no início da escolarização**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin. São Paulo, SP: FAPESP, p. 17-36, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, 1995.

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DO COROADINHO. **Coroadinho em Foco**, 2011. <<http://coroadinhoemfoco.blogspot.com/2011/02/assim-foi-o-comeco.html>> Acesso em 20 de maio de 2022

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, p. 159-176, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática** – São Paulo. Editora Cortês, Coleção Magistério, v. 20, 1994.

MARIN, A. J. Didática Geral. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral. São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2011, p.16-32, v. 9.

MEDEIROS, Kiara Kawany. **O que são as Escolas Comunitárias e sua importância**.

2020.<<https://pt.linkedin.com/pulse/o-que-s%C3%A3o-escolas-comunit%C3%A1rias-e-sua-import%C3%A2ncia-medeiros-de-souza>> Acesso em 19 de setembro de 2022

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos Cedes**, v. 20, p. 41-54, 2000.

MOTA, Antonia da S. **Coroadinho: histórico de ocupação de terras desde a década de 40 até os dias atuais**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1990.

NACIONAIS, **Parâmetros Curriculares**. introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

NUNES, Therezinha. Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico. **Educ. Revista**, Belo Horizonte, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores-saberes da docência e identidade do professor. **Nuances: estudos sobre educação**, v. 3, n. 3, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PRADO, Edna. **Estágio na licenciatura em Pedagogia: gestão educacional**. Petrópolis, RJ: vozes, 2012

RNBC - **Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias**. Ilha Literária - MA, 2023. Disponível em <<https://rnbc.org.br/redes/ilha-literaria-ma/>> Acesso em: 16 de maio de 2023

RNBC - **Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias**, 2023. Disponível em <<https://rnbc.org.br/a-rnbc/>> Acesso em: 16 de maio de 2023

SANTOS, Sílvia Caroline. **Análise de métodos de alfabetização em séries iniciais**. 2016.

SANTOS, Rosiane de Oliveira da Fonseca; LESSA, Francine Guímel de Cristo; ARUEIRA, Kelly Ciane Viana dos Santos. O lúdico e as metodologias ativas, uma leitura da Teoria da Aprendizagem de Vygotsky na Educação Infantil. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 20, 31 de maio de 2022. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/20/o-ludico-e-as-metodologias-ativas-uma-leitura-da-teoria-da-aprendizagem-de-vygotsky-na-educacao-infantil>> Acesso em: 15 de junho de 2023

SAVIANI, Demerval. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, Maria Aparecida; SILVA JUNIOR, Celestino Alves (Orgs.). **Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade**. São Paulo: Unesp, 1996.

SOARES, Magda. **Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica**, v. 9, n. 52, p. 15-21, 2003.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização e letramento: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. RIBEIRO, Vera Masagão. Escolas comunitárias: contribuição para o debate de novas políticas educacionais. **Cadernos do CEDI**. São Paulo: CEDI, documento 4, outubro 1989.

STIMIESKI, Ivone Teresinha. **A importância da família no processo de alfabetização do educando**. 2010

TARDIF, Maurice; GAUTHIER, Clermont. O saber profissional dos professores – fundamentos e epistemologia. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA SOBRE O SABER DOCENTE, 1996, Fortaleza. **Anais ...**. Fortaleza: UFCE, 1996. (mimeo).

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, São Paulo, n. 13, jan./abr. 2000a.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, São Paulo, n. 73, 2000b.

TEIXEIRA, Márcio Aleandro Correia et al. **VIOLÊNCIA E SEGURANÇA PÚBLICA: uma análise das relações entre Polícia e Sociedade no Coroadinho**. 2007.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA E COORDENADORAS PEDAGÓGICAS

- IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Formação:

Área de atuação:

1. Há quanto tempo você exerce esse cargo na escola?
2. Quais são as principais atividades que você exerce na escola?
3. Existe uma formação específica para as professoras alfabetizadoras?
4. Quem participa do planejamento escolar de alfabetização?
5. Como acontece o planejamento do trabalho escolar e práticas pedagógicas?
6. De quais formas a gestão escolar viabiliza o trabalho das professoras alfabetizadoras?
7. Quais métodos a escola utiliza para alfabetizar?
8. A escola possui dificuldades para alfabetizar as crianças? Quais?
9. Como a escola lida com essas dificuldades?
10. Quais materiais a escola disponibiliza para o auxílio das atividades de alfabetização?
11. A escola produz algum material didático para alfabetização das crianças ou busca materiais prontos? As professoras participam da confecção ou escolha desses materiais?
12. Quais critérios são utilizados na escolha do material didático dos alunos?
13. A escola realiza diagnósticos/sondagem com os alunos das turmas de alfabetização? Se sim, como esse processo é realizado e para qual finalidade?
14. A escola possui alunos PcD (Pessoa com Deficiência)? Qual o planejamento para a inclusão desses alunos? Quais são as maiores dificuldades para concretizar essa inclusão?

15. Que conhecimentos/conteúdos a escola considera indispensáveis para a alfabetização?
16. A escola consegue alfabetizar todos os seus alunos no período previsto?
17. Como gestão, quais as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização desses alunos? Como a gestão lida com essas dificuldades?
18. Quando a criança não consegue se alfabetizar no final do período previsto, como a escola se planeja para lidar com essa situação?
19. Com as suas palavras, como você definiria o papel da professora alfabetizadora no processo de aquisição de leitura e escrita desses alunos?
20. Além do professor, a escola possui outros profissionais que participem diretamente do processo de alfabetização dos alunos.
21. A escola consegue garantir a participação da família no processo de alfabetização? De que forma a escola incentiva a família a participar desses processos?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS E DA PRÉ-ESCOLA II

- IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Formação:

Área de atuação:

1. O que na sua trajetória escolar como aluna e em várias fases da sua vida você buscou incorporar ao seu trabalho pedagógico ?
2. Há quanto tempo você leciona? Fale sobre sua trajetória como professora?
3. Como foi a sua experiência ao sair da graduação para a escola? Quais foram as principais dificuldades?
4. Você fez ou faz formação continuada? Quais são as contribuições para a sua prática docente?
5. Como é a sua relação com as crianças?
6. Como é a sua relação com as crianças especificamente em torno do ensino-aprendizagem?
7. Como é a sua relação com os pais/responsáveis das crianças?
8. Você já atuou ou atua em outras instituições ou modalidades de ensino? Também são comunitárias?
9. O que levou você a ser professora alfabetizadora?
10. Na sua formação inicial, havia disciplinas específicas para alfabetização?
11. Você utiliza em seu trabalho de alfabetização métodos ou abordagens que aprendeu na graduação ou em cursos de formação continuada? Se sim, quais?
12. Fale um pouco sobre o perfil dos seus alunos.
13. Para quantas crianças você leciona por sala?
14. Como é a sua rotina com as crianças dentro da sala?
15. Quais os subsídios que a escola disponibiliza para o seu trabalho de alfabetização?

16. Fale um pouco sobre os materiais que você utiliza na sua prática alfabetizadora?
17. Você confecciona materiais didáticos para alfabetização?
18. Você costuma propor atividades de leitura para os seus alunos? Quais? Por que?
19. Você propõe atividades de escrita? Quais? Por que?
20. Você costuma trabalhar a oralidade com seus alunos? De qual forma?
21. Na sua opinião, quais conhecimentos são indispensáveis para que um aluno esteja alfabetizado?
22. Fale um pouco sobre o modo como você seleciona os conteúdos para alfabetizar seus alunos. Fale também sobre o modo como você ensina esses conteúdos.
23. Como você faz no dia a dia para saber se o aluno está aprendendo? Você faz diagnósticos de aprendizagem com os seus alunos? Se sim, como se dá esse processo? Você utiliza outras práticas?
24. Você faz alguma atividade de diagnóstico/sondagem com as crianças ao longo do ano para verificar a evolução da turma? Se sim, com qual frequência? Como são essas atividades?
25. Quando a criança não consegue se alfabetizar ao longo do processo, como você lida com essa dificuldade?
26. Ao final do ano, você consegue alfabetizar todos os seus alunos? Quais são as suas estratégias?
27. Quais dificuldades você enfrenta para alfabetizar a sua turma?
28. Você considera que só o trabalho do professor alfabetizador é suficiente para alfabetizar os alunos? Se não, quais são os outros elementos necessários para que essa alfabetização se consolide?
29. Além do espaço da sala de aula, você utiliza outros espaços da escola no processo de alfabetização dos alunos? Se sim, quais espaços e sua utilidade?
30. Há crianças PcD (Pessoa com Deficiência) na sua sala? Qual o planejamento para a inclusão desses alunos?
31. As crianças têm contato com livros? Como é a relação delas com os livros? Você conta história para elas? Você trabalha com o sentido destas histórias?

32. Na sua opinião, qual o diferencial da escola comunitária que você leciona?